

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**YASMIN BARRETO DÉDA CHAGAS**

**A MULHER NA COLUNA RETRATOS FEMININOS:**

**Tensão entre Memória e Esquecimento**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE**

**2019**

**YASMIN BARRETO DÉDA CHAGAS**

**A MULHER NA COLUNA RETRATOS FEMININOS:**

**Tensão entre Memória e Esquecimento**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM/UFS), na linha Cultura, Economia e Políticas da Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto Barros

**SÃO CRISTÓVÃO – SE**

**2019**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

C433m Chagas, Yasmin Barreto Déda  
A mulher na coluna retratos femininos : tensão entre  
memória e esquecimento / Yasmin Barreto Déda  
Chagas ; orientadora Maria Emília de Rodat de Aguiar  
Barreto Barros. – São Cristóvão, SE, 2019.  
102 f. : il.

Dissertação (mestrado em Comunicação) –  
Universidade Federal de Sergipe, 2019.

1. Comunicação de massa. 2. Jornalismo – Sergipe.  
3. Jornais – Seções, colunas, etc. 4. Editoriais -  
Mulheres. I. Barros, Maria Emilia de Rodat de Aguiar  
Barreto, orient. III. Título.

CDU 659.3:070(813.7)



**Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Universidade Federal de Sergipe  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação**

**ATA DE SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO-UFS**

**Título do trabalho:** “A mulher na coluna Retratos Femininos: tensão entre memória e esquecimento.”

**Aluno(a):** YASMIN BARRETO DEDA CHAGAS

**Data da defesa:** 30/08/2019

Às 10h00 (dez horas) do dia 30 do mês de agosto de 2019, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe realizou a Defesa de Dissertação da discente YASMIN BARRETO DEDA CHAGAS denominada “A mulher na coluna Retratos Femininos: tensão entre memória e esquecimento”, orientada pela profa MARIA EMILIA DE RODAT DE AGUIAR BARRETO BARROS, conforme o que estabelece a Resolução 60/2014/CONPE/UFS, que regula o funcionamento do PPGCOM/UFS. A banca examinadora foi composta pelos professores doutores RAQUEL MARQUES CARRIÇO FERREIRA (PPGCOM-UFS) presidente, RENATA BARRETO MALTA - avaliadora interna (PPGCOM-UFS) e ROSÂNGELA TENÓRIO CARVALHO - avaliadora externa (UFPE). A sessão solene de Defesa ocorreu na sala de reuniões DCOS. Após a discente proceder à apresentação da dissertação, a banca fez os questionamentos e comentários referentes ao trabalho, os quais foram respondidos pela discente. Ao final, a banca reuniu-se reservadamente e considerou a discente YASMIN BARRETO DEDA CHAGAS APROVADA no Curso de Mestrado em Comunicação da UFS.

Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos”, 30 de agosto de 2019

Profa Dra RAQUEL MARQUES CARRIÇO FERREIRA - presidente (PPGCOM-UFS)

Profa Dra RENATA BARRETO MALTA - avaliadora interna (PPGCOM-UFS)

Profa Dra ROSÂNGELA TENÓRIO CARVALHO - avaliadora externa (UFPE)



Dedico este trabalho  
à minha avó Zilda Déda e a todas as mulheres “sem nome” perfiladas  
pela Retratos Femininos

## AGRADECIMENTOS

Há sempre muito a agradecer em todo caminho que decido trilhar. Eu não ando só, é uma honra estar sempre cercada de pessoas que me inspiram por seus trabalhos, pelas lutas que abraçam, pelas maneiras de viver o leve e o pesado da vida. Agradeço

- À professora Maria Emília, por todo o comprometimento, a dedicação e a generosidade compartilhados durante nossa pequena grande jornada juntas. Guardo seus ensinamentos e seu exemplo no coração.
- À minha família, por todo o amor e toda a base de criação, permitindo-me sempre enxergar que há soluções pra esse mundo meio torto, desde que não paremos de nos importar e de caminhar.
- À minha mãe, Bel Barreto, por ser tão forte em suas crenças e lutas, por amar sempre incondicionalmente.
- Ao meu pai, Marcelo Déda (*in memoriam*), pela capacidade de transformar sonhos em atos e palavras, por me mostrar a força do coletivo, por me fazer acreditar em quimeras.
- Às minhas irmãs Marcella e Luísa, aos meus irmãos João e Mateus e ao meu sobrinho Bento, por sempre termos uns aos outros, porque quando estamos “todos nós no mesmo barco, não há nada pra temer”.
- A Filipe por ser calmaria em meio ao caos, por toda paciência e sensibilidade.
- Aos meus amigos, por tanta delicadeza e carinho, por compreenderem todas as minhas ausências e serem companheiros em todos os momentos.
- Aos colegas de sala, professores e funcionários que compõem o PPGCOM/UFS, por todo o aprendizado dos últimos dois anos. Sou grata por ser graduada e por ter sido mestranda em uma universidade pública que segue produzindo ciência e resistindo em tempos tão difíceis.
- Aos colegas do TCE/SE, pelo acolhimento e compreensão.
- A Synara, pelas sessões de terapia que foram tanques de oxigênio quando me faltou o ar.
- A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desse caminhar.



“Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo.”  
(Michel Foucault)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar discursivamente a coluna Retratos Femininos, do jornal sergipano 'A Semana', circulado nos municípios de Simão Dias, Paripiranga, Lagarto, entre 1946 - 1969. A "Retratos" perfilava mulheres da cidade de Simão Dias, consoante suas características físicas, psicológicas, sob a observação do proprietário do jornal Carvalho Déda, sob o pseudônimo de Leonardo de Vince. Buscamos analisar esta coluna, para entendermos os discursos que a atravessam: se conservador e parte de uma sociedade de bases disciplinares ou, contrariamente, se há o rompimento desses discursos. Consequentemente, estudamos as condições de produção das descrições dos perfis, a autoria, a subjetividade, a verdade. Nesses termos, como aporte teórico, adotamos a Análise de Discurso de vertente francesa, com vistas às noções de discurso, sujeito, Memória, Interdiscurso, conforme Orlandi; os conceitos de enunciado, autoria, verdade, poder/saber, disciplina, desenvolvidos por Foucault; contamos ainda com as contribuições de Gregolin, quanto aos discursos da mídia. Para efeitos de análise, selecionamos as colunas concernentes ao primeiro ano do jornal (1946), composta por dezesseis edições, por seu caráter ininterrupto atinente ao processo desde a produção à veiculação dos jornais. Quanto à metodologia de análise, empregamos os ensinamentos de Foucault, em "Arqueologia do Saber", "A Ordem do Discurso" e utilizamos os conceitos de Orlandi (2015).

**Palavras-chave:** Gênero; Mídia Jornalística; Discurso.

## ABSTRACT

The present study aims to discursively analyze the newspaper column *Retratos Femininos*, published in '*A semana*', a newspaper based in Sergipe, with circulation in Simão Dias, Paripiranga, Lagarto, from 1946 - 1969. "*Retratos*" profiled women from Simão Dias, according to its author (Carvalho Déda, under pseudonym of "Leonardo De Vince"), observations regarding their physical and psychological traits. We seek to analyze this column so as to understand the discourses contained therein: whether conservative and part of a disciplinary society or, contrarily, whether this discourse is disrupted. Consequently, we study the conditions for discourse production, authorship, subjectivity, truth, power/knowledge, discipline, develop by Foucault; we also consider Gregolin when analyzing media discourse. For analysis purposes, we select the columns that were published during the first year of the newspaper (1946), comprised of sixteen editions, due to its uninterrupted characteristic regarding the process from production to newspaper circulation. As for the analysis methodology, we employ Foucault's teachings, in "The Archaeology of Knowledge", "The Discourse on Language", similarly, we employ the ideas of Orlandi (2015).

**Keywords:** Gender; Journalistic Media; Discourse



## **LISTA DE FIGURAS E QUADRO**

Figura 1: Retratos Femininos 1946 -----	p. 19
Figura 2: Retratos Masculinos 1947 -----	p.19
Figura 3: Jornal A Semana, Edição 12, coluna RF -----	p. 61
Figura 4: Jornal A Semana, Edição 13, coluna RF -----	p. 74
Quadro 1: Quadro de análises -----	p. 52

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AD – Análise do Discurso, de orientação francesa

CD – Carvalho Déda

FD – Formação Discursiva

RF – Retratos Femininos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O DISCURSO SOBRE A MULHER</b>	<b>12</b>
1.1 O JORNAL ‘A SEMANA’: CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO DE SUA INSTAURAÇÃO	12
1.2 MULHER, IDENTIDADE E PODER	18
1.3 A MÍDIA E A PRÁTICA DISCURSIVA	24
<b>CAPÍTULO 2 - ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO</b>	<b>28</b>
2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO	29
2.2 O CONTROLE DO DISCURSO	30
2.3 O AUTOR COMO FUNÇÃO DISCURSIVA	35
2.4 PODER DISCIPLINAR E O CORPO FEMININO	38
<b>CAPÍTULO 3 - QUAIS SÃO E COMO FUNCIONAM OS DISCURSOS CIRCULADOS NA COLUNA RETRATOS FEMININOS</b>	<b>45</b>
3.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS	45
3.2 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	51
3.3 EM BUSCA DA FORMAÇÃO DISCURSIVA	58
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>83</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>86</b>





## INTRODUÇÃO

“Quem somos nós?”<sup>1</sup>

O presente estudo trabalha sob a premissa de que a construção do feminino se dá pela formação do indivíduo como sujeito na sociedade. Existem motivos culturais, e não biológicos, para que mulheres carreguem papéis de gênero a cumprir e motivos sócio históricos para que este papel esteja localizado, muitas vezes, em uma posição de inferioridade e de fragilidade quando comparado ao gênero masculino, embora existam disputas que possibilitam rupturas nesta estrutura.

As mulheres são perfiladas desde o início dos tempos, elas já foram descritas por grandes escritores, por pintores de renome, pela bíblia, pelas ciências biológicas, por anúncios publicitários, pela mídia em geral. Todos esses discursos a respeito da mulher são parte dos discursos formadores da identidade feminina e têm importância para a subjetivação da mulher no lugar que ela ocupa na sociedade. Por conta disso, tomamos a decisão de basearmos a nossa pesquisa nas teorias que dialogam com a análise do discurso.

Nesta pesquisa, pretendemos elaborar uma análise discursiva da coluna Retratos Femininos. Dentre os objetivos específicos, que contribuem para consolidação desse objetivo geral, buscamos entender como a mulher era retratada pela coluna RF; quais os discursos que circulavam nesta coluna; de que maneira esses discursos contribuem para a construção da identidade feminina e para a subjetivação deste indivíduo como mulher. Para obtermos as respostas, analisamos também os fatos que cercam o jornal A Semana, um pequeno periódico, do interior de Sergipe, que circulou em meados do século passado. Sob essas condições de produção, adicionadas à questão da autoria, analisamos os discursos que circularam na coluna.

“Anjinho”, “alma de bondade imortal”, “amiguinha”, “pequeno colibri”, são alguns das expressões elogiosas proferidas sobre meninas e mulheres na coluna Retratos Femininos, do jornal A Semana. Em todos esses elogios percebemos discursos que remetem a outros discursos (ORLANDI, 2015); buscamos durante o trabalho explorar esse “já dito”, recorrendo a formações discursivas perpassadas na coluna. Deixamos claro que, de maneira recorrente, a mídia nos remete a esses “já ditos”, ao trabalhar com memória discursiva, culminando em

---

<sup>1</sup> Questionamento levantado por Michel Foucault em entrevista localizada no minuto 20:18 do documentário “Foucault Contre Lui-Même”, CAILLAS (2014).

práticas discursivas, ao partir de um lugar institucional que, em geral, é permeado pela confiança e legitimidade – que disseminam noções de verdade.

A verdade nesta pesquisa é trabalhada sob um viés foucaultiano ([1970] 2014; [1973] 2002), segundo o qual ela constitui um discurso que pode ser dito em lugares que criam suas próprias regras e, por meio dessas regras, nascem certas formas de subjetividade, de objetos e de saberes. Esta verdade nasce das práticas sociais, como as existentes na mídia, e imprimem comportamentos, maneiras de ser que, embora pareçam ser imutáveis e ter feito sempre parte da nossa sociedade, são fruto de disputas de poder e discursos disciplinares, como mostramos durante o trabalho de pesquisa.

Ao folhear as páginas do jornal, sem o rigor científico, deparamo-nos com o texto das colunas e atentamos para um pedacinho do jornal que se preocupa em perfilar mulheres da cidade com galanteios e elogios, sob um pseudônimo. Já é perceptível aos olhos de um leitor mais atento certas ideias religiosas e a necessidade de comparar as mulheres a elementos da natureza, mas nos questionamos sobre o que podemos perceber além disso.

O jornal *A Semana* circulou, durante o período de 1946 a 1969, nas cidades de Simão Dias, Lagarto e Paripiranga, os dois primeiros do estado de Sergipe; o último, da Bahia. O jornal contava com algumas seções fixas, notícias locais, nacionais e até internacionais, e anúncios – no interior dessas seções, estava a coluna *Retratos Femininos*, que consistia em perfilar as mulheres da cidade de Simão Dias. Decidimos por analisar as 16 primeiras edições da coluna RF, publicadas no primeiro ano de circulação d’*A Semana*, 1946.

Ao nos dedicarmos à seleção do *corpus* do trabalho, já adentramos a análise do discurso, de acordo com Orlandi (2015). Durante as análises, encontramos discursos que foram reatualizados nos enunciados da coluna e os organizamos nas seguintes tipologias/eixos discursivos(os): I) discurso religioso; II) discurso pedagógico; III) discurso institucional; IV) discurso literário. Também identificamos V) rupturas discursivas, discursos que destoam dos demais e apresentam uma nova possibilidade de subjetivação das mulheres perfiladas.

A análise do discurso, por sua vez, ofereceu-nos ferramentas que nos possibilitaram a compreensão da língua fazendo sentido, constitutiva da história (ORLANDI, 2015). Por conta dessa escolha, encontramos a necessidade de tornar parte do trabalho a contextualização, relacionando a língua com sua exterioridade. Desta maneira, pensamos os primeiros capítulos e, depois, seguimos para os demais capítulos que apresentam questões sobre a análise de discurso de linha francesa e conceitos foucaultianos, visto que seguimos essas teorias na produção das análises.

A seguir, apresentamos, de maneira mais detalhada, o que nos propomos a realizar neste trabalho de pesquisa:

**Capítulo 1:** neste capítulo trata das relações entre mídia, discurso e identidade. Em seu primeiro tópico, descrevemos o objeto desta pesquisa, o jornal A Semana, suporte da coluna Retratos Femininos. Os aspectos sócio históricos da época de sua circulação e aspectos sobre a fundação do jornal são recuperados para dar embasamento às condições de produção dos discursos circulados pelo periódico. No segundo tópico, por meio do aporte teórico dos Estudos Culturais, tratamos de uma discussão sobre o gênero, a formação de identidades e subjetividades do feminino, tendo como referente o homem - este funcionando como norma, enquanto a mulher funciona como “outro”. No terceiro tópico, relacionamos mídia e discurso, colocamos a mídia como parte da prática discursiva responsável pela produção de identidade e subjetividades.

**Capítulo 2:** neste capítulo, tratamos de esclarecer alguns conceitos trabalhados nas análises do terceiro capítulo. No primeiro tópico, discutimos sobre a Análise do Discurso, de vertente francesa, seu surgimento, seus principais conceitos; do segundo tópico em diante, dedicamo-nos a tratar dos conceitos foucaultianos que também regem a nossa pesquisa. Debates sobre a ordem que possibilita a aparição/legitimação de certos discursos na nossa sociedade; fazemos um levantamento de discussões a respeito de autoria que, neste trabalho é utilizada como uma função discursiva; tratamos sobre questões ligadas à subjetivação do sujeito por meio de discursos disciplinares, tendo o corpo como ferramenta.

**Capítulo 3:** neste último capítulo, tratamos da análise do *corpus*, com base nas teorias da AD francesa e foucaultiana, como explicitadas durante toda a pesquisa. Iniciamos com um tópico em que elucidamos os aspectos metodológicos utilizados nas análises; retomamos ainda alguns aspectos sobre as escolhas teóricas que possibilitaram as respostas às questões suscitadas pela pesquisa. No segundo tópico, construímos um quadro de análises com dados retirados de recortes discursivos dos enunciados, cruzados com as tipologias discursivas encontradas no tratamento do *corpus*. No terceiro tópico, trazemos informações concernentes a cada tipo discursivo, observando ainda caminhos de ruptura com os discursos trabalhados de maneira dominante pela coluna RF. Além disso, analisamos os discursos circulados na coluna, com bases teórico-metodológicas apontadas.

Após essa explicitação, elucidamos que não existe a pretensão de esgotarmos as possibilidades de análises neste trabalho, mesmo porque não acreditamos que isto seja praticável, tampouco as teorias das quais fizemos uso nesta pesquisa trabalham com este fim.

Neste trabalho, pretendemos apresentar análises que só são possíveis à luz de um aporte teórico, mas que também incluem um viés interpretativo permitido pela escolha de ferramentas teóricas e metodológicas da Análise do Discurso.

O olhar do analista é um olhar carregado de subjetividade (por este também ser um sujeito), mergulhado em condições que cabe explicitar com a utilização da primeira pessoa do singular. Sou bisneta do fundador do jornal, o responsável pela coluna, permitindo-me um acesso privilegiado a todo o material que compõe este trabalho, embora ele esteja disponível a todo pesquisador que se interesse pelas temáticas abordadas pelo jornal. Meu olhar também é permeado por um viés feminista, que acredita na possibilidade de uma sociedade reconstruída com o objetivo de ser igual para todas e todos e luta por ela.

Nos capítulos que seguem, buscamos encontrar soluções às questões propostas em formas de objetivos, por meio de uma análise do discurso, permeada por conceitos da linha francesa, com contribuições de teorias foucaultianas, e utilização de outras fontes, sejam elas ligadas à História Cultural, Estudos Culturais ou, mais especificamente, à teoria feminista, todas nos servindo como base para nossas análises.

## CAPÍTULO 1 – O DISCURSO SOBRE A MULHER

“A mulher se conhece e se escolhe, não tal como existe para si, mas tal qual o homem a define” (BEAUVOIR, [1949], 2016 p. 177).

O objetivo principal deste estudo, como já ressaltado, é analisar discursivamente a coluna Retratos Femininos, do Jornal A Semana (1946-1969), em busca de pistas que indiquem os discursos circulados pela coluna, especialmente, buscando determinar se os discursos rompiam ou reafirmavam valores machistas conservadores que circulavam à época na cidade do interior sergipano. Por se tratar de uma coluna que descrevia mulheres, como explicado anteriormente, são estudadas noções analíticas de gênero. Para isto, desenvolvemos neste capítulo um diálogo teórico e analítico, com base no vasto campo da Análise do Discurso e nos Estudos Culturais. O capítulo se utiliza de enunciados advindos do folclore, da mídia, da literatura e da sabedoria popular, por acreditarmos que estas inserções se fazem necessárias para a compreensão do discurso como um conjunto de enunciados ativos em uma formação discursiva.

A descrição do jornal A Semana e da coluna RF, como objetos, foi necessária como forma de apresentação, e por se tratar do local institucional de onde trabalhamos a materialidade do discurso, identificação imprescindível para a análise dos enunciados. São detalhados também princípios editoriais, a história da sua formação e alguns dados a respeito do seu fundador, Carvalho Déda. O período da sua circulação foi contextualizado dentro de aspectos sócio históricos. As perfiladas pelo periódico, por sua vez, eram exaltadas por sua beleza e comportamento em um texto de autoria masculina. Por conta desses fatos, sentimos necessidade da abordagem em torno da construção da identidade da mulher, baseando-nos nos conceitos de identidade e diferença – que colocam o homem como o referente -, apoiados nos Estudos Culturais. O capítulo tem sua conclusão, então, com uma análise de como a mídia, como prática discursiva, coloca seu discurso em funcionamento por meio de aspectos como verdade e poder, aqui sob uma ótica foucaultiana. Conceitos como enunciado e interdiscurso foram trabalhados com o objetivo de sustentarem teoricamente a argumentação sobre mídia como produtora de identidades.

### **1.1 - O jornal ‘A Semana’: contexto sociopolítico de sua instauração**

Criado na Cidade de Simão Dias, em 1946, o jornal ‘A Semana’ nasceu das mãos e das ideias de José de Carvalho Déda (doravante, CD). Em uma cidade de interior, por anos

dominada pelo coronelismo, o jornal era mais um dentre os reflexos para a sociedade de uma cultura pós-oligárquica em formação que – mesmo não sendo esta uma mudança imediata em Sergipe - buscava se firmar no Brasil de Getúlio Vargas.

O início do século XX foi de transformações sociais, econômicas e políticas dentro do país. Ainda que fosse uma cidade muito pequena, dentro do menor estado do país, Simão Dias também passou por mudanças. A começar pela sua essência oligárquica. Famílias e sobrenomes dominaram a cidade, desde a sua emancipação do município de Lagarto, município do qual era uma vila até o ano de 1890. A política e economia eram conduzidas por grupos de coronéis da pecuária e da agricultura, donos de riquezas herdadas do período escravocrata.

A pecuária era o maior destaque da economia simão-diense. Isto se deu ainda nas origens do local, Simão Dias sempre contou com relevo favorável para criação do animal. Sua colonização se deu pela entrada de vaqueiros baianos e sergipanos pelas terras favoráveis para os gados, por ser distante do mar, ter vegetação para pastagem e rios correndo próximos para fornecerem água aos rebanhos, como explicam Barreto (1990) e Déda (2008).

Na primeira metade do século XX, Simão Dias também se mostrou forte na agricultura, no ciclo do café e do algodão, no comércio, devido à proximidade com municípios do interior baiano. O declínio das atividades comerciais com as cidades vizinhas se deu mais tarde, com a construção de uma estrada que interligava as cidades do interior baiano (BARRETO, 1990).

Pensar em Simão Dias da primeira metade do século XX é pensar numa cidade altamente integrada às mais próximas, seja Lagarto, no interior sergipano, seja Paripiranga, na Bahia. Muitos dos residentes do município eram nascidos em Paripiranga; CD, embora tenha vivido toda a sua vida adulta na cidade sergipana, nasceu no município baiano (em 1898, quando ainda se chamava Patrocínio do Coité).

A circulação de ‘A Semana’ ocorria entre os três municípios circunvizinhos, Simão Dias, Lagarto e Paripiranga. Desta maneira, seu conteúdo contava com notícias dos municípios de circulação, além das notas sociais, políticas e pequenos textos de teor literário, como é o caso da coluna estudada nesta pesquisa.

No que diz respeito ao contexto histórico brasileiro, o país havia passado pela revolução de 1930, e o governo Vargas proclamava o fim das oligarquias e do coronelismo. Mas, em Sergipe, as maiores mudanças nas décadas que seguiram foram as promovidas pelo governo central (como estabelecimento do salário mínimo e da Consolidação das Leis

Trabalhistas), pois ainda havia nomes de uma oligarquia poderosa revezando o poder. Simão Dias seguia a mesma linha política do governo estadual e, por ser uma cidade essencialmente rural, os poderosos eram os pecuaristas e fazendeiros que ganharam importância na política e na economia da cidade, os quais também detinham o poder político.

Sem sobrenome de força, sem terras e sem poderio econômico, CD nasceu em família humilde. Carvalho Déda atuou como vereador, como intendente (1932 – 1935) e, mais tarde, como deputado estadual, por mandatos sucessivos, tendo início em 1947, pouco depois de fundar o jornal. Durante esse período, participou da promulgação da constituição sergipana de 1947, como deputado constituinte.

Atuou como advogado provisionado - nesta época se podia exercer a advocacia sem o bacharelado, contando com a aprovação da Ordem dos Advogados – por quatro décadas, conquistando prestígio na cidade e nas comarcas vizinhas. O desejo de montar o jornal surge ainda na década de 1930, mas o equipamento estava fora dos seus padrões orçamentários. Os equipamentos para montagem da gráfica só puderam ser adquiridos depois, em um leilão na cidade de Lagarto.

Apesar de o cenário político local não ter sofrido uma transformação imediata, as mudanças centrais refletiam no que acontecia localmente, inovações como a instauração do salário mínimo e a consolidação das leis trabalhistas, em 1940 e 1943, como mencionado anteriormente. O jornal nasce em um contexto de pós-segunda guerra, também um período de criação e consolidação de partidos políticos.

O modo de viver nas cidades também se transformou. Como conta Ibarê Dantas (2004), foi criada a Rádio Aperipê, em 1939, aproximando o público dos acontecimentos regionais e estreitando os laços culturais; estradas que levavam à capital foram abertas, interligando os municípios sergipanos. Alguns jornais foram criados em Sergipe, sobre os quais Dantas (2004) aponta duas fases vivenciadas. A primeira fase, de mais liberdade, informação, sem censuras ou fechamentos; a segunda, mais repressora.

Até 1934 diferentes grupos políticos conviveram com seus posicionamentos, cada um representado por seu jornal. Uns apresentavam atuação forte dos militantes da Igreja Católica, de visão conservadora e catequizadora impressa no jornal, como o jornal ‘A Cruzada’, aliado aos integralistas. Os outros jornais eram mais ligados à classe trabalhadora, socialistas e progressistas, formados, em sua maioria, por estudantes do colégio estadual Atheneu Sergipense, ligados ao Partido Comunista do Brasil

Na segunda fase, o cenário de Sergipe foi marcado por disputas entre essas ideologias políticas. No Estado Novo, as publicações passam por um crivo do Departamento de Imprensa e Propaganda Estadual, com a consequente coibição de manifestações, com pagamento para propaganda do governo. Segundo o historiador em questão, poucos jornais resistiram, dentre os quais estavam o ‘Correio de Aracaju’ e o ‘Sergipe Jornal’. O primeiro jornal de Simão Dias, ‘A Ideia’, só surgiu cinquenta e cinco anos depois do primeiro jornal sergipano e mais de trinta anos após a emancipação política do município. Durou apenas 4 anos, foi dirigido por Manuel Júlio da Silva.

Carvalho Déda cita em livro, “Simão Dias - Fragmentos de sua história” (2008), mais de seis publicações surgidas após o fim de ‘A ideia’, incluindo o jornal ‘A Semana’. Abaixo apresentamos um trecho em que o autor descreve o próprio jornal:

#### A SEMANA

Semanário ainda em circulação, fundado em 1946 por seu proprietário e diretor Carvalho Déda. Circulava aos sábados. Oficinas próprias e tamanho 49x33.

Jornal literário, noticiosos e de feitiço combativo. Tem tomado para ativa em diversas campanhas políticas, sem, contudo, perder o caráter nitidamente democrático.

Há mais de treze anos mantém, semanalmente, uma coluna política, de funcho humorístico, sob epígrafe “Política... Em Pequenas Doses”

Durante muitos anos, manteve uma seção satírica, com caricaturas alusivas a fatos políticos locais, estaduais e federais, sob o título “A Piada da Semana”, com breve legenda e caricatura adequada, cujos clichês eram esculpido em madeira, à mão, nas próprias oficinas. Durante alguns anos, a caricatura saía impressa em três cores, por um processo inventado pelo próprio caricaturista.

A seção manteve-se, sem criar qualquer incidente. (DÉDA, 2008, p.104)

A primeira edição do periódico circulou na data de 8 de setembro de 1946, um domingo, e foi dirigido por CD e seu irmão Francino Silveira Déda. Era impresso em uma tipografia da cidade, sob contrato firmado, de acordo com Carlos Alberto Déda (2018)<sup>2</sup>. Já em sua primeira edição, procurou-se firmar a posição do jornal como um serviço à população, anunciando as possíveis dificuldades a serem enfrentadas, proclamando valores eleitos para o funcionamento do periódico.

Dentre esses valores, foram destacados o familiar e o local; o autor do editorial<sup>3</sup> enuncia valores pessoais como honestidade, honradez como pilares da empresa, estabelece um elo desses valores com a família, quando os anuncia como legados deixados por seus

<sup>2</sup> No Anexo A, podemos conferir pequeno texto escrito por Carlos Alberto Déda, filho mais novo de Carvalho Déda, em resposta a questões levantadas pela nossa pesquisa a respeito da fundação do periódico.

<sup>3</sup> Pode ser acessado na íntegra no Anexo B.

ascendentes; acrescenta o desejo de repassá-los aos seus descendentes. Também roga para si o desejo, a missão de atender aos interesses do público leitor, reafirmando a postura adotada como homem do povo. Em seu primeiro contato com o leitor, na primeira página do seu jornal, CD propõe prestar um serviço em defesa do povo da cidade, da mesma forma como executava seus serviços como advogado, em uma terra de oligarcas. Entendemos que essa seleção de valores, a missão determinada pelo jornalista (e também político) constituem fatores sobre os quais ele garante a credibilidade do leitor.

Nessa primeira fase, o jornal circulou por um curto período até julho de 1947, pois a tipografia fora transferida para outra cidade, encerrando assim o contrato. Na época, o valor do maquinário novo era muito alto, um investimento com que o fundador do jornal não podia arcar, então seguiu em busca por equipamento usado nos leilões pelo Brasil, sem abrir mão da ideia de continuar o jornal. Enquanto isso, dedicava-se a outros veículos da imprensa sergipana, chegando a dirigir o jornal Correio de Aracaju por cinco anos.

Em 1953, o maquinário necessário para a impressão das edições foi arrematado em leilão público da cidade de Propriá e, com a tipografia em mãos, o jornalista pode recomeçar a imprimir os exemplares de ‘A Semana’ em oficina própria; mudava a data de distribuição para os sábados. Na ocasião da primeira edição, pós pausa do jornal, Déda publicou um editorial no qual explicou aos leitores o motivo do “hiato”, anunciou a sua continuidade, reiterando os valores, as posições da publicação:

Houve um hiato que não desejamos, porque queremos vida longa. Nunca, porém, apagou-se no nosso espírito a vontade de prosseguirmos... Volta A Semana a circular com roupagem nova, isto é, tamanho maior, maior tiragem, mais completa materialmente... A orientação doutrinária é a mesma. A nossa pena estará sempre a serviço do povo simão-diense... No que diz respeito à política, podemos assegurar que jamais nos afastaremos da verdadeira ética. (ed. 18 de Julho de 1953)

Além dessa exposição, alguns aspectos do jornal devem ser destacados para que ele possa se tornar materialidade de nossa análise. Era um jornal composto por apenas dois contribuidores fixos, o proprietário e seu irmão, anteriormente apresentado. Nele estavam apresentadas colunas opinativas, matérias noticiosas da região circunvizinha a Simão Dias, caricaturas, classificados e anúncios publicitários. Muitas edições contavam com contribuições externas, mas o essencial era executado pelos irmãos. Nota-se, ainda assim, uma razoável quantidade de assinaturas no material opinativo, todas com pseudônimos, exceto pela coluna Política em Pequenas Doses, que era assinada por José de Carvalho Déda. Também as caricaturas recebiam a assinatura desse autor.

A coluna aqui estudada, Retratos Femininos, era assinada por Leonardo De Vince [sic]; a Seara Sergipana, por Carlos Eugênio; Pakeso, em alguns artigos de cunho político; João Sem Terra, na Coluna dos Lavradores; Aspectos da Cidade, por Lynce; algumas reportagens eram assinadas por Marco Aurélio; outros artigos, por Cazuza. O uso de tantos pseudônimos tem uma justificativa explicada por Carlos Alberto Déda (2018), a diversidade de pseudônimos foi uma ideia de Carvalho Déda para mascarar o baixo número de jornalistas

‘A Semana’ circulou até janeiro de 1967, quando teve sua publicação interrompida por motivos de saúde do proprietário, mas retornou no mesmo ano, em dezembro, agora sob direção compartilhada por Carvalho Déda e Carlos Alberto. E assim permaneceu até setembro de 1968, com a morte do fundador do jornal; seguiu sob direção do seu filho Carlos Alberto até sua última edição, em 25 de dezembro de 1969. Consoante Carlos Alberto (DEDA, 2018):

Vivi intensamente, desde os 12 anos de idade, a vida daquele jornal. Em 1953, assim que a tipografia foi instalada, levado por meu pai, passei a frequentar as oficinas e a redação de A Semana. Fui aprendiz, tipógrafo, entregador dos exemplares nas casas dos assinantes, vendedor, cobrador, articulista, repórter, gerente e, por fim, diretor. É verdade que se tratava de um pequeno jornal de interior em que tudo era feito artesanalmente, com muito esforço, dedicação e amor. Para mim, entretanto, foi e sempre será o maior e melhor jornal do mundo. Foi naquela redação/oficina – ouvindo o ruído da impressora rotativa manual e sentindo o cheiro da tinta fresca de impressão, que tive um convívio inesquecível de rico aprendizado com meu pai.

Traçado o contexto sócio-histórico que permeou a circulação d’A Semana e explicitados dados sobre a sua fundação, seguimos para o próximo tópico, no qual abordamos mais questões específicas suscitadas pelos enunciados circulados na coluna Retratos Femininos, a exemplo da construção da identidade da feminina por meio da diferença e demonstração de discursos a respeito de questões femininas.

## **1.2 Mulher, identidade e poder**

Como já destacado, o objeto deste trabalho, a coluna Retratos Femininos (doravante RF), seção do jornal ‘A Semana’, traçava perfis de mulheres da cidade de Simão Dias. Utilizando-se da linguagem literária e sob o pseudônimo de Leonardo de Vince, Carvalho Déda enfatizava poeticamente atributos físico, psicológicos e profissionais/habilidades de meninas e mulheres que transitavam pelas praças, igrejas, escolas e demais ambientes das cidades em que o referido jornal circulava.

Em uma análise do material, percebemos que o autor descrevia mulheres conhecidas, pois exaltava características da vida pessoal, tais como casadas ou não, detalhes sobre sua educação, outros sobre a sua família. Não era, assim, um mero observador que fotografava, como gostava de descrever o seu trabalho, ao acaso, estas mulheres. As perfiladas cumpriam requisitos prévios para merecerem destaque nas colunas, sendo que todos os textos representavam qualidades femininas com comparações a elementos da natureza, passividade, habilidades para traquejo social e delicadeza, dentre outros.

Considerando essas imagens de mulher, como descreveu CD, podemos perceber que as características ditas femininas funcionam em oposição ao que se espera de um homem. Quanto a esse sistema de oposições, trazemos à baila, então, Woodward (2000, p.29) segundo o qual os sistemas de diferenças são os formadores das identidades; a diferença tem sua base na exclusão: "Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social".

Esse sistema de exclusão se constrói em diversos aspectos indenitários, relacionados à raça<sup>4</sup>, à nacionalidade, ao gênero, como detalha Woodward. Todos esses aspectos são baseados na diferença, em que há um referente com base em uma possível norma, a partir da qual se constrói a identidade do outro sujeito. No caso específico da diferença atravessada na relação homem/mulher, a nossa cultura estabelece o homem como o referente, no qual se deve pautar a construção da subjetividade feminina. Esta identidade é construída dentro de "[...] lugares históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas" (HALL, 2000, p. 109).

No que diz respeito ao nosso objeto de estudo, toda essa descrição sobre diferença pode ser percebida de uma maneira analítica, em um momento de circulação da coluna RF (WOODWARD, HALL, SILVA, 2000). Isso ocorre quando CD precisou ausentar-se dos afazeres jornalísticos, por conta do seu mandato como deputado estadual. Seu irmão, então, assumiu a autoria da seção, e a Retratos Femininos transformou-se em Retratos

---

<sup>4</sup> Utilizaremos a noção de raça como categoria socialmente construída. Segundo Nascimento (2006, p.47), conforme citado por Oliveira (2016, p.19):

a pretensão de eliminar o termo "raça" do vocabulário científico e popular resume-se a um utópico e fantasioso engano, pois mesmo eliminando o vocábulo no imaginário social, as diferenças físicas visíveis continuariam a ser tipificadas e interpretadas pelo senso comum que constrói socialmente as "raças simbólicas". A supressão da palavra, ao contrário de apagar o racismo do "espaço mental" popular, tende a favorecer o prevaricamento e a normalização do "racismo simbólico".

Masculinos passando a descrever homens, da metade de 1947 até o final desse ano. Há uma mudança discursiva, principalmente, concernente às descrições, com apresentação mais substancial; à interação dos personagens com outros; às escolhas lexicais nas descrições de características físicas: mais enxutas, sem grandes adjetivações.



Figuras 1 e 2: Coluna RF ed.2; Figura 2: Coluna RF ed.37 / Representação 1 e 2: Jornal A Semana 1946 e 1947

Outro ponto perceptível é o fato de, nesses perfis, os protagonistas apresentarem preferências políticas, beberem, discutirem. As antigas perfiladas apenas existiam como para serem descritas por seus traços joviais, questões familiares ou religiosas, pequenas rixas entre as “amiguinhas”. Os homens, ao contrário disso, aparentavam ser mais velhos que as mulheres dos primeiros perfis traçados, além disso, figuravam como autônomos política e socialmente.

Nesse caminho, Woodward (2000), por sua vez, elabora uma discussão em torno do binarismo – ou “oposições binárias” - determinantes das identidades de gênero. Segundo a

autora, a concepção de diferença é utilizada de duas maneiras: uma negativa, pois é realizada por meio da supressão do “outro”, seja ele o negro, a mulher, o imigrante. Deste modo, como mencionado anteriormente, um dos componentes dessa oposição existe sob o *status* da norma, enquanto o outro é tido como anormal. Um dos críticos citados pela autora é Derrida, para quem “[...] a relação entre dois termos de uma oposição binária envolve um desequilíbrio necessário de poder entre eles” (WOODWARD, 2000, p.50).

O outro modo de se utilizar dos sistemas de diferença descrito pela autora se aproxima com o que Foucault ([1982] 2013) descreve como “batalha contra o governo da individualização”. Woodward (2000) coloca que a diferença é utilizada nos movimentos sociais, como algo a ser destacado, motivo de orgulho e de valorização; Foucault defende que estas lutas de oposição ao poder em vigência têm por objetivo questionar o estatuto do indivíduo da seguinte maneira: por um lado ressaltam as diferenças, o direito de ser diferente, enquanto, por outro lado, atacam o que pode afastar os excluídos da vida em comunidade e tornar suas vidas fragmentadas.

Levando em conta as formações e práticas do discurso sobre a identidade da mulher, podemos discutir sobre a fluidez das identidades que terminam por constituir o sujeito, ou fragmentá-lo. Por mais que todo o processo de “identificação” apresente-se por muitas vezes como um processo natural, Hall (2000, p. 108) ressalta que as identidades são discursivamente criadas: “[...] estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”.

Thomaz Silva (2000), por seu turno, argumenta que a identidade e a diferença funcionam entrelaçadas, nascem de relações de linguagem, são frutos da cultura, resultados de um processo de produção simbólico e discursivo. Este sistema de diferenciação não é livre de relações de poder e, nelas, um dos lados estará em desvantagem sobre o outro, mas com margens a mudanças e inversões de papéis, pois o poder é sempre objeto de disputa.

Ainda consoante esse autor, o poder imprime suas marcas na diferença, ao determinar sistemas simbólicos de exclusão, demarcação de fronteiras, classificação e normalização. Levando em consideração o nosso objeto de estudo, em enunciados da coluna em foco, alguns sistemas simbólicos são notados, em especial quando alguns critérios de exclusão nos perfis são analisados. As mulheres presentes na coluna seguiam certos padrões: sua branquidade descrita como uma qualidade, enquanto as mulheres negras ou não foram perfiladas ou não tiveram a cor da sua pele ressaltada como atributo positivo. Outro ponto a se destacar quanto a esse aspecto é a associação das mulheres a elementos da

natureza, indicando que a elas cabe o papel da delicadeza, suavidade, em especial porque eram comparadas a pequenos pássaros, flores, brisa. Além desses, os aspectos institucionalizados, sob o jugo do discurso religioso, foram somados a qualidades femininas, tais como a castidade, o amor, o casamento. Às mulheres, a natureza; aos homens, a cultura; aos homens, a cabeça; às mulheres, o coração; a eles, a atividade; a elas, a passividade (CIXOUS *apud* WOODWARD, 2000).

Como mencionado anteriormente, essa formação discursiva baseada na diferença pode ser observada em diversos enunciados, além do nosso *corpus* de pesquisa, seja na literatura, na imprensa seja na cultura popular. No folclore nordestino, é muito comum encontrarmos ditos e contos que, passados de geração em geração, foram construindo discursos sobre a mulher. Esses discursos são armazenados em nossa memória discursiva e, quando entram no eixo da atualidade, são *reatualizados*, provocando o que Gregolin (1997) denomina como *movência de sentidos*. Abaixo, apresentamos dois exemplos de enunciados advindos do folclore nordestino, o primeiro do folclore piauiense, mencionado por Falci (2017, p.263); e o segundo, um relato de Déda, em “Brefaias e Burundangas” (2008, p.141-142)

Quando casou a primeira filha fez uma grande festa, quando casou a segunda deu uma festa ainda maior, casando a terceira, festejou o acontecido vários dias. Mas quando casou o primeiro filho, não fez nenhuma festa. Observando essa disparidade de proceder, o vizinho interpelou-o:

-Cuma é, cumpade, não tem festa, não?

-Cumpade, o caso agora num é de festa, não. Quando eu casei as três mininas festejei praque eu que dei a carga pros burro. Mas, agora não. Agora fui eu que dei o burro pra carga”

-A moça de trinta anos  
Procure logo o convento.  
Sendo pobre ou sendo feia  
Não acha mais casamento

Bota o pó, Vitalina,  
Vitalina, tira o pó  
Que moça velha  
Não sai mais do caritó...

-A que já se passou dos trinta.  
Sendo pobre ou sendo feia.  
Não tem “dotô” que dê jeito;  
Vai ficar sem parêia...

-As de quarenta prá riba,  
Que faça sua oração;  
Pois nem com guindaste sai  
Do fundo do barricaio.

Como observado, consoante a voz do povo, o casamento é apresentado como uma oportunidade de livrar-se do fardo da filha mulher. No sertão nordestino, as meninas de posses organizavam seus enxovais aos doze anos de idade, seu dote era um adiantamento da herança, por parte dos pais, como uma compensação aos genros. Falci (2017) traça uma historiografia da mulher, menciona que as meninas ‘de posses’ (as socioeconomicamente prestigiadas) moldavam, desde muito novas, o seu comportamento, as suas habilidades, como qualidades a serem demonstradas aos pretendentes e a suas famílias. O casamento deveria acontecer antes dos vinte e cinco anos, de acordo com a historiadora. Com as mulheres pobres e com as escravas não era possível tratar do dote, pois não possuíam heranças. Mas, mesmo para as famílias menos abastadas, era importante o casamento de suas filhas ainda muito jovens. Os pais, assim, passavam adiante a tutela desta mulher, diferente do que acontecia com filhos homens.

Paim ([1946] 2015), por sua vez, em seu livro *Simão Dias*, com traços autobiográficos, descreve mais alguns aspectos sobre a mulher, o casamento. Ao narrar a vida de suas tias que nunca se casaram, posiciona-as como mulheres moças, que pararam no tempo, a elas, só lhes restou servir à família. Eram chamadas de vitalinas, à época, e o fato de não ter marido as mantinha sob a guarda do pai. Em um trecho da referida obra (2015, p.129), uma das tias solteiras desenvolve sobre si alguns aspectos identitários que a colocava como um fardo pertencente ao pai: “[...] até o dia da morte tinha que dançar com a música do velho Bernardino: comer-lhe os pirões e ouvir-lhe os berros [...]. Estava só, relegada e sem serventia”

O casamento, como parte de uma instituição, é apenas um dos eixos discursivos do qual podemos pinçar enunciados e desenvolver análises que concluem a mulher como o outro, quando em relação ao homem, no que concerne às identidades e às diferenças. Esse processo de classificação, por não ser natural, resulta de jogos de poder, e essa disputa é responsável por definir subjetividades. Silva (2000, p. 81) advoga que quem possui o poder é o responsável pela representação do outro e garante “acesso privilegiado a bens sociais”.

Esse privilégio, apesar de enraizado na cultura, não é absoluto e permanente. Como Foucault ([1982] 2013) argumenta, o poder é transitório, palco de disputas, um “conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras” e, portanto, suscetível a mudanças e brechas que possam transformar estas relações. Assim, sustenta que não há sociedade sem relações de poder e que as maneiras de exercer o poder, sendo elas sócio-históricas, culturais,

discursivas, transformam-se em objeto de luta política. Como bem defende Foucault (2013, p. 291):

Dizer que não pode existir sociedade sem uma relação de poder não quer dizer que aquelas que são dadas sejam necessárias, nem que de qualquer modo o “Poder” constitua uma fatalidade incontornável; mas que a análise, a elaboração, a retomada da questão das relações de poder e intransitividade da liberdade, são uma tarefa política incessante, e que é exatamente essa a tarefa política inerente a toda existência social.

Um dos lugares sociais que funcionam com força institucional e como palco para estas disputas de poder, a mídia é também responsável pela produção de identidades sociais. No tópico seguinte partimos para uma análise sobre de que maneira este poder é exercido por meio do discurso.

### **1.3 A mídia e a prática discursiva**

Verdade e poder, de acordo com Foucault ([1982] 2013), caminham lado a lado na produção dos discursos. Como prática discursiva, a mídia firma-se como um lugar institucionalizado que veicula e controla a circulação de enunciados. O que circula na mídia adquire um valor de verdade, determina o que deve ou não ter valor de enunciado, pautando assim o que tem valor e relevância para ser discutido em certo momento pela sociedade e contribuindo com a produção de subjetividades na instância da ordem do discurso.

Ainda consoante Foucault ([1982] 2013), os discursos que circulam socialmente são todos controlados, nem tudo pode ser dito por qualquer pessoa e em qualquer lugar; o enunciado é submetido a uma ordem que determina o que vai ser proferido e em que momento histórico isto acontece. Ocupando o lugar institucionalizado que desperta uma aura de verdade aos seus consumidores, a mídia se utiliza de estratégias discursivas que “[...] mobilizam representações, re-significam o passado e restauram a memória” (GREGOLIN, 2003, p.97).

Para compreendermos como a mídia ocupa esse lugar institucionalizado e como os discursos que ali circulam contribuem para a produção das identidades (aqui, a identidade feminina), aprofundamo-nos no conceito de enunciado como suscitado por Foucault ([1969] 2012). Os enunciados são, então, “[...] coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos, para as quais preparamos circuitos preestabelecidos [...]” (FOUCAULT, ([1982] 2013), p. 147).

Em arqueologia do saber, o autor explica que o **enunciado** pode ser trabalhado como função de existência, não é frase, não é fala, mas é o que possibilita as suas existências. Há enunciados que não são frases, há atos de fala que podem conter mais de um enunciado; o enunciado não possui forma física, como as letras e não é a língua em si – esta funciona como um suporte do enunciado. A função do enunciado é o de possibilidade de existência; esse filósofo nos apresenta o que é correto dentro de um saber e, como função, passa a ter lugar e status, atravessa os signos que compõem os discursos, desempenhando seu papel ao se relacionar com outros enunciados, fazendo, desta maneira, parte da formação discursiva.

Gregolin (2007, p. 15), por seu turno, aponta que, em Arqueologia, Foucault se propõe a analisar o silenciamento de alguns enunciados em detrimento de outros, afirmando:

[...] em um momento histórico, há algumas ideias que devem ser enunciadas e outras que precisam ser caladas. Silenciamento e exposição são duas estratégias que controlam os sentidos e as verdades. Essas condições de possibilidade estão inscritas no discurso – elas delineiam a inscrição dos discursos em formações discursivas que sustentam os saberes em circulação numa determinada época.

É importante ainda destacar que “[...] não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto” (FOUCAULT, [1969] 2012, p.120). Ao destacarmos o seguinte recorte da coluna Retratos Femininos, podemos atentar para a notoriedade demandada à descrição da beleza da perfilada. Diversos outros enunciados passados (já ditos e esquecidos) estão atravessados por este, possibilitando um significado a esta leitura:

A beldade que hospedamos não veio atraída pela tendência de combinação com a divina padroeira das duas cidades mas pela nova lei de atração: - A beleza atrai a beleza na razão direta dos corações (Jornal A Semana, ed. 17, p. 4, em 29/12/46).

A memória discursiva do sujeito leitor é, então, remetida à ciência e à religião. As imagens das santas católicas (padroeiras das duas cidades) são sempre retratadas com delicadeza, fragilidade e benevolência; além de serem representadas dentro de um padrão de beleza europeu, embora tenham origens no oriente. Neste caso, as figuras de Santana<sup>5</sup> são brancas, cabelos levemente ondulados, boca pequena, com lábios rosados, olhos castanhos destacados, que é como a perfilada é descrita mais adiante na coluna.

De igual modo, o referido locutor faz referência à lei da atração universal, de Isaac Newton, aqui utilizada sob o âmbito do discurso literário, para justificar a presença da visitante na cidade de Simão Dias: “A beleza atrai a beleza na razão direta dos corações”. Há, então, um deslocamento de sentido, na medida em que há alternância de formação discursiva

---

<sup>5</sup> Mãe da Virgem Maria e padroeira de Simão Dias

(da FD da ciência para a FD da literatura). Como o discurso da ciência e da religião são presentes na nossa cultura e agregam valor de verdade, atribui ao autor a capacidade de enunciar a partir da verdade. Nessa *sequência enunciativa*, tais discursos foram reatualizados para servirem ao contexto literário no cortejo à perfilada, cuja imagem é de bela mulher, frágil, recatada e benevolente, tal qual as santas padroeiras.

O movimento de análise desse discurso midiático nos remete à memória como importante condição de produção do discurso por parte da imprensa. De acordo com Orlandi (2013, p. 31), a memória inserida na perspectiva do discurso é nomeada de interdiscurso, e faz referência a tudo o que já foi dito antes, em algum momento, de algum lugar e que ganha efeito de sentido no enunciado.

Tratada como interdiscurso [...] é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

A relação entre o interdiscurso e o intradiscurso – que se caracteriza pelo que está sendo dito sob determinadas condições – mostra-nos que o discurso está mergulhado em historicidade e necessita do contexto sócio- histórico para fazer sentido. Sendo prática discursiva, essa relação se faz presente na mídia, é eixo determinante para compreendermos o seu funcionamento. O sentido do dizer, sendo discursivamente tratado, só encontra sentido na confluência entre a memória, o dito e já esquecido, e a atualidade, encontrada na materialidade do texto, por exemplo.

A mídia sendo analisada discursivamente nos possibilita identificar algumas relações exercidas entre a memória e o acontecimento e como a mídia se relaciona com outros dispositivos textuais que circulam como discursos na sociedade, em especial os que formam as identidades. Como bem defende Gregolin (2003, p.95):

Como construtora de imagens simbólicas – a mídia participa ativamente, na sociedade atual, na construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros. Dessa percepção vem a visualização do sujeito como parte de uma coletividade.

Ainda de acordo com Gregolin (2003), a mídia constrói imagens simbólicas por meio do discurso e distribui essa realidade de maneira a criar uma noção de unidade ao funcionar como mediadores entre o leitor e a realidade. Essa unidade é construída por meio de uma

materialidade controlada, delimitada, classificada, ordenada e distribuída por agentes discursivos, funcionando como parte da *sociedade do discurso* (FOUCAULT, [1970] 2014).

Por meio de representação jornais, revistas, *sites*, filmes, séries, filmes e diversos outros produtos midiáticos materializam, dão sentido de existência à identidade da mulher na sociedade. E a representação não pode ser traduzida como verdade, como um meio transparente de expressão, especialmente por estar ligada a relações de poder, pois “[...] quem tem o poder de representar, tem o poder de definir a identidade” (SILVA, 2000, p. 91).

Buitoni (1981), por sua vez, apresenta contribuição notável no que diz respeito à representação da mulher pela imprensa brasileira. De acordo a pesquisadora, os temas apresentados pela imprensa feminina tradicionalmente são desprovidos de atualidade e de aprofundamento, tratando de temas como beleza, decoração, comportamento etc. A falta de atualidade, com a utilização das chamadas pautas frias possibilita o seu desligamento com o mundo real e o seu caráter mais ideológico.

O caráter opinativo e de serviço do jornalismo, também presente nesse nicho, é utilizado por Buitoni como mais uma ferramenta para diferenciar o jornalismo destinado ao público em geral e desvincular a mulher das questões mais factuais. Apesar dessas características generalizadoras, podemos identificar dispersões no discurso sobre a mulher na imprensa.

Alguns discursos sobre a mulher continuam em circulação, cristalizando papéis de servidão, obediência ao pai e ao marido, casamento como realização pessoal; outros tratam de colocar a mulher como profissional competente, independente, dona da sua sexualidade; outros ainda conseguem mesclar os discursos anteriores, ao ressaltarem a mulher multitarefas (BUIIONI, 1981). A depender das condições de produção, das formações discursivas, aspectos sobre o feminino são ressaltados ou interditados, mas sempre levando em conta e tendo como referente o masculino.

O próximo capítulo se dedica a explicitar o surgimento da Análise do Discurso de linha francesa, de acordo com Orlandi (2015) e alguns conceitos foucaultianos. Ambos são de fundamental importância para as análises discursivas da coluna RF.

## CAPÍTULO 2 – ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta (M. FOUCAULT, [1970] 2014, p.25)

Como afirmado anteriormente, o objetivo principal deste estudo é analisar os discursos perpassados pela coluna Retrato Feminino e, para isto, recorreremos, neste capítulo, a uma abordagem teórica responsável pela nossa análise do último capítulo, qual seja, a Análise do Discurso. Esta é um campo teórico com formação multidisciplinar e nos oferece uma base sólida de conhecimentos permitindo-nos associar pontos identificados como imprescindíveis ao nosso objeto, a linguagem utilizada na RF, o discurso, o sujeito, o interdiscurso e as relações de força, visto que o jornal, como veículo midiático, apresenta valor de instituição para a sociedade. Recorreremos à vertente francesa da AD, por encontrarmos uma rede teórico-metodológica necessária para abranger o nosso objeto, por defender que o que é dito só pode ser dito e compreendido como tal, em dado momento, em dado local e por determinadas instituições; por assinalar que o discurso não é transparente, mas funciona como um efeito de sentido. O primeiro tópico aborda o surgimento da Análise de Discurso, para isso recorreremos às teorias peuchetianas, como colocadas por Orlandi (2015).

Foucault, outro teórico que utilizamos, ainda que guarde diferenças de abordagem em relação à AD francesa, apresenta pontos importantes para o entendimento da análise e nos dá suporte por trabalhar com conceitos como enunciado, autoria, poder, verdade, disciplina e formação discursiva – este último também adotado por Pêcheux<sup>6</sup>, ressalvadas as suas diferenças conceituais. No que concerne aos tópicos seguintes, eles são trabalhados tendo Foucault como principal teórico, pois tratamos sobre a ordem do discurso, relações de poder, autor, corpo e discurso, base do trabalho do autor. Recorreremos aos teóricos citados por acreditarmos ser uma necessidade reclamada pelo objeto, uma coluna que se encontra ancorada em um jornal, na qual um político, advogado (ainda que sem formação) e dono de um jornal perfila mulheres da cidade. O conteúdo destes tópicos se mostra imprescindível para que possamos partir para o trabalho com as tipologias discursivas.

---

<sup>6</sup> Pêcheux toma emprestado esse conceito da teoria de Foucault, ressignificando-o. Para aquele linguista a formação discursiva consiste em um lugar a partir do qual o sujeito enuncia aquilo que pode e deve enunciar. A FD, por sua vez, é interpolada pela ideologia, pelas relações de força. Por conta de essa concepção estar fortemente relacionada à teoria materialista do discurso e, conseqüentemente, poder provocar confusão teórica, adotamos a concepção foucaultiana para as nossas análises. Mais adiante retomamos esse conceito.

## 2.1 A análise do discurso

A Análise do Discurso de linha francesa surge no final dos anos 1960, com Michel Pêcheux, articulando a linguística com outros campos. O autor carrega o mérito de fundador da AD ao cruzar três disciplinas: a linguística, na ótica de Saussure; a psicanálise, sob o olhar de Lacan; o materialismo histórico, à luz de Marx. Com efeito, a Análise do Discurso é considerada uma disciplina/ciência de entremeio. Apesar de assumir uma característica interdisciplinar, essa disciplina/ciência apresenta-se em constante processo de constituição, de onde decorre a constitutividade dos próprios conceitos que a fundamentam: o discurso, o sujeito, as condições de produção (ORLANDI, 2015).

A AD trabalha a língua com sua exterioridade, com as condições de produção envolvidas, enxergando-a como opaca; observa a língua produzindo sentido a partir dessas relações e do que não é dito. Como bem argumenta Orlandi (2015), a língua funciona formando sentidos: "As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores" (ORLANDI, 2015, p.21). Consequentemente, tanto a língua como o discurso não são transparentes.

O indivíduo, consoante a AD, é interpelado pela ideologia e pela história, constituindo-se sujeito. Sendo o indivíduo submetido a processos sócio-histórico, seu papel dentro da Formação Discursiva (FD) é de sujeito, assim como determinado na psicanálise, ele significa pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2015), no discurso, o qual, por sua vez, materializa-se no texto a ser analisado. Explicando melhor, para a Análise do Discurso, o indivíduo, para se constituir sujeito, passa de um estado de  $S_1$  (indivíduo) para  $S_2$  (função discursiva): o  $S_1$  (sujeito empírico/indivíduo) é interpolado pela história, pela ideologia, pela Formação Discursiva (FD), pelo interdiscurso, pela memória discursiva, pela Formação Imaginária e, então, passa para o estado de  $S_2$  (função discursiva).

Quando se refere à memória, Orlandi (2009) trabalha o conceito de interdiscurso, algo essencial para a AD de linha francesa. Ela advoga, por meio da compreensão de Pêcheux, que o interdiscurso é o que torna possível toda a assimilação do ato de dizer, tudo o que já se disse sobre determinado assunto é parte de uma memória coletiva, construída em diferentes épocas, contextos históricos, ideológicos, apontando para a construção dos sentidos do presente. Sobre o interdiscurso, Orlandi (2009, p. 31) afirma:

Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra.

Como as palavras são passíveis de significados dentro da língua, da história e da subjetividade, na formação discursiva, os meios de comunicação de massa adquirem a função de agregadores e propagadores desses interdiscursos (do dito e esquecido). Com efeito, contribuem para a formação de construções sociais de imagens e identidades, assim como forjam representações de subjetividades (GREGOLIN, 2007).

A partir dessas reflexões, no decorrer do trabalho, analisamos alguns *recortes discursivos* retirados do nosso *corpus*. Nos tópicos que seguem, trabalhamos com as teorias foucaultianas, como mencionado.

## 2.2 O controle do discurso

Inicialmente, esclarecemos que, para Foucault ([1970] 1996), discurso é acontecimento<sup>7</sup>, atravessado por diversos enunciados que vieram antes daquele, pontuando que não existe ineditismo, pois sempre está permeado por discursos anteriores. O contexto histórico é determinante no sentido de que o discurso se apropria para funcionar; estes aspectos estão sempre em processo de transformação. A partir de tais considerações, o referido autor conclui: "[...] o novo não está no que é dito, mas no acontecimento à sua volta" (FOUCAULT, [1970] 2014, p.25), nas diversas formações discursivas<sup>8</sup>. O que é dito não alcança um significado único pelo presente, mas em conjunto com o contexto, a memória, o dito e "esquecido".

<sup>7</sup> Consoante Revel (2005, p. 15), desta forma Foucault concebe o acontecimento: "Por acontecimento, Foucault entende, antes de tudo de maneira negativa, um *fato* para o qual algumas análises históricas se contentam em fornecer a descrição. O método arqueológico foucaultiano busca, ao contrário, reconstituir atrás do *fato* toda uma rede de discursos, de poderes, de estratégias e de práticas". [...] Entretanto, num segundo momento, o termo "acontecimento" começa a aparecer em Foucault de maneira positiva, como uma cristalização de determinações históricas complexas que ele opõe à ideia de estrutura: "Admite-se que o estruturalismo tenha sido o esforço mais sistemático para eliminar, não apenas da etnologia mas de uma série de outras ciências e até mesmo da história, o conceito de acontecimento".

<sup>8</sup> Apesar de Michel Pêcheux ter utilizado a ideia de formação discursiva de Foucault, esse conceito é diferente em cada um dos autores. Foucault ([1969] 2012, p. 47) apresenta assim o conceito de *formação discursiva*. "No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva". Foucault ([1969] 2012) chega a esse conceito a partir da concepção de dispersão do enunciado, do discurso, do sujeito.

Como já apontado neste trabalho, Foucault ([1970] 2014) caracteriza o discurso como dotado de opacidade, defende que, ao ser enunciado, toma sentido devido a variáveis externas a ele, ou mesmo internas, como detalhado a seguir. No início do seu livro “A Ordem do Discurso”, uma transcrição de sua aula inaugural no Collège de France, trata do desejo de quem enuncia por clareza e transparência, pelo não rompimento das expectativas entre o que se fala e o que se compreende. Foucault deixa claro que esse desejo não pode ser realizado, pois o discurso funciona dentro de uma ordem.

Orlandi (2015) também aborda esta questão utilizando-se da teoria peuceutiana. Ela destaca a noção da historicidade nas condições de produção como algo determinante para entendimento analítico. De acordo com a autora, este elemento funciona como algo que “faz com que os sentidos sejam os mesmos e também que eles se transformem” (2002, p.78). Coloca ainda que o discurso deve ser observado levando-se em conta a relação entre estrutura e acontecimento concluindo, desta maneira, que elementos externos ao discurso podem ser determinantes no seu sentido, como a ideologia (neste ponto afasta-se da teoria foucaultiana que não prevê a ideologia como um elemento a ser observado na análise), as relações de força e o papel das instituições.

O que pretendemos mostrar com a análise dos discursos da coluna Retratos Femininos é a materialidade da hipótese foucaultiana de que toda produção de discurso é realizada por meio de crivos, “é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos” (FOUCAULT, [1970] 2014, p. 8). Um ritual é observado em todo dizer, Déda não apenas elogiou meninas e mulheres em sua coluna do jornal por considerá-las merecedoras das comparações com flores, ou santas, ou astros. Os discursos fazem parte de jogos de poder; as instituições determinam a ordem que cuida do que é dito, como é dito e quem pode dizê-lo, pois o discurso é objeto de poder e também o meio no qual o poder funciona (FOUCAULT, [1970]2014).

Do lugar que ocupou, Carvalho Déda pode proferir as suas impressões sobre a aparência das mulheres encontrando-se na institucionalidade, de modo a objetivar as personagens observadas com base em julgamentos que o precedem, em verdades do seu tempo. Dentro desta ordem, o homem branco, cristão, intelectualizado, encontra um certo conforto e propriedade para colocar em prática as vontades de verdade da primeira metade do século XX, anos de circulação do periódico.

O discurso faz parte de uma ordem que restringe porque discurso é fundante, para Foucault, as coisas não são preexistentes às palavras. Os discursos produzem as verdades de

um certo momento da história, constroem subjetividades. Todo este poder que é emanado e faz parte da constituição do discurso gera inquietação, “[...] inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu asperidades” ([1970] 2014, p. 8) e acaba por produzir também formas de controlar o que é dito, colocar em uma ordem.

Ainda consoante Foucault ([1970] 2014), algumas formas de controle são utilizadas, e os discursos são submetidos a três tipos de procedimentos de exclusão, mais detalhados a seguir. O procedimento da interdição é relativamente corriqueiro na sociedade e mais simples de se identificar, pois não se pode falar sobre qualquer coisa de qualquer maneira. Este procedimento diz respeito ao objeto do discurso, às circunstâncias nas quais ele pode ser enunciado e ao sujeito que pode enunciar-lo.

Um outro princípio de exclusão é a divisão razão x loucura. O discurso do louco não tem autorização de circular. Ele não é aceito por não ter validade admissível (judicial, por exemplo) ou por apresentar um poder especial de verdade escondida ou sabedoria quase mística. Desde a Idade Média, o discurso do louco não pode circular como os demais e, neste ponto, podemos traçar um paralelo com o discurso da mulher camponesa europeia da alta Idade Média, “a caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais” (FEDERICI, 2017, p. 290).

O terceiro princípio de exclusão, conforme Foucault ([1970] 2014), é a oposição entre verdade e falsidade. À primeira vista, essa separação não se assemelha às outras formas de exclusão, por não parecer arbitrária, modificável, institucional e violenta, tal qual as outras já apresentadas. Porém, Foucault ([1970]2014) sugere que busquemos levantar a questão sobre qual é a vontade de verdade que atravessou a história, ou que separação “rege nossa vontade de saber”, para entendermos este como um sistema de exclusão.

O filósofo demonstra como a separação verdadeiro/falso foi historicamente constituída. Na Grécia antiga, o discurso valia pelo ritual que o cercava ou pela sua utilidade, depois, seu valor é agregado pelo que se diz: “[...] a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação, sua referência” ([1970] 2014, p. 15). Essa divisão entre verdadeiro e falso não para de se movimentar.

A vontade da verdade, também apoiada às instituições, é reforçada por práticas (livros, jornais, pesquisas acadêmicas), mas é mais profundamente reconduzida pela forma como o saber é aplicado na sociedade, assim exerce seu poder coercitivo. Foucault ([1970] 2014) trata da verdade como uma invenção social, adequada ao tempo histórico na qual está inserida. A vontade de verdade movimentava um jogo de poder, de violência, de afirmação que gera o saber; o conhecimento científico, a poesia, a religião, não brotaram simplesmente da natureza. Ao se apropriar de Nietzsche, Foucault retira o tom solene da verdade e a rebaixa a resultado de jogos de poder, portanto, fruto da invenção humana. “É a luta, o combate, o resultado do combate e conseqüentemente o risco e o acaso que vão dar lugar ao conhecimento” (FOUCAULT, [1973] 2013, p.17).

A ordem do discurso também se constitui tendo por base alguns procedimentos de exclusão internos ao próprio discurso. A classificação, ordenação e distribuição submetem as dimensões do acontecimento e do acaso no discurso. Nesse caminho, Foucault ([1970] 2014), discutindo sobre o comentário, coloca que existe uma defasagem entre dois textos, o primário e o secundário. Estes últimos, os comentários, só repetem o que já é dito pelos primeiros, retomando o que é dito nos primários, buscando chegar a uma verdade originária ainda oculta. Essa relação acaba por estabelecer as possibilidades discursivas aos limites do texto primário:

O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. [...] o novo não está no que é dito, mas no acontecimento à sua volta (FOUCAULT, [1970] 2014, p. 25).

Outro procedimento de controle do discurso é a autoria, a ser aprofundada em um tópico à frente. Autor, para Foucault, é um “[...] princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” ([1970] 2014, p.25). Em *Arqueologia do Saber*, Foucault coloca o autor em uma posição subjetiva, delimitado pelas instituições e sociedades, quem pode ter determinado tipo de discurso. Na literatura, a autoria, como função, só ganha força com o passar do tempo, na Idade Média, as obras não eram assinadas. O autor deve prestar contas sobre a unidade de texto que carrega seu nome. Na literatura, “[...] o autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT, [1970], 2014, p.26). Foucault ([1970] 2014), entretanto, não nega a existência do indivíduo que escreve e inventa. Mas a função autor recorta de tudo que poderia ter sido dito (rascunho, desenho, o que não escreve) o “perfil ainda trêmulo de sua obra” (Ibid., p.28).

A terceira limitação inerente ao discurso se difere das outras duas limitações. É diferente da autoria, por ser um conjunto de métodos e regras que não necessita da validação de um nome. Difere-se do comentário, pois não se limita à repetição e nem procura algo que precise ser redescoberto, “[...] é aquilo que é requerido para a construção de novos enunciados” (FOUCAULT, [1970] 2014, p.29); a disciplina busca o novo e contém erros e verdades. Os erros, inclusive, têm uma função positiva. A disciplina controla ao fixar limites pela reatualização das regras.

Há ainda um terceiro grupo de procedimentos de controle do discurso, este determina as suas condições de funcionamento. Exigências que mostramos a seguir são impostas para que o sujeito possa enunciar, provocando uma rarefação dos que falam, já que precisam cumprir regras que os enquadrem na posição de enunciador. O *ritual* estabelece todo um conjunto simbólico de comportamentos, gestos, circunstâncias que autorizam alguém a falar. O discurso religioso, o jurídico e o político são controlados por este ritual que “[...] determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos” (FOUCAULT, [1970]2014, p 37).

Um grupo limitado de participantes, por seu turno, faz parte da *sociedade do discurso* e têm a função de preservar ou produzir discursos, de perpetuação dos que detêm os discursos com distribuição de regras restritas, garantindo-lhe exclusividade e divulgação. Nesse sentido, observamos que Carvalho Déda enuncia em um jornal, fazendo uso do papel de jornalista, dono do periódico, colocando seu texto em um formato de coluna, aceito dentro dos parâmetros do jornalismo. Além disso, em um dado momento, enuncia do papel de deputado estadual, conferindo-lhe ainda mais autoridade para fazer parte desta ordem.

Opondo-se à sociedade do discurso, a *doutrina* tem a tendência de se difundir. Ao partilharem do mesmo conjunto de discursos, os indivíduos se identificam como iguais, como pertencentes a ela. Apenas um tipo de enunciação é permitida e os que diferem desta são vetados; os sujeitos devem aceitar certa regra de conformidade com os discursos validados.

Os discursos são, enfim, apropriados socialmente, seja pela educação, pela medicina, pela política, pela imprensa – como é o caso que analisamos nesta dissertação. Por mais que possa aparentar que todos os discursos fluam livremente pelas escolas, pelas redações e pelos locais de reuniões políticas, todos os saberes e poderes funcionam ao manter ou modificar a apropriação dos discursos de maneira política.

Ritual da palavra, sociedades do discurso, grupos doutrinários e apropriações sociais ligam-se uns aos outros: “Constituem espécies de grandes edifícios que garantem a

distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discurso e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos” (FOUCAULT, [1970] 2014, p.42), são grandes procedimentos de sujeição do discurso.

### 2.3 O autor como função discursiva

Pensar o autor na perspectiva da AD, em especial quando levados em consideração os conceitos foucaultianos, é pensar uma relação do sujeito com o enunciado. É duvidar de definições que colocam o autor como a voz criadora, é colocar este autor no papel de uma função do sujeito do discurso, como vemos a seguir.

Em conferência encontrada em *Ditos e Escritos*, mais precisamente, na conferência intitulada *O que é o autor?* ([1969] 2009), Foucault aponta para o apagamento do autor, questiona sobre a importância de quem fala. Partindo deste ponto, o objetivo é discutir como foi ocupado este lugar vazio, posicionar o autor como uma função do sujeito. Retomemos ao nosso objeto de análise: colocamos até este ponto que a coluna Retratos foi escrita pelo dono do jornal no qual se encontra, Carvalho Déda - sabemos também que ele se encontra sob assinatura de pseudônimo Leonardo de Vince.

Na análise do discurso, da maneira que nos propomos fazê-la, a autoria nos remete a uma função exercida pelo sujeito, uma função variável e complexa, como colocam Foucault ([1969] 2009; 2014) e Chartier (2012). Consoante essa visão, o nome ‘José de Carvalho Déda’ não se constitui como uma fonte criadora, um nome próprio que se insere ao final da coluna – mesmo porque o nome inserido é o de um dos seus pseudônimos. O nome do autor, no discurso, não se comporta simplesmente como se comporta o nome, ao considerarmos apenas o indivíduo. A ele é colocada a função de agrupamento, de união, que leva o sujeito a um *status*, e o discurso além da palavra. Quando falamos em Carvalho Déda, não é ao nome próprio que teremos apego, mas à função discursiva desempenhada, ao *status* que confere ao que escreve. CD era um homem respeitado na cidade de Simão Dias, ocupou lugares sociais que lhe conferiram legitimidade e respeito na ordem do discurso, foi eleito pela cidade para exercer cargo público, era dono de um jornal, advogado. “A função autor é característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, [1969] 2009, p. 274).

Barthes (1984), diferentemente de Foucault, anuncia o fim do autor (mais precisamente, a sua morte) no momento em que o texto é escrito. Aquele, então, remete-nos

ao período pós Idade Média, no qual o autor é criado para agregar prestígio ao indivíduo, uma visão positivista de valorização do ser humano. Foucault ([1969] 2009) também retorna a este período e acrescenta que, antes disto, os discursos circulavam sem a necessidade de autoria para se tornarem verdade, o seu valor de verdade era localizado em sua antiguidade.

Durante a Idade Média, antes de tornar-se um bem, o discurso era um ato, seja de conformidade ou de transgressão, como coloca Foucault ([1969] 2009). Para que se fizesse possível punir as transgressões sob forma da lei, emergiu a necessidade da assinatura de alguém que pudesse ser responsabilizado por tais atos. Entre os séculos XVIII e XIX, passaram-se a vigorar regras de editoração, de direitos de reprodução do conteúdo, de propriedade sobre o que está nas escrituras, tornando o que era ato em um bem. A literatura ainda conserva o ato de transgressão como uma maneira de compensar a questão do *status* de propriedade.

No que diz respeito aos textos científicos, ainda durante na Idade Média, a assunção de um autor dava credibilidade ao que era colocado como ciência. Nos séculos XVII ou XVIII, o discurso científico adquire uma nova característica, oposta à anterior: a garantia não se encontra mais no indivíduo que produziu o discurso, mas em uma verdade que pudesse ser provada, demonstrada mais de uma vez. Agora, o autor da ciência nomeia teoremas e síndromes, não é indicação de origem, mas de credibilidade.

Na literatura o caminho foi diferente, a função autor se faz necessária para que haja aceitação do texto. A ausência de um nome só nos serve se colocado como um artifício literário, “[...] anonimato literário não é suportável para nós; só o aceitamos na qualidade de enigma” (FOUCAULT, [1969] 2009, p. 276). Seria a utilização de um nome falso um destes artifícios?

A linguista Vanise de Medeiros (2006), por sua vez, trabalha com o pseudônimo inserido como assinatura de crônicas, com atenção especial às crônicas localizadas em jornais. No jornal ‘A Semana’, há textos que são assinados por Carvalho Déda, por colaboradores do jornal, por pseudônimos (como é o caso da RF), ainda outros cujas assinatura não constam. No jornal a assinatura implica um gesto de subjetividade, já que os espaços dedicados às notícias, por exemplo, não são assinados por almejam um ideal de objetividade e imparcialidade. De acordo com Medeiros, os artigos, por exemplo, levam assinaturas que indicam um valor de legitimação, um lugar ocupado por um saber, o que dá ao articulista o poder de opinar.

No caso da crônica, a linguista coloca a assinatura como marca de um sujeito diferente do articulista. Embora haja toda a questão da propriedade, a crônica diferencia-se do artigo ao inserir-se em uma formação discursiva literária, no qual o sujeito da função autor goza da liberdade da literatura. Ao assinar um artigo em um jornal (sendo ou não de sua propriedade, como aconteceu em diversas ocasiões), Carvalho Déda ocupa um lugar interpretativo que “orienta sentidos”. Ao assinar suas crônicas sobre as mulheres do interior, Déda assume um lugar, “[...] uma interpretação onde os sentidos não estão ‘domesticados’” (MEDEIROS, 2006, p. 91).

Como foi colocado anteriormente, Foucault ([1969] 2009) aponta para diferenças entre o nome próprio e o nome do autor: o primeiro refere-se ao sujeito como indivíduo; o segundo funciona nos discursos como uma função que permite “[...] reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros” ([1969] 2009, p. 273). Já Medeiros (2006) coloca que o nome próprio também deve ser encarado como texto, pois além do fato de identificar o indivíduo, carrega marcas de épocas, é “suporte de desejos” do que denomina (o outro, já que o ato de nomear, em geral, não parte do dono do nome. É um dever de quem nomeia e um direito de quem é nomeado), “significa no imaginário social” (2006, p. 93).

O pseudônimo guarda algumas correlações com o nome próprio, já que também pode ser analisado como texto, denota opacidade, porém, o indivíduo que carrega o pseudônimo é o responsável por sua escolha. Carvalho Déda escolhe o nome falso no qual se desdobra para assinar a coluna: Leonardo De Vince carrega em si um interdiscurso, uma memória discursiva própria, é imediatamente relacionado ao célebre inventor, escritor, artista Leonardo Da Vinci. Em alguns enunciados da coluna, fala em pinturas sendo construídas sobre as mulheres perfiladas, remetendo o leitor ao pintor italiano, dando pistas de que “[...] o nome com que se assina o pseudônimo indica formas de leitura, da direção à leitura. [...] o pseudônimo escreve um outro texto sob o nome” (MEDEIROS, 2006, p. 95).

Como o filho do jornalista colocou<sup>9</sup>, a decisão por utilização de pseudônimos partiu do próprio Carvalho Déda, com o propósito de indicar que havia mais pessoas na redação, um artifício para tornar o jornal mais profissionalizado. Mas devemos ressaltar que um pseudônimo é uma assinatura que, apesar de este nome tirar das sombras o autor, também auxilia o seu anonimato ao ocultar o seu próprio nome. Ele “[...] joga com a sacralização do

---

<sup>9</sup> Documento em Anexo B

nome do autor. Instaura outras leituras sob o suposto nome. O pseudônimo não é, enfim, uma assinatura anódina” (MEDEIROS, 2006, p. 98).

Sobre a sacralização do autor, Barthes (1984), ao defender que o autor morreu, discorda do autor Deus<sup>10</sup>, no qual se baseiam buscas por interpretações e decifrações. O texto não tem uma fonte criadora; uma origem é, então, uma série de fragmentos costurados em unidades, e quem é responsável por dar unidade ao texto é o leitor, este adquire *status* com a morte do autor. “A unidade do texto não está na sua origem, mas no seu destino” (1984, p. 64). Se não há esse “Deus” fundador, não há razão pela qual decifrar um texto, não há charada a ser resolvida “segredo a ser desvendado”. Mas há discursos a serem analisados.

## 2.4 Poder disciplinar e o corpo feminino

Como já mencionado, no decorrer deste segundo capítulo, buscamos relacionar o nosso objeto de pesquisa, a coluna *Retratos Femininos*, aos temas e questionamentos foucaultianos. Neste tópico, a busca é por demonstrar a relação das descrições feitas por Carvalho Déda, quando no papel de Leonardo de Vince, com as relações de poder que direcionam a mulher para determinados lugares sociais em uma sociedade de controle - para utilizarmos uma expressão genuinamente foucaultiana.

Mulher “esbelta”, “pequenina”, “menina-moça”, “muito ingênua”, “gentil flor” mimosa”, de “modos delicados”. Estas são pequenas amostras de alguns enunciados que circularam nas colunas RF e também pela cultura oral da família, por outros meios de comunicação, pela religião. Da expulsão de Eva do paraíso, por comer o fruto proibido, à imagem cândida e materna da Virgem Maria, o mundo do feminino parece sempre estar dividido em dois papéis: o da mulher ideal e o da mulher que deve ser evitada.

Essa divisão era marcante nas revistas femininas nas décadas de 1940 e 1950, período próximo ao das publicações aqui trabalhadas. Conteúdos direcionados para o público feminino chamavam atenção para a aparência, para a beleza, quando não tratavam dos cuidados com o lar e com a família.

---

<sup>10</sup> Sabemos que Barthes enuncia a partir do estruturalismo, sob influência de Saussure, no que diz respeito ao processo de significação (denotativo e conotativo. Este último incluía o mito, de maneira geral; o religioso, em particular). Entretanto, tentamos aqui ressignificar o conceito de história, de mito, à luz da remissão que Pêcheux faz a Barthes em “O papel da memória” (1999). Segundo esse linguista (Pêcheux), haveria uma necessidade de revisitarmos Barthes, ressignificando o mito.

Jornal das Moças uma revista feminina, inteiramente familiar, muito se tem batido por esse dogma de amor ao próximo; muito tem feito para a unificação dos lares, muito tem concorrido para dar à mulher o seu verdadeiro lugar no lar, mesmo para aquelas que, por dever de profissão, são obrigadas a exercer o seu trabalho fora. O casamento é a construção do lar. O lar é a família. As famílias formam a pátria. Lares mal formados se desagregam, e essas desagregações causadas por maus costumes – é o que se diz; a sociedade reclama – enfraquecem uma nação. (SYLVIA, 1952, Comentários sobre o casamento, p.11)

O *Jornal das Moças* (1914-1961), nas décadas de 1940 e 1950, carregava o seu conteúdo de tudo que se dizia fazer parte do universo feminino, suas páginas privilegiavam anúncios de cosméticos para tornar a pele alva, diminuir/aumentar/enrijecer os seios, moldes para bordados de roupas infantis, tudo em torno da vida doméstica. Nada de notícias factuais, matérias informativas, política e economia.

As revistas da época classificavam as jovens em *moças de família* e *moças levianas*. Às primeiras, a moral dominante garantia o respeito social, a possibilidade de um casamento-modelo e de uma vida de *rainha do lar* – tudo o que seria negado às *levianas*. Estas se permitiam ter intimidades físicas com homens; na classificação da moral social estavam entre as *moças de família*, ou *boas mocas*, e as *prostitutas*. (DEL PRIORE, 2017, p. 610)

Uma mulher fora dos padrões esperados não servia para o casamento, para a maternidade, então, desde muito cedo, as meninas passam por restrições e recomendações em seu tratar com o mundo, por meio de técnicas de poder que as constitui, por um poder que as afeta. A este poder, que se utiliza do controle dos corpos para alcançar seus objetivos de controle, Foucault nomeia de poder disciplinar.

Em *Vigiar e Punir*, é desenvolvida a temática da constituição das prisões e da origem de uma sociedade do controle. Dentre os capítulos, há um dedicado à disciplina, no qual Foucault explica esta modalidade como um poder que não é utilizado apenas dentro de uma instituição específica, como a prisão, mas que pode também ser utilizado em “instâncias preexistentes que nela encontram maneira de reforçar ou de reorganizar seus mecanismos internos de poder” ([1975] 2018, p. 209), como a relação de dominância do gênero masculino sobre o feminino.

O poder, dentro de um contexto foucaultiano, como já observado, não é único, não funciona somente por meio da repressão ou violência e não emana de um ponto, o que significa dizer que o poder não é sinônimo de Estado, mas se encontra em todas as microrrelações que permeiam a sociedade de maneira tentacular. A prática do poder é “um feixe aberto, mais ou menos coordenado (e sem dúvida mal coordenado) de relações” (FOUCAULT, [1977] 2017, p. 370). Ele funciona de forma a estar presente nas mais diversas

relações e sempre em transformação. Dessa maneira, o poder é desnaturalizado, colocado por Foucault como uma prática social, conseqüentemente, construída pela sociedade e formadora desta.

Quando se retira da discussão essa questão moral e parte-se para a analítica, chega-se à conclusão de que o poder é positivo (mais uma vez: não sendo analisado dentro de um viés moral sobre bem e mal), porque é produtor e não uma força repressora. Há uma positividade em relação ao poder exatamente porque está relacionado a uma produtividade. Por conta disso, o poder e o saber caminham lado a lado, o exercer do poder leva ao nascimento do saber e é necessariamente por possuir esta capacidade geradora que se torna tão difícil superá-lo.

O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. Foi a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico. [...] O enraizamento do poder, as dificuldades que se enfrenta para se desprender dele vêm de todos esses vínculos. É por isso que a noção de repressão, à qual geralmente se reduzem os mecanismos do poder, me parece muito insuficiente, e talvez até perigosa. (FOUCAULT, [1975] 2018, p 239)

Retomemos, então, à modalidade do poder disciplinar. O poder disciplinar funciona como “um feixe de técnicas físico-políticas” que fabrica seres dóceis politicamente, facilitando o seu controle, em busca de torná-los forças úteis para a economia, abrandando suas capacidades de reação política, tornando-os obedientes. O surgimento dessa sociedade, para Foucault, deu-se em um contexto histórico da Revolução Industrial, no qual os corpos dóceis eram forjados pela disciplina e tornaram-se sujeitos úteis ao sistema que vigora até os dias de hoje.

A condição de existência para funcionamento da disciplina é o panoptismo, instrumento que possibilita a vigilância. Ainda que não exista em todas as instâncias da sociedade, como existe nas prisões o instrumento materializado arquitetonicamente, o Panóptico de Bentham é a materialização de uma ideia que pode ser colocada em prática, mesmo que os sujeitos não estejam aprisionados de maneira literal. O panoptismo baseia-se na vigilância de todos os atos. Todos os indivíduos são afetados e, embora não enxerguem o seu vigilante, há sempre a sensação de vigilância, resultando em uma autovigilância que molda o sujeito. Comportam-se, dessa maneira, como corpos dóceis, perfeitamente moldados para o bom funcionamento da sociedade.

Uma outra modalidade de poder baseada no uso dos corpos para o controle da população é o biopoder. O termo foi cunhado por Foucault e discutido em *A História da*

*Sexualidade: a vontade de saber* ([1976] 2017), como essencial para o desenvolvimento do capitalismo, pois o poder disciplinar permitiu que houvesse um “ajustamento dos fenômenos da população aos processos econômicos”, mas “foram-se necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isso torná-las mais difíceis de sujeitar” (FOUCAULT, 2017, p.152). O poder disciplinar segue por dar uma utilidade ao corpo submisso, agindo de maneira a normalizar com regras já existentes (nos quartéis) uma nova multiplicidade; o biopoder (que se desenvolve na biopolítica), apoia-se na disciplina, de acordo com Sabot (2017), para agir sobre a população com o objetivo de “regulação securitária e preventiva, a gestão dos riscos”. Como bem explica Sabot (2017, p. 25):

[...] sem com isso apagar completamente as ambiguidades constitutivas de uma sociedade disciplinar, a qual, sob pretexto de vigilância, de controle e de sanção, continua a funcionar com repressão, seja ela interiorizada sob a forma de uma moral do proibido – como é o caso no tratamento político da sexualidade, tal qual é visto em *A Vontade de saber*.

Desta maneira, a mulher como sujeito é também constituída por esses poderes, tanto o disciplinar quanto pelo biopoder, pois, como vimos, as técnicas de poder não destroem o indivíduo, elas fabricam sujeitos. Os atos, os gestos, os discursos são práticas que acabam por firmar na sociedade as maneiras de ser o feminino, que se caracterizam pela norma. Butler (2017) coloca que o “‘ser’ do gênero é um efeito”, o ser mulher é um processo de construção que não é determinado biologicamente e está em constante resignificação. De acordo com essa autora, os gestos, atos e desejos são organizados de forma a passar uma ideia de construção interna, tornando invisível a ação do poder disciplinar e da regulação política, ignorando que

a performance é realizada com objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito. (BUTLER, 2017, p. 242).

No que concerne à questão disciplinar, salientamos anteriormente que o poder é uma força positiva no sentido de ser gerativa de uma saber, as relações de poder que moldam o feminino e colocaram as mulheres em um lugar de fragilidade e cuidado eram mantenedoras da mulher em um ambiente doméstico, afastadas do mundo exterior que decide os rumos da sociedade e muito próximas da maternidade. Khel (2016), ao elaborar uma análise da constituição feminina, remete-nos ao pensamento de que a subjetividade é forjada no discurso

e, por isto, não é rígida. Com o passar do tempo e em diferentes momentos históricos, os discursos sobre as mulheres adquirem características diferentes, a depender das mudanças culturais. São mudanças lentas e sutis, mas que ocorrem “em função dos deslocamentos sofridos pelos agentes sociais ao longo da história – deslocamentos de classe, gênero, inserção junto ao poder, etc” (KHEL, 2016, n.p. 257), independentemente do indivíduo e totalmente relacionadas com as disputas dentro de relações de poder.

Já Federici (2017) realiza uma análise, um trabalho de investigação, a respeito do corpo dócil da mulher que difere da de Foucault, por abraçar um viés teórico mais alinhado ao materialismo, mas nos interessa citá-la pela indicação de um momento histórico no controle do corpo, da docilização do corpo da mulher. Neste caso, a intelectual e militante das causas feministas, analisa o domínio masculino sobre o corpo feminino e a construção da identidade da mulher. Para isto, retoma o período de caça às bruxas na Europa, na Idade Média, e salienta que a preocupação do Estado com reprodução e crescimento populacional se deu com a crise populacional europeia nos séculos XVI e XVII, situando nestes séculos a origem do biopoder.

A partir daí, o corpo da mulher passou a ser regulado, retirando dele o controle sobre a reprodução, impondo sanções às mulheres que ousassem contrariar esta questão, principalmente por meio da caça às bruxas que impôs também um sistema de vigilância regido pelo Estado, sendo este responsável por colher denúncias e registros sobre gravidezes, além de promover um sistema de espionagem às mães solteiras (FEDERICI, 2017). Essa política durou 200 anos e o resultado delas foi, consoante Federici (2017, p. 178): “a escravização das mulheres à procriação [...] seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista”.

Nessa época, o trabalho das mulheres também é colocado sob outra perspectiva e suas atividades remuneradas (lavadeiras, costureiras, por exemplo) ganham status de não-trabalho, e as outras atividades, já dominadas pelos homens, foram excluindo mulheres por considerá-las concorrentes dos homens trabalhadores, pois custavam menos aos empregadores. O espaço da mulher torna-se, então, o espaço de uma nova configuração de família, em que surge a figura da dona de casa e “o casamento passa a ser visto como a verdadeira carreira para uma mulher” (FEDERICI, 2017, p. 188); aquelas que insistiam em uma vida fora do doméstico eram vistas como “megeras sexualmente agressivas ou até mesmo como “putas” ou “bruxas”” (FEDERICI, 2017, p. 190).

A naturalização deste discurso foi materializada na identidade da mulher; as mulheres passam a ser subjetivadas como um bem masculino, como dependentes, já que seu trabalho (reprodutivo e doméstico) é incorporado à sociedade como um recurso natural, uma obrigação do “ser” mulher. Segundo Paterman (1988), citada por Federici (2017, p. 191), as mulheres passam a ser definidas por um “novo contrato sexual”, nos termos de mães, esposas, viúvas e filhas, sempre subjetivadas em função de um referente.

Na coluna RF podemos recortar diversos enunciados que sustentam características ditas como femininas atreladas à maternidade, à vida doméstica, à delicadeza e ao cuidado. Em alguns enunciados, pode-se notar que a dedicação à profissão fora do ambiente doméstico só é destacada como virtude quando as mulheres descritas não são casadas. Na 13ª edição do jornal, a coluna perfila E.M., e inicia esta descrição explicitando a carência de beleza da perfilada, que é compensada pela inteligência e sagacidade:

É inteligente e aplica toda sua inteligência no seu ofício de vender e completa a informação com o fato de não ser casada, “Como mercúrio, ela também inimisou-se [sic] com Cupido, depois de arrancar-lhe o carcaz [sic] e as frechas [sic], dedicando-se também ao comércio. (DÉDA, 1946, Retratos Femininos, p. 4)

Nesta edição, a mulher não é comparada a flores, mas a deuses masculinos da mitologia grega. A ingenuidade e delicadeza (características reservadas às meninas casadoiras) são substituídas pela esperteza e sagacidade: “Tem o dom especial de convencer; assim é que na barra de seu balcão, ela apresenta ao exigente freguês uma fazenda áspera e felpuda, e facilmente o convence de que a mesma é... lisa!”. Ao corpo feminino, não docilizado resta a esperteza.

No capítulo seguinte trabalhamos efetivamente analisando os discursos que circulavam na coluna RF. Para isto, desenvolvemos nos tópicos que o antecedem algumas questões e conceitos pertinentes à análise da maneira como nos propomos realizá-la. Após esclarecermos no capítulo 2 pontos teóricos que permeiam as análises, no próximo capítulo, aprofundamo-nos no *corpus* da pesquisa, buscando atender às questões propostas por este trabalho.

### **CAPÍTULO 3: QUAIS SÃO E COMO FUNCIONAM OS DISCURSOS CIRCULADOS NA COLUNA RETRATOS FEMININOS**

O que é uma mulher? Eu lhes asseguro, eu não sei. Não acredito que vocês saibam. (V. WOOLF)

Este capítulo consiste em um aprofundamento nos aspectos metodológicos utilizados nas análises, alguns advindos da Análise do Discurso de linha francesa, tais como discurso, sujeito, interdiscurso, memória discursiva; alguns conceitos da teoria foucaultiana, como o enunciado, a formação discursiva, a autoria, a reatualização dos discursos, poder, saber, verdade e disciplina, dispositivo. As diferenças entre as teorias são também demarcadas, buscando evitar que conceitos foucaultianos não esbarrem no materialismo da AD francesa, por exemplo. No tópico seguinte, partimos para a análise do corpus, aliando teoria a método na composição de um quadro analítico, em que estão expostos recortes discursivos representantes dos discursos circulados na coluna RF. Destacamos quatro tipologias discursivas para organizar a análise das 16 colunas selecionadas, são as seguintes: I) discurso religioso, II) discurso pedagógico, III) discurso institucional e IV) discurso literário. Ainda acrescentamos recortes nos quais foram encontradas V) rupturas discursivas, tomando como comparação as demais tipologias demarcadas. Por último, partimos em busca da formação discursiva enquanto analisamos os recortes extraídos das colunas, com base nas teorias e metodologia apresentadas, no decorrer desta pesquisa. As informações apresentadas no tópico anterior, em forma de quadro analítico, neste tópico, são expostas com mais detalhamento, possibilitando o trabalho de análise. As análises foram guiadas pelas questões que norteiam este estudo do início ao fim, as quais tentamos responder na quarta parte deste trabalho, as Considerações Finais.

#### **3.1 Aspectos Metodológicos**

Os aspectos metodológicos deste trabalho têm base na disciplina da Análise do Discurso (discurso, sujeito, interdiscurso, memória discursiva), em sua vertente francesa, além de aspectos importantes apontados por Michel Foucault (o enunciado, a formação discursiva, a autoria, a reatualização dos discursos, poder e saber, verdade, disciplina, dispositivo). Embora alguns autores a classifiquem como metodologia, como explicado anteriormente, a AD surge enquanto uma ciência, na década de 1960, sob a égide de ruptura epistemológica no que diz respeito à linguística saussuriana.

Ao trabalhar os pressupostos teóricos da AD, de orientação francesa, Orlandi (2015) propõe um dispositivo<sup>11</sup> de análise do discurso, que consiste numa forma de interpretação. Segundo essa analista, a análise do discurso tem as seguintes características:

[...] colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras. (ORLANDI, 2015, p. 57)

Consoante Orlandi (2015), essa relação entre o dizer e o não dizer, a posição de sujeito impõe ao analista a elaboração de um dispositivo de análise, de um dispositivo teórico<sup>12</sup>. Tais elaborações proporcionam a mudança da posição do leitor para a de analista do discurso. Em decorrência disso, nessa nova posição, o analista pode compreender melhor o “movimento da interpretação”, os “efeitos da interpretação” e os “limites da interpretação”.

E ainda, numa análise discursiva, é importante considerarmos a construção do *corpus*, pois este está diretamente ligado à análise. Assim, Orlandi (2015, p. 61) adverte: “[...] decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas”. Nesse sentido, selecionamos o 1º ano do jornal em estudo, pois integraliza 17 edições (1946) e, partindo da 2ª, começa a circular a coluna Retratos Femininos. A partir dessa seleção, a fim de efetuarmos as análises discursivas, identificamos os discursos predominantes e relacionamos aos recortes das colunas, quais sejam: discurso religioso, pedagógico, literário, a ruptura discursiva (ou seja, enunciados contrários aos discursos apontados). Além desses recortes, por a coluna tratar de descrever as perfiladas, numa remissão simultânea à tipologia textual da descrição e à pintura, observamos as características físicas, psicológicas, profissionais/habilidades das perfiladas. Nesse cruzamento entre recortes discursivos e características, selecionamos 51 enunciados retirados da coluna, nas edições explicitadas. A partir de então, realizamos a análise discursiva desses enunciados, levando em conta tanto os recortes discursivos quanto as características.

---

<sup>11</sup> É importante observarmos que o conceito de Orlandi (2015) sobre dispositivo se diferencia do conceito foucaultiano. Para essa linguista, esse dispositivo consiste em um instrumento de análise, incluindo a escolha do *corpus*, a pergunta que se faz a ele, além dos aspectos abordados na citação da autora. Para Foucault e Deleuze, os dispositivos constituem uma rede heterogênea que interliga o dito/não dito, o dizer/fazer. Nesse contexto, o dispositivo relaciona-se com discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas, enunciados científicos etc. Enquanto uma rede, relaciona-se ao poder, produzindo saber; corresponde a uma urgência histórica. O dispositivo é, pois, concebido como uma tática, uma estratégia que corresponde a uma certa necessidade histórica, de um certo momento histórico.

<sup>12</sup> Ainda consoante Orlandi, tal dispositivo corresponde à escolha do aporte teórico. Segundo ela, o objeto escolhido reclama uma determinada escolha teórica.

É importante ressaltar também que o analista se depara com o texto como realidade e, a partir dele, remete-se ao discurso, advindo de uma formação discursiva, interpelado por uma formação ideológica dominante,<sup>13</sup> fazendo sentido. Orlandi (2015, p. 61) acrescenta:

[...] a análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo momento para “reger” a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação.

Além disso, Orlandi postula que, na análise da superfície linguística, o objeto discursivo sofre um tratamento de análise superficial. A partir de então, o discurso passa a ser de-superficializado. Mas, para chegarmos a tal processo, devemos procurar pistas para compreender o modo como o discurso estudado se textualiza, “através dos vestígios que deixa no fio do discurso. [...]” (ORLANDI, 2015, p. 63). A de-superficialização do discurso consiste em eliminar as marcas do esquecimento nº 2, que produz a impressão de que determinado enunciado só é e pode ser dito daquela maneira e não de outra. Nessa perspectiva, Orlandi (2015, p. 64) defende o seguinte ponto de vista:

[...] o objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista e para se chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise, converter a superfície linguística (o *corpus* bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, um objeto linguisticamente de-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de “realidade” do pensamento, ilusão que sobrepõe palavras, ideias e coisas.

Ao convertermos o *corpus* desta pesquisa em objeto de análise, também buscamos determinar, por meio de critérios estabelecidos por Orlandi (2015), a qual tipologia discursiva pertence o discurso circulado na coluna RF. De acordo com a autora, além das tipologias ligadas à noção de instituição (que também estão demarcadas neste trabalho), há o interesse de demarcar o discurso por sua característica de interação, analisando o nível de polissemia. Identificamos, assim, a importância que o locutor dá ao seu interlocutor e também o grau de

---

<sup>13</sup> Chamamos atenção para a diferença entre a AD de vertente francesa e a Análise Arquegenealógica, no que diz respeito à teoria marxista a partir da qual a AD se funda. Nesse sentido, Foucault, inicialmente, compartilha com os ideais do marxismo, chega a fazer parte de grupo marxista. Depois, distancia-se dessa teoria, principalmente, no que diz respeito à política, à ideologia, por tal teoria tratar tais instâncias como superestruturais. Em decorrência dessa discordância, a análise discursiva, pautada nesse filósofo, *não consiste em uma análise materialista do discurso*, uma vez que ele mesmo nega situar na base do sistema as forças produtivas; para ele, há relações muito mais complexas que ligam a tecnologia do poder e o desenvolvimento das forças produtivas. Dessa forma, esclarecemos aqui que não trabalharemos com o conceito de ideologia, apesar de o conceito de Formação Discursiva (FD) ser atravessado por ele. Levaremos muito mais em conta o fato de a FD nos apontar para o lugar (instituição) a partir do qual o sujeito enuncia. Em vez do conceito de ideologia, utilizaremos as relações de poder/saber, instituídas por Foucault. Como afirmado anteriormente, esse conceito está muito mais próximo da sua relação com os enunciados, consoante Foucault (2012).

reversibilidade, analisando se há “uma maior ou menor troca de *papéis* entre locutor e ouvinte, no discurso” (ORLANDI, 2011, p.164).

A autora, então, divide o discurso ao “incorporar a relação da linguagem com suas condições de produção” (ORLANDI, 2011, p. 152) em três tipos: lúdico, polêmico e autoritário. No discurso lúdico, é possível constatar a reversibilidade, que representa a polissemia aberta, que se deseja dentro da sociedade; o discurso polêmico apresenta reversibilidade em condições de produção determinadas, gerando uma polissemia controlada; e o discurso autoritário não abre espaço para a reversibilidade, cultiva uma hierarquia entre quem fala e quem ouve, quem lê quem escreve - sua polissemia é contida. Ao final das análises, esperamos constatar o aparecimento de tais discursos.

Como afirmado ao longo deste trabalho, ele está afinado com a proposta de estudo da AD francesa e, de igual modo, alinha-se com algumas propostas metodológicas trilhadas por Foucault, ressalvadas as diferenças conceituais entre as teorias. A análise foucaultiana, como mencionado em nota de rodapé, não é materialista, não trata do conceito de ideologia, ao contrário do que ocorre na AD francesa, que tem bases marxistas. Para este autor, a análise dos discursos deve se firmar em quatro princípios reguladores: o acontecimento; a série; a regularidade e a condição de possibilidade. O trabalho de elaboração teórica baseia-se na materialidade do discurso e na sua exterioridade:

[...] não passar do discurso para o seu núcleo interior e escondido, [...]; mas, a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras (FOUCAULT, [1970] 2014, p. 50, 51)

Nesse contexto, ele propõe quatro regras de análise, quais sejam:

- I. o *princípio de inversão*, o qual consiste na fonte dos discursos, no princípio de expansão e de continuidade;
- II. o *princípio de descontinuidade*, ou seja, “[...] os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem.” (FOUCAULT, [1970] 2014, p. 50);
- III. o *princípio de especificidade*, no qual o discurso deve ser concebido como prática, não se deve transformá-lo em um “jogo de significações prévias” para assim encontrar a regularidade discursiva;
- IV. o da *exterioridade*, no qual o analista deve ver o discurso a partir de suas condições externas de possibilidades.

Com essas quatro noções, o filósofo pretende que a análise do discurso esteja articulada não como “história viva”, como alguns filósofos trabalhavam, mas com o “trabalho efetivo dos historiadores” (FOUCAULT, [1970] 2014, p. 54).

Outro conceito foucaultiano utilizado nas análises é o do dispositivo, que difere do dispositivo utilizado pela AD francesa, colocado ainda no início deste tópico. Deleuze (1996), numa releitura da obra foucaultiana, caracteriza este conceito como um conjunto de informações atravessadas pelo poder, pela subjetividade e pela enunciabilidade. Foucault trabalhou com dispositivos em toda sua obra, apontando os regimes possibilitados pela visibilidade dos enunciados, a exemplo da prisão, em *Vigiar e Punir*. Em uma análise do dispositivo, faz-se necessário observar as linhas de força, subjetividade, enunciabilidade e visibilidade. Estas dimensões funcionam como guias para a análise, pontos que devem ser observados pelo analista para identificar o que está dentro ou fora da prática discursiva. Para Deleuze (1996, p. 84), “[...] desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é construir um mapa, cartografar [...]”.

As linhas que formam o dispositivo funcionam tanto como vetores, como tensores; de acordo com Deleuze (1996), elas mudam de direção, podem ser quebradas ou, por vezes, sofrerem derivações. As linhas citadas formam o dispositivo e o inserem na ordem do discurso, é também sobre o que pode ser dito e o que é interditado. Elas adquirem caráter de historicidade ao trazerem à baila os regimes de luz.

Foucault ([1970], 2014) ainda divide a análise em dois conjuntos, o crítico e o genealógico. Em resumo, o primeiro busca a formação dos discursos com o objetivo de esclarecer a força que tiveram, a quem pertenciam, como foram se moldando ao tempo e que necessidades supriam; o genealógico analisa a formação do discurso por sua dispersão, conta-se com apoio ou repulsa dos sistemas de coerção, suas normas vigentes e suas condições de aparição. Os dois conjuntos podem ser trabalhados simultaneamente, de acordo com o autor.

Acrescentamos ainda que há pontos de conflito entre as duas teorias, como explicou Gregolin, em *Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos e duelos*, as maiores diferenças entre os teóricos são de ordem política, especialmente porque Foucault não tratou da luta de classes e dos aparelhos ideológicos do Estado, mas deu ênfase aos micropoderes. No que diz respeito ao conceito de formação discursiva, Foucault defende que “[...] o sentido do enunciado muda de acordo com as relações que ele estabelece com outros enunciados” (GREGOLIN, 2004, p. 125), a História é, então, construída no campo dos discursos, por meio de disputas de poder. Para Pêcheux, “[...] o sentido das palavras muda de acordo com a

posição na luta de classes daqueles que as empregam” (GREGOLIN, 2004, p. 125), uma noção que se transforma para o autor com o caminhar do tempo, e das disputas em torno do assunto, para uma formação discursiva que passa a enxergar a heterogeneidade no interior da ideologia dominada, antes enxergada por Pêcheux como um bloco homogêneo.

Gregolin (2004) também destaca que os últimos escritos de Pêcheux falaram de retificação, uma mudança que abre o caminho da AD francesa para ideias concebidas pela História Cultural e se assemelha às posições foucaultianas. Ainda consoante essa autora, em *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, Pêcheux (1997) trata o sujeito de uma maneira mais branda, por assim dizer. Respondendo críticas a respeito de como inserir um sujeito assujeitado no movimento da História, Pêcheux passa a sugerir um sujeito que não é mais totalmente interpelado pela ideologia de maneira determinista, pois essa interpelação está sujeita a falhas. Recorrendo à psicanálise, Pêcheux trata da possibilidade de atos falhos, de lapsos, abrindo, assim, um espaço para a resistência. Este autor finaliza sua corajosa retificação com a frase “é preciso ousar pensar por si mesmo” (PÊUCHEUX, 1997, p. 304).

De igual modo, consoante Gregolin (2004), Foucault (*Vigiar e Punir; O Sujeito e o Poder*) pensa o sujeito forjado por mecanismos de disciplina sobre o corpo, mas salienta que estes mecanismos só são possíveis pela existência da resistência. Para este filósofo, não há possibilidade de construção de uma sociedade disciplinar se constituir por meio da escravidão de indivíduos; ela só se torna possível por meio das disputa, por ser uma “[...] forma social mais ampla de uma sofisticada e sutil tecnologia de submissão em movimentos, gestos, silêncios que orientam o cotidiano” (GREGOLIN, 2004, p. 132).

Com base neste momento em que a análise do discurso de linha francesa caminha para uma relação de semelhança com as teorias propostas por Foucault, pretendemos realizar a análise discursiva da coluna Retratos Femininos. Levamos em conta que adotamos as posições firmadas por Foucault a respeito do enunciado, da formação discursiva, da autoria, do poder/saber, da verdade e da disciplina, mas sem deixar de nos utilizar da base da AD francesa para as análises, com suas noções sobre discurso, sujeito, interdiscurso/memória discursiva.

Iniciamos o processo da análise com a utilização de um quadro demonstrativo cruzando as características descritas por Carvalho Déda com os discursos circulados na coluna RF; seguimos com os movimentos de interpretação do dispositivo, nos termos de Deleuze (1996), fazendo uso da metodologia descrita neste tópico.

### 3.2 Análise do *Corpus*

Como mencionado na introdução desta pesquisa, a coluna Retratos Femininos teve sua primeira edição publicada no ano de 1946, data de fundação do jornal *A Semana*, do qual era uma parte. Depois deste ano, continuou a ser publicada, mas sem estar presente em todas as edições do jornal. Levamos esta regularidade em conta na decisão da composição do *corpus*: as 16 primeiras edições da coluna, ou seja, todas as suas publicações no primeiro ano do periódico. Além disto, baseando-nos em noções metodológicas apontadas por Marcuschi (2001), voltamos o olhar para uma sequência de colunas que apresentavam representatividade e diversidade em relação ao todo, fatores contribuidores para o recorte deste *corpus*.

A primeira aparição da RF deu-se na segunda edição do jornal, datada de 15 de setembro de 1946, na página quatro *d'A Semana* e, desta mesma maneira, continuou a ser publicada durante o restante dos meses daquele ano. O jornal abrigava diversas outras colunas, como já se pontuou neste trabalho; havia uma coluna destinada a discutir assuntos ligados à política local e internacional; outra para assuntos da agricultura e críticas do “João Sem Terra”, contra os grandes latifúndios; outra, ainda, dedicada à segurança pública. Todas estas eram fixas, assim como a RF, e nenhuma delas dividia a página com a coluna aqui estudada. Nas páginas em que se situavam, podemos encontrar editoriais, algumas publicidades, anúncios de editais e notícias.

Ao analisarmos a coluna RF, entendemos a necessidade de estender esta análise para além das bordas da coluna, buscar os discursos presentes também nas margens. Encontrar também em seu entorno, na página na qual estava localizada a coluna, pistas que legitimam os discursos circulados na RF, pois “[...] o espaço do texto não é fechado em si mesmo, tem relação com o contexto de situação e com outros textos” (ORLANDI, 1984, p.16)

Algumas outras colunas eram publicadas com frequência na mesma página das 16 edições analisadas da Retratos Femininos - a ‘Secção Religiosa’ (com 9 aparições), a ‘Secção Charadista’ (11), ‘Sociais’ (16) e o filme da noite no ‘Cinema Ipiranga’ (12), são aparições recorrentes. A ‘Secção Religiosa’ tratava de temas relativos à religião católica, como dias dos santos e eventos ligados à igreja, ocorridos nos municípios de Simão Dias, Paripiranga e Lagarto; ‘Secção Charadista’ publicava uma charada por edição e a resposta para a charada da semana anterior; ‘Sociais’ trazia temas relativos a aniversários de moradores, falecimentos, visitas dos que foram morar em outros lugares e até anunciava os enfermos. Eram colunas

simples, abordavam o trivial, leitura leve destinada ao público feminino, assim como os perfis da Retratos Femininos, com suas descrições de mulheres.

Buscando analisar essas descrições e compreender os discursos que poderiam circular naquela época (e no jornal), elaboramos um quadro associativo. Ao observar este quadro, podemos visualizar quais os discursos circulam nas colunas, quais as suas incidências, além de trabalhar as condições de produção, chegando, desta maneira, à ordem do discurso.

DISCURSO/ CARACTERÍSTICAS	Religioso	Pedagógico	Institucional	Literário	Ruptura Discursiva
Físicas	“Meigos olhos que fazem lembrar o doce olhar nazareno do messias” (Ed. 9) Também presente nas edições 6, 7, 11, 12	“porte elegante” (Ed. 2) Também presente nas edições 3, 6, 10, 17		“é pequenina como aquela avezinha semelhante a andorinha” (Ed. 3) Também presente nas edições 2, 4, 8, 9, 11, 13	“Não é dona de completa beleza física” (Ed. 13)
Psicológicas	“dona de uma alma cheia de bondade e pureza” (Ed.13) Também presente nas edições 4, 7, 8	“modos delicados e gentis, é muito tímida” (Ed. 6) Também presente nas edições 3, 4, 5, 17	“sorriso suave de castidade” (Ed.6) Também presente nas edições 3, 11 e 13	“simples como uma bonina em sua singeleza” (Ed. 16) Também presente nas edições 2, 5, 10, 15	“Dom de convencer” (Ed. 13)
Profissionais/habilidades	“o diploma que lhe abriu as portas para o sacerdócio do magistério” (Ed.3)	“no teatro leve de amadores [...] ela canta, baila e declama” (Ed.2) Também presente nas edições 3, 4, 10, 15, 16	“Num dos seus delicados dedos vê-se um anel de formatura, fruto de sua inteligência e aplicação” (Ed. 17) Também presente nas edições 3, 4, 15	“como uma abelhinha [...] ela passa sobraçando uma pasta de couro [...] para produzir o precioso mel do saber” (Ed.10) Também presente nas edições 4 e 15	“aplica toda sua inteligência no seu ofício de vender” (Ed.13)

Quadro1 Fonte: Jornal A Semana<sup>14</sup>.

Os recortes presentes no quadro funcionam como unidades discursivas, foram efetuados de acordo com princípios discursivos que, consoante Orlandi (1984), variam “[...] segundo os tipos de discurso, segundo a configuração das condições de produção, e mesmo o objetivo e o alcance da análise”. Ou seja, a seleção dos recortes se dá de forma pensada metodologicamente, para dar suporte à análise do discurso, considerando-se suas condições de produção e diferenciando-se da análise do texto.

<sup>14</sup> Este quadro foi elaborado por Yasmin Déda, como instrumento metodológico para que pudéssemos visualizar os discursos circulados no nosso objeto de pesquisa.

Na vertical, atentamos para as características predominantes nas colunas analisadas, dividindo-as em três categorias: físicas, psicológicas e profissionais/habilidades. Quanto às características físicas, contemplamos as descrições ligadas à aparência dessas mulheres; às psicológicas, estudamos as descrições sobre comportamento, humor e modos, como as mulheres eram descritas de uma maneira mais subjetiva; as características profissionais/habilidades são concernentes aos momentos em que o autor exalta ou cita o trabalho da mulher descrita, ou ainda descreve alguma aptidão desenvolvida pela perfilada que mereceu o destaque. Em algumas das colunas, todas as características aqui elencadas são encontradas, em outras não. Mas notamos a predominância da descrição física em contraponto à pouca utilização das características relativas à profissão / habilidades das mulheres.

Na horizontal, foram destacados os discursos mais recorrentes, identificados após pesquisa nas colunas trabalhadas. Elaboramos tais classificações, de acordo com o ponto de vista de Orlandi (2011), segundo a qual as análises discursivas partem de uma denominação tipológica, conseqüentemente, são necessárias para a classificação dos discursos.

[...] todo falante quando diz algo a alguém estabelece uma configuração para seu discurso. Não há discurso sem configuração como não há fala sem estilo. Da perspectiva da atividade, não se trata de um modelo que o falante preenche, mas sim de uma configuração que ele estabelece: não é um dado anterior, é o que se define na própria interação. Porém, enquanto resultados, enquanto produtos, os tipos são cristalizações de funcionamentos discursivos distintos (ORLANDI, 2011, p.153)

Ao relacionarmos a linguagem com as condições de produção, sem abrir mão do interesse em alcançar os objetivos da análise, decidimos pelas seguintes tipologias: I) discurso religioso; II) discurso pedagógico; III) discurso institucional; IV) discurso literário. O religioso foi definido como um dos tipos, com base na utilização pelo autor de passagens bíblicas, símbolos religiosos judaico-cristãos; o pedagógico trata da disciplina, da sociedade da vigilância; no institucional, identificamos o direcionamento a instituições como o casamento, a mídia, o Estado e a escola (excluindo aqui a religião, embora seja um discurso institucionalizado, pois esta foi deslocada para uma tipologia própria, haja vista a recorrência a esse discurso); já o literário traz à baila diversos enunciados utilizados pelo autor nos quais há a comparação de características femininas a elementos da natureza, fazendo alusão ao discurso dos poetas ou dos romancistas do séc. XIX. Por fim, a ruptura discursiva, indicando a circulação de uma discursividade diferente das demais tipologias identificadas nas análises.

Por vezes, os enunciados são atravessados por mais de um discurso, algo comum já que as categorias aqui descritas como tipos discursivos não têm a pretensão de serem fixas, mas de guiarem a análise. O discurso religioso pode estar presente em recortes destacados por

um discurso de tipo pedagógico, por exemplo. De acordo com Maingueneau (2006), isto acontece por ter o discurso religioso uma categoria de discurso constituinte, “[...] discursos que conferem sentidos aos atos da coletividade [...]” (p.61) e “[...] validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma [...]” (p. 60). Ao autorizarem-se por si mesmos, não recorrem a outros discursos para sua constituição e ocupam uma posição primária na memória discursiva.

Ainda de acordo com o autor, a atividade jornalística é forte utilizadora dos discursos constituintes, pois, para legitimar as posições em um texto, busca fontes da filosofia, da religião. Isto pode acontecer de maneira direta, com a busca de “entendedores da área”, os especialistas, ao transporem exatamente o que lhes é apresentado pela marcação de autoria das aspas. Mas o jornalismo também recorre a esses discursos por meio dos interdiscursos, acessando a memória discursiva – esta acessa as condições de produção, de acordo com Orlandi (2015).

Sob a perspectiva da AD francesa, as condições de produção dizem respeito ao contexto sócio histórico do qual o discurso faz parte, elas agregam o sujeito e o “ambiente” ao redor. No caso da coluna RF, devemos situá-la em Simão Dias, um município do interior do Estado de Sergipe, escrita em 1946, por um locutor<sup>15</sup> masculino, atravessado por valores conservadores, ligados à religião, à família e à política. Estes fatos têm importância considerável para a AD, especialmente, na busca pelas condições de produção que possibilitaram o aparecimento dos discursos ressaltados no quadro de análises. Nesta realidade, esses discursos encontram possibilidade de existência e são ativados por uma memória discursiva, o que não é dito textualmente nas linhas da coluna deve ser observado em relação ao que é dito. Aqui não significa que este conteúdo está implícito, ou que faça parte da AD a adivinhação; quer dizer que a linguagem não é transparente, que o enunciado deve ser investigado, analisado, de forma a identificarmos o interdiscurso (memória discursiva).

O interdiscurso refere-se ao “[...] saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2015, p 29). Tudo o que já foi dito sobre o gênero feminino dentro daquelas condições de produção (sujeito e contexto) afeta a maneira como Carvalho Déda, enquanto locutor, sob o pseudônimo de Leonardo De Vince [sic], perfila as mulheres

---

<sup>15</sup> Por locutor, entendemos que é aquele que se representa como fonte do dizer. É responsável pela enunciação e, quando presente, pelas marcas de 1ª pessoa.

em seu jornal. Religião, disciplina, literatura, instituições permeiam discursos ressignificados, quando colocados em um novo contexto, produzindo efeitos no indivíduo que, para Foucault ([1975] 2018), subjetivam-se nestes discursos.

De acordo com Orlandi (2015), ao trabalhar com teorias pecheutianas, entender o funcionamento do discurso implica em relacionar o interdiscurso com o intradiscurso, uma relação entre o que se está dizendo no momento – a “atualidade” (aqui entre aspas, por tratarmos de textos da década de 1940) - e a memória discursiva.

Os esquecimentos 1 e 2 também são determinantes para o funcionamento do interdiscurso. Ao descrever as mulheres de Simão Dias, o locutor Carvalho Déda o faz na impressão de ser a origem do que está dizendo, ele não faz referência a discursos institucionais ou pedagógicos, por exemplo, imaginando estar retomando discursos que já existiam. Como todo sujeito discursivo, imagina ser o primeiro a dizer, o que Pêcheux denomina de sonho adâmico<sup>16</sup>, ou esquecimento número 1, atinente à instância do inconsciente.

O esquecimento número dois também é estruturante do interdiscurso, mas este age na instância ideológica, de acordo com teoria pecheutiana: “Estabelece uma relação “natural” entre palavra e coisa” (ORLANDI, 2015, p.33). É o esquecimento que provoca a impressão de que certo enunciado só pode ser dito de uma única maneira, não de outra.

Outro ponto constitutivo das condições de produção do discurso é o que diz respeito à relação de forças. Esta se refere aos papéis que os sujeitos (locutores) ocupam na sociedade. O que diz um professor significa diferente da fala de um aluno; a fala de um juiz exerce uma força diferente da fala do réu; a do padre confessor, difere da do crente pecador. O lugar social ocupado pelo sujeito é constitutivo do que ele diz, no caso do sujeito/locutor Carvalho Déda, essas relações de força ocorrem, na medida em que é um homem, político, jornalista, advogado falando sobre a beleza de mulheres.

No que se refere aos estudos foucaultianos, entendemos que essa relação dialoga com a questão do controle do discurso, como descrito por Foucault ([1970], 2014). De acordo com esse autor, uma das maneiras pelas quais se exerce um controle sobre os discursos é a imposição de certas regras que os indivíduos devem seguir para que entrem na ordem do discurso, limitando a participação de outros discursos/indivíduos. Ainda no que diz respeito a esse filósofo, podemos situar tais relações no interior do dispositivo, sua terceira dimensão, as

---

<sup>16</sup> Na verdade, esse termo é cunhado por Bakhtin, em “A estética da criação verbal”.

*linhas de força*, definido como algo que controla a visibilidade e a dizibilidade; consistem nos poderes controladores daquilo que se pode ou não dizer.

Nem todos os sujeitos podem falar sobre tudo, sob o princípio foucaultiano da rarefação<sup>17</sup>, são exigências para que um sujeito entre na ordem do discurso. Além disto, uma certa qualificação é cobrada dos que falam, há um ritual que define comportamentos para que o que se fala seja aceito, como atestam os discursos jurídicos, políticos, religiosos. Uma outra regra para que o discurso de quem enuncia seja validado pela sociedade do discurso é a doutrina. Para estar alinhado à doutrina, o indivíduo deve estar de acordo com as verdades, “[...] a doutrina questiona os enunciados a partir dos sujeitos que falam” (FOUCAULT, [1970] 2014, p. 40), o pertencimento a uma categoria, seja ela de classe, de etnia, de raça, de gênero vai unir os sujeitos entre seus iguais e, por isto mesmo, separá-los dos demais, tornando os indivíduos sujeitos ao discurso; o discurso, sujeito aos indivíduos (FOUCAULT, [1970] 2014).

O que faz parte da ordem do discurso e é legitimado na sociedade do discurso ganha status de verdade, já que, de acordo com Foucault ([1970] 2014, p.46) a verdade é uma noção construída historicamente, “[...] o discurso nada mais é do que uma reverberação da verdade nascendo diante de seus próprios olhos”. Existe uma vontade de verdade, ela não surge naturalmente, nem é um conhecimento prévio ao homem, como já pontuamos em tópicos passados. A imprensa, como parte da sociedade do discurso, funciona como um aparelho legitimador dessas verdades, como já pontuado anteriormente. O discurso sobre a mulher, circulado na coluna RF, funciona porque já passou por todos os filtros possíveis dentro da ordem do discurso, já ganhou legitimidade, diante de todos os processos de interdição para que o que ali foi dito pudesse ser dito daquela maneira, dentro daquelas pontuais circunstâncias.

O discurso midiático é também um discurso de poder, um discurso institucional. Por conta disso, é do nosso interesse avaliar as relações de poder que possibilitam o aparecimento de tais discursos sobre a mulher. Gregolin (2004) deixa claro que o sujeito foucaultiano é construído historicamente, por meio das práticas discursivas: “[...] é resultado de uma produção que se dá no interior do espaço delimitado pelos três eixos da ontologia do presente (os eixos do ser-saber, do ser-poder e do ser-si)” (GREGOLIN, 2004, p. 59). No caso das

---

<sup>17</sup>O que Foucault intitula de **rarefação dos sujeitos** diz respeito à imposição das condições de funcionamento dos discursos, quais sejam: o ritual da palavra (quem pode falar? onde? como?); a doutrina (validação da palavra); a sociedade do discurso (preservação / produção de discursos – circulação em espaço fechado).

mulheres da RF, os discursos da coluna são aqui apresentados como um dos modos de subjetivação destas, por meio de discursos literários, religiosos, institucionais e pedagógicos, partes constitutivas de uma sociedade disciplinar.

No próximo tópico, as informações inseridas no quadro aqui apresentado são analisadas com base nas teorias da AD, também já expostas nesta pesquisa; na Arqueogenealogia do discurso, consoante Foucault.

### 3.3 Em busca da formação discursiva

A seguir, utilizando-nos das informações presentes no quadro, fazemos a correspondência entre as linhas e as colunas, cruzando as informações encontradas com as teorias da AD e as foucaultianas, buscando evidenciar a formação discursiva.

#### I) Discurso religioso

Seguindo a tipologia deste discurso, foram identificados recortes com todas as características propostas no quadro, seja uma mulher descrita por como aparenta física e psicologicamente ou pela exaltação de suas habilidades. Foram realizados cinco recortes enunciativos referentes a descrições físicas; cinco, referentes a descrições psicológicas; um, referente à descrição que aborda aspectos profissionais ou habilidades desenvolvidas pela perfiladas.

a) Em relação às características físicas, expomos abaixo os enunciados encontrados:

É simpática, de porte elegante, tez morena assetinada [sic], olhos negros cheios de brandura, tendo na face um **sorriso suave de doce castidade**. **(grifos nossos)** (Ed. 6)

Não sei o que os **seus olhos santamente ocultam**, resistindo com tenacidade aos olhares apaixonados dos seus fans [sic]!... Será por inocência que resiste, ou porque o seu coraçãozinho tem receio de ser escravizado? **(grifos nossos)** (Ed.7)

E seria preciso muito tempo, muitas “semanas”, grandes reservas de inteligência, para desencantar seus meigos olhos que fazem lembrar o **doce olhar nazareno do messias**. **(grifos nossos)** (Ed.9)

Dentre elas, embora a custo, alcancei uma que distinguia-se [sic] hoje, inconfundível, **linda como uma grinalda de inocência** e brilhante como o sol que fere todos os olhos. **(grifos nossos)** (Ed. 11)

Ainda em sonho eu via, de um dos fios retroz da sobancelha da perfilada de hoje formar-se também uma **escada que ia da terra ao firmamento**, mas

com uma outra escada; é que, pela escada do meu sonho, não subia nem descia nenhum **anjinho**, mas o próprio **Jacob**. (**grifos nossos**) (Ed.12)

b) Em relação às características psicológicas:

**Estrela de primeira grandeza** no seu nascimento (Ed. 4)

Mirando o céu, minhas pupilas quasi [sic] se ofuscam ante o esplendor de V.M.C., uma **estrela traquinas** e brincalhona que vive a correr o firmamento, ora brilhando no zênite, ora brilhando no horizonte onde **gera luz**, vida e alegria dos matos da verde serra do oeste onde nasceu. (**grifos nossos**) (Ed.7)

[...] o velho astro patricio, tomando-me pelo braço, levou-me à uma **constelação** que brilhava ali perto, e, apontando uma faiscante estrelinha de cabelos pretos (**grifos nossos**) (Ed.8)

A perfilada de hoje, se não é dona de completa beleza física, é dona de uma **alma cheia de bondade e pureza** (**grifos nossos**) (Ed. 13)

Há formosuras e formosuras... A **formosura da alma**, é a única espécie que não fenece, mas perdura através dos tempos, porque a bondade é imortal (**grifos nossos**) (Ed. 13)

c) Em relação ao aspecto profissional e habilidades:

A despeito de haver conquistado com brilhantismo o diploma que lhe abriu as portas para o **sacerdócio do magistério**, até hoje não aprendeu a lição mais fácil de gramática, que é a conjugação do verbo amar!... (**grifos nossos**) (Ed. 3)

Tomando como referência o discurso religioso cristão, com base na religião judaico-cristã e o entendimento apresentado por Orlandi (2011), para quem, no discurso religioso, a voz que fala é a voz de Deus, buscamos, a partir desse conjunto de enunciados, relacionar o dito e o não-dito, observando os fatores que corroboram o seu aparecimento.

A autora propõe algumas propriedades que caracterizariam este tipo de discurso, trabalhado em relação ao sagrado. Uma destas características pontua que esse tipo de discurso não necessita da enunciação fechada em igrejas, nem da leitura da bíblia; também a enunciação não necessita partir diretamente de um padre, bispo ou papa para que seja colocada a prática discursiva. É um discurso presente no cotidiano, que adquire materialidade de diversas maneiras, “[...] por meio do sentimento religioso, o misticismo, a relação com aquilo que representa o não-limite (Deus)” (ORLANDI, 2011, p 255).

Uma outra propriedade que se apresenta fortemente nesta tipologia é a ilusão de reversibilidade, caracterizada pela troca de papéis entre os interlocutores. Trata-se, de acordo com a autora, de um discurso de cunho autoritário, no qual não existe possibilidade de troca

de papéis – pois, quem fala é Deus -, esta troca só existe de maneira ilusória. Os jornalistas se utilizam de maneira recorrente desta ilusão de reversibilidade quando usam o discurso religioso, apropriando-se de dizeres que possibilitam aproximação com os leitores.

Ao retornarmos aos enunciados, notamos dizeres que fazem parte da formação discursiva religiosa e são reatualizados em um novo contexto no momento da enunciação. A castidade, a santidade, a bondade, a pureza, são marcas fortes no discurso religioso (pois este trata do bem x mal) que podem ser remetidas à imagem da virgem Maria, mãe de Jesus (o “nazareno” do qual o olhar é apropriado para a descrição de uma perfilada na edição 9). Maria é símbolo da pureza, da virgindade e da abnegação, não é mulher, é mãe acima de qualquer outra coisa. Maria ainda traz à baila o significado de união entre o terreno e o celeste,

A Virgem Mãe de Deus simboliza a **terra orientada** para o céu, que se torna também uma **terra transfigurada**, uma **terra de luz**. Daí vem o seu papel e a sua importância no pensamento cristão, enquanto modelo e ponte entre o terrestre e o celeste, o baixo e o alto. (CHEVALIER, 1993, p. 962)

A Virgem Maria é inserida no contexto da coluna como é colocada no contexto religioso, uma mãe virtuosa que, se seguido seu modelo, é um exemplo de como alcançar o caminho da terra para o céu.

Os recortes também fazem referências a estrelas, constelações e brilho, nas edições 4, 7 e 8. A estrela cumpre um papel simbólico de iluminar e, por se encontrarem no céu escuro, também trazem à baila a relação de luz em meio às trevas - o conflito de *bem versus* mal mais uma vez permeia o discurso utilizado por CD. Seu caráter de símbolo religioso é assim trabalhado por Chevalier (p. 404, 1993):

Tanto para o Antigo Testamento quanto para o Judaísmo, as estrelas obedecem à vontade de Deus e, eventualmente, as anunciam [...] Portanto, elas não são criaturas puramente inanimadas: um anjo vela sobre cada estrela [...]. E daí para que se comesçassem a ver na estrela o símbolo do anjo era só um passo, que não tardou a ser dado: o Apocalipse fala de estrelas caídas do céu (6.13), como se se referisse a anjos caídos.

A estrela (e seu brilho e as constelações) funciona no discurso da RF (4, 7, 8) qualificando aspectos psicológicos da mulher, ao igualar suas características à bondade, aos anjos, “seres intermediários entre Deus e o mundo” (CHEVALIER., p. 60, 1993). Mais uma vez, símbolos são utilizados para reafirmar os valores da religião cristã no “ser” feminino, na constituição da mulher (boa e pura), como parte daquela sociedade, daquela época.

Retomemos agora à edição de número sete. Nela, chama-nos a atenção o recorte enunciativo sobre os olhos da perfilada em “seus olhos santamente ocultam”. No dicionário Houaiss (2009), o verbo ‘ocultar’ é descrito como disfarçar, não revelar, dissimular, quando

utilizado em relação ao sentimento – como é o caso da coluna. Nesse recorte, observamos ainda o advérbio inserido de forma a modificar o verbo que vem em seguida, o uso do “santamente” funciona para amenizar o significado do “ocultam”, que poderia figurativizar a negatividade da dissimulação. Entendemos, então, que as imagens e expressões cristãs são utilizados na coluna com o objetivo de perpassar um juízo elogioso às meninas e mulheres perfiladas.

Além dos aspectos acima apontados, compreendemos que o discurso religioso, identificado nestes enunciados da coluna, molda características físicas e psicológicas de mulheres, muitas ainda em idade escolar, com elogios que afirmam sua pureza, sua bondade, algo ligado ao papel da mulher adestrada (na sociedade disciplinar, como apresentada por Foucault ([1975] 2018) para casar e ter filhos. A naturalização da maternidade como um dom divino atribuído à mulher começa cedo, ainda quando lhe são oferecidas bonecas para brincar. A maternidade é um valor a ser cultivado em uma cidade que, antes de ser nomeada Simão Dias, quando ainda era freguesia, chamava-se Santana de Simão Dias e, depois, como Vila da Senhora Santa Anna de Simão Dias. O nome santo é uma homenagem à primeira capela do local, uma referência à Santa Ana, mãe da Virgem Maria, por conseguinte, avó de Jesus Cristo (DÉDA, 2008).

Ao julgar a beleza de uma mulher, Carvalho Déda ocupa a posição discursiva de autoridade, aqui estabelecida pelos seus demais papéis discursivos, elencados anteriormente, e evidenciada pelo gênero masculino. As mulheres são descritas como belas, em uma sociedade na qual a beleza adquiriu um *status* de fé, de natural. Essa perspectiva de observação da mulher não foi construída por ela mesma historicamente, mas a sua historicidade está pautada num discurso judaico-cristão. São verdades como beleza e maternidade que atuam sob o corpo feminino, fabricando indivíduos. Ao perfilar as mulheres de sua cidade, o jornalista o faz na ilusão de uma autoridade divina, assim como pontua Wolf (2018, p. 131), ao tratar sobre a verdade da beleza e a posição do homem:

Essa “verdade” é vista como Deus costumava ser visto – no alto de uma hierarquia, com sua autoridade o ligando a seus representantes na terra: jurados de concursos de beleza, fotógrafos e, em último lugar, o homem comum. Mesmo ele, o último elo, tem uma parte dessa autoridade divina sobre as mulheres, como o Adão de Milton tinha sobre Eva: “ele por Deus, e ela por Deus nele”. O direito de um homem de julgar a beleza de qualquer mulher, enquanto ele próprio não é julgado, não é questionado porque é considerado divino.

O discurso religioso também promove a cristalização de imagens ligadas ao casamento, à maternidade, estimula a castidade antes do casamento (figura entre os dez mandamentos: não pecar contra a castidade), tornando-a uma característica passível de

destaque na coluna de Carvalho Déda, como demonstrada, de igual modo, pelo recorte da edição 6 “sorriso suave de doce castidade”. Discursos como estes estimularam que a mulher conservasse a sua virgindade como um valor que abre as portas para o casamento.

Abaixo, reproduzimos integralmente o texto da coluna RF, publicado na 12ª edição do periódico aqui estudado. Nesta edição, encontramos mais pistas sobre a interpelação do indivíduo Carvalho Déda em um sujeito religioso, ao tratar de celebração religiosa e abordar trechos da bíblia.



Figura 3 - Reprodução: Jornal A Semana, ed. 12, 22/11/1946.

A coluna faz referência à história de Jacó (na coluna, *Jacob*), narrada pela bíblia, em uma *reatualização*<sup>18</sup> que trata de um sonho do personagem com uma escadaria que o levaria até o céu:

E sonhou: e eis uma escada posta na terra, cujo topo tocava nos céus; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela;

E eis que o Senhor estava em cima dela, e disse: Eu sou o Senhor Deus de Abraão teu pai, e o Deus de Isaque; esta terra, em que estás deitado, darei a ti e à tua descendência;

E a tua descendência será como o pó da terra, e estender-se-á ao ocidente, e ao oriente, e ao norte, e ao sul, e em ti e na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra;

E eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra; porque não te deixarei, até que haja cumprido o que te tenho falado.

Acordando, pois, Jacó do seu sono, disse: Na verdade o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia.

(Gênesis 28; 12-16)

Em uma outra passagem bíblica, Jacó encontra-se com um anjo:

<sup>18</sup> Empregamos esse termo de acordo com Foucault ([1969] 2012, p. 284), para quem a “reatualização” consiste na “[...] reinscrição de um discurso em um domínio de generalização, de aplicação ou de transformação que é novo para ele”.

E Jacó ficou sozinho. Então veio um homem que se pôs a lutar com ele até o amanhecer.

Quando o homem viu que não poderia dominá-lo, tocou na articulação da coxa de Jacó, de forma que lhe deslocou a coxa, enquanto lutavam.

Então o homem disse: “Deixe-me ir, pois o dia já desponta”. Mas Jacó lhe respondeu: “Não te deixarei ir, a não ser que me abençoes”.

O homem lhe perguntou: “Qual é o seu nome?”

“Jacó”, respondeu ele.

Então disse o homem: “Seu nome não será mais Jacó, mas sim Israel, porque você lutou com Deus e com homens e venceu”.

Prosseguiu Jacó: “Peço-te que digas o teu nome”.

Mas ele respondeu: “Por que pergunta o meu nome?” E o abençoou ali.

Jacó chamou àquele lugar Peniel, pois disse: “Vi a Deus face a face e, todavia, minha vida foi poupada”.

(Gênesis 32: 24-29)

O personagem, nesta passagem, luta com Deus, sob a forma de anjo, e vence dele. Na coluna destacada, Jacó encontra-se em posição elevada ao “anjinho”, pois Jacob sobe ao firmamento. A escada é a sobancelha, como colocado por CD, e esta leva ao topo, ao pensamento da perfilada que, nesse sonho, não pensa em religião, mas na figura masculina.

O autor também reafirma sua religiosidade ao informar aos leitores que participaria do Conselho Eucarístico Diocesano na cidade, ao qual teve que dedicar seus pensamentos e proximidade com o sagrado. Na ocasião, Carvalho Déda se afirma como cristão e coloca em destaque mais uma característica do discurso religioso, a divisão entre o que é profano e o que é sagrado. Ao assumir essa posição, CD se constitui enquanto um doutrinador, utilizando o jornal como um dispositivo para reiterar o discurso religioso sugerindo os dualismos *bem versus mal*; *pureza versus impureza*. Dessa forma, corrobora a perpetuação de um modelo de comportamento de mulheres da região em que o jornal circulava. Isso porque, na medida em que ele elege determinada mulher e não outra para perfilar, ele, de certa forma, já elege tais características como padrões sociais a serem seguidos.

## II) Discurso Pedagógico

Esta tipologia trata do discurso que funciona sob a influência da sociedade disciplinar, um discurso de vigilância atuando fortemente na subjetivação do indivíduo. O Discurso Pedagógico é um discurso institucionalizado que faz alusão à instituição escolar, Orlandi (2011) o caracteriza como um dizer garantido pela força da escola como instituição. Entretanto, em *Vigiar e Punir*, Foucault nos revela que tal instituição tem suas origens nos

monastérios. Em outras palavras, a escola surge a partir de um modelo monástico, apontando para a relação de uma linha tênue entre o discurso pedagógico e o religioso. Como observado, a maioria das perfiladas por CD nas edições analisadas neste trabalho fazem parte do ambiente escolar, são alunas ou professoras, promovendo uma ambientação a este discurso – que trata, sobretudo, de obediência.

Levando em conta as características físicas das perfiladas, foram selecionados cinco recortes enunciativos que fazem alusão ao discurso pedagógico; sobre as características psicológicas, mais cinco; e a respeito das características profissionais e habilidades descritas no perfil, foram selecionados seis recortes. Todos eles podem ser conferidos abaixo:

a) Características físicas

Morena – e que moreno lindo! – tendo o porte elegante de uma palmeira tropical, é inteligente, alegre e **dona de um boníssimo coração. (grifos nossos)** (Ed. 2)

Tem a alvura da primeira luz da manhã, e o azulado **dos seus meigos olhos** corresponde com a maciês [sic] dos seus cabelos castanhos. É esbelta [...]. **(grifos nossos)** (Ed. 3)

É simpática, de porte elegante, tez morena assetinada [sic], olhos negros **cheios de brandura**, tendo na face **um sorriso suave de doce castidade. (grifos nossos)** (Ed. 6)

É uma **moreninha** brasileira, deste **tamaninho** [...]. **(grifos nossos)** (Ed. 10)

É uma meiga criaturinha de cútis alvo-morena, nariz bem modelado, olhos castanhos, lábios carminados, sobancelha formando **duas adoráveis meias luas**, cabeleira castanha e **rica de mimosos anéis. (grifos nossos)** (Ed. 17)

b) Características psicológicas

Simpática [sic] e **boazinha é admirada e estimada** por grande numero [sic] de **amiguinhas. (grifos nossos)** (Ed. 3)

A nossa imaginária <<Kodac>> conseguiu enquadrar, hoje, **o perfil da graciosa e simpática** C.N., esta **menina-moça** [...] **(grifos nossos)** (Ed. 4)

Também **não é mulher, porque é uma gentil flor**, nascida lá na frescura das fontes, **onde as ninfas se banhavam. (grifos nossos)** (Ed. 5)

Não obstante os seus **modos delicados e gentis, é muito tímida!** [...]. **(grifos nossos)** (Ed. 6)

É **uma meiga criaturinha** de cútis alvo-morena, nariz bem modelado, olhos castanhos, lábios carminados, sobancelha formando duas adoráveis meias luas, cabeleira castanha e **rica de mimosos anéis. (grifos nossos)** (Ed. 17)

c) Características profissionais/habilidades

No teatro leve de amadores, a platéa [sic] não lhe regateia palmas, pois **com muita graça, alma e espontaneidade, ela canta, baila e declama. (grifos nossos)** (Ed. 2)

A despeito de haver **conquistado com brilhantismo o diploma** que lhe **abriu as portas para o sacerdócio do magistério**, até hoje não aprendeu a lição mais fácil de gramática, que é a conjugação do verbo amar! [...] **(grifos nossos)** (Ed.3)

Outro dia, lá no colégio, **sonhou com férias – sonho de criança – e, transformando-se em irrequieto colibri**, gazeou algumas aulas comente para dar uns volteios na terrinha querida. **(grifos nossos)** (Ed. 4)

**Como uma abelhinha todas as tardes** e as [sic] mesmas horas, ela **passa sobraçando uma pasta de couro** em demanda da sua <<colmeia>>, não para <<fazer cêra>>, **mas para produzir o precioso mel do saber. (grifos nossos)** (Ed. 10)

**É estudiosa e simples** como uma bonina na sua singeleza. **(grifos nossos)** (Ed. 15 e 16)

Como mencionado anteriormente, Foucault ([1975] 2018) argumenta que a escola é um ambiente que opera o adestramento do indivíduo, por meio do controle do corpo, do tempo, do espaço; caso as exigências oriundas deste adestramento não sejam cumpridas, há como consequência punições. O processo de disciplinarização apresentado por Foucault é uma maneira de propiciar um processo de subjetivação do indivíduo, na medida em que, ao ser disciplinado, ele é capaz de produzir um saber. Consequentemente, o controle disciplinar age sobre os gestos, sobre o corpo, provocando a subjetivação do indivíduo. O autor exemplifica a evolução das exigências sobre o corpo, ao tratar de porte e postura dos soldados. Em relação ao nosso objeto de estudo, entendemos que tal exemplo pode ser observado na subjetivação das mulheres. Como podemos constatar nos recortes apresentados acima, os seus gestos devem ser contidos, sua voz a mais baixa e doce, sua postura ereta para manutenção de aparência esguia.

As descrições, concernentes a este discurso, tratam das características físicas, psicológicas e das habilidades apresentando orientações sobre como se portar, sobre hierarquia e, por isto, sobre disciplina. Nomeamos de orientações, pois obedecer a esses requisitos permitiu que essas mulheres fossem perfiladas, fazendo com que o discurso pedagógico acerca dessas perfiladas fossem incluídos na ordem discursiva eleita na época.

Além disso, podemos perceber que há, nos recortes apresentados, algumas referências ao tratamento das mulheres no diminutivo, elas são as “amiguinhas”, “boazinha”, “moreninha”, “criaturinha” (edições 3, 10 e 17, respectivamente). A incidência do uso do sufixo -inho, na Língua Portuguesa, leva-nos a caracterizar os seres no grau diminutivo. Este,

por sua vez, aponta para mais de uma compreensão de sentido: ora relacionado ao tamanho pequeno, ora à delicadeza do ser, ora ao carinho expresso pelo locutor. Diante dessa diversidade de sentidos, observamos também que esse uso nos remete a uma posição hierarquizada necessária para a disciplina, uma hierarquia de vigilância que gera obediência. Carvalho Déda, seus olhos, ouvidos e sentidos estão atentos para perfilar essas mulheres e meninas. Esse locutor constitui-se enquanto um homem mais velho, um jornalista colocando suas observações em uma coluna que pode ser lida por qualquer leitor do jornal. Apesar dessa vigília, na edição 4, identificamos uma perfilada desobediente, que faltou à escola para brincar na rua, um sinal de desobediência, interpretado pelo autor como um traço da infantilidade da perfilada. Tal comportamento nos leva ao argumento foucaultiano, segundo o qual, mesmo sob o regime da disciplina, o sujeito é capaz de resistir, sendo toleradas pequenas transgressões.

Afora os aspectos acima elencados, observamos o discurso segundo o qual o magistério é uma profissão para as mulheres. Isso implica em mais um modelo de comportamento que redundando em mais um processo de subjetivação da mulher, impulsionada a escolher a profissão de professora (recorte da edição 3: “[...] diploma que lhe abriu as portas para o sacerdócio do magistério [...]). Esse discurso, por seu turno, está atravessado pelo religioso, ao relacionar o magistério ao sacerdócio. Este nos remete ao sagrado, estabelecendo uma equivalência entre a disciplina da religião e a da educação. Nesse sentido, retorna ao discurso dos primeiros homens que, após a colonização, ganham *status* de professores no país: os jesuítas. Tal equivalência nos leva ao estabelecimento de relação entre esses discursos, identificando mais um movimento de *reatualização* discursiva, na medida em que há um movimento, no sentido de trazer esses discursos à tona, a partir da memória discursiva. Essa reiteração discursiva não se encontra no âmbito da intenção tampouco diz respeito a um sujeito da consciência. Tal gesto se refere ao fato de o locutor estar atravessado por esses discursos e, ao se constituir o descritor dessas mulheres, traz à tona esses discursos, promovendo, assim, a produção de novos sentidos.

Ainda no que diz respeito ao nosso objeto de estudo, atentando para a época em que o jornal circulava, na década de 1940, é importante destacar que a professora se constitui um sujeito novo no discurso, no âmbito das profissões, já que os homens foram os primeiros a ocuparem esta posição. De acordo com Louro (2017), a atividade docente no Brasil foi iniciada pelos jesuítas e, aos poucos, com a abertura das escolas normais, no século XIX, acontece a “feminização do magistério”, sendo uma tendência de caráter mundial,

desencadeada pelos postos de trabalho industriais mais rentáveis disponibilizados aos homens, proporcionando mais um processo de subjetivação para a mulher, em meio ao seguinte paradoxo:

A fragilidade feminina, constituída pelo discurso religioso, médico, jurídico e educacional é também constituinte de sua proteção e tutela. A professora terá de ser produzida, então, em meio a aparentes paradoxos, já que ela deve ser, ao mesmo tempo, dirigida e dirigente, profissional e mãe espiritual, disciplinada e disciplinadora. (LOURO, 2017, p. 454)

Ainda de acordo com a historiadora, houve resistência a essas transformações por parte da sociedade, pois a esta época circulavam discursos que evidenciavam relações de poder desiguais entre homens e mulheres, nos quais as mulheres eram entendidas como inferiores intelectualmente. Porém, gradativamente, o discurso da maternidade foi associado ao ato de ensinar, como podemos constatar no seguinte recorte: “Como uma abelhinha todas as tardes e as [sic] mesmas horas, ela passa sobraçando uma pasta de couro em demanda da sua <<colmeia>>, não para <<fazer cêra>>, mas para produzir o precioso mel do saber” (Ed. 10). Nesse perfil, CD naturaliza a relação profissional da mulher com os/as seus/suas alunos/as, recorrendo a comparações com natureza. A relação da professora com os/as alunos/as é caracterizada como um cuidado, assim como a abelha rainha tem com sua colmeia. Em outras palavras, uma relação entre mãe e filhos/as.

Para Louro a relação com maternidade foi importante para legitimar a profissão quando exercida por mulheres, “[...] seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem vocação” (LOURO, 2017, p. 450). Este discurso associou alunos/as a filhos/as e possibilitou a saída de algumas mulheres de uma vida restrita a suas casas e igreja.

### III) Discurso institucional

Esta tipologia abraça discursos apoiados em bases institucionais, como são as famílias, a escola, a religião, o Estado, a mídia. Estas instituições tomam como princípio a relação poder/saber e contribuem para subjetivação do indivíduo por meio dos discursos autorizados a circular. A circulação deste tipo de discurso é legitimada pela instituição contribuindo, de acordo com Orlandi (2011), para a garantia da ordem social. Sobre esta tipologia, foram destacados quatro recortes enunciativos referentes às características psicológicas, cinco referentes às características profissionais e habilidades das perfiladas. Nenhum recorte que relacione as características físicas ao discurso institucional foi identificado.

Abaixo, a lista com recortes enunciativos concernentes a esta tipologia discursiva:

a) Características psicológicas

A despeito de haver conquistado com brilhantismo o diploma que lhe abriu as portas para o sacerdócio do magistério, **até hoje não aprendeu a lição mais fácil de gramática, que é a conjugação do verbo amar!** [...] (Ed.3) **(grifos nossos)**

É simpática, de porte elegante, tez morena assetinada [sic], olhos negros cheios de brandura, tendo na face um sorriso suave de doce **castidade**. (Ed. 6) **(grifos nossos)**

Quando sorri – que doce sorriso! – formam-se duas covinhas que dão mais esplendor a sua beleza, e **maior inquietação a certo Cupido que não se cansa de apontar-lhe suas venenosas flechas [sic], sempre errando o alvo**. (Ed.11) **(grifos nossos)**

Como mercúrio, ela também **inimizou-se [sic] com o cupido**, depois de arranca-lhe o carcaz e as flechas [sic], dedicando-se também ao comércio. (Ed. 13) **(grifos nossos)**.

b) Características profissionais/habilidades

A despeito de haver conquistado com brilhantismo o **diploma** que lhe abriu as portas para o sacerdócio do magistério, até hoje não aprendeu a lição mais fácil de gramática, que é a conjugação do verbo amar! [...] (Ed.3) **(grifos nossos)**

Outro dia, lá no colégio, sonhou com férias – sonho de criança – e, transformando-se em irrequieto colibri, **gazeou algumas aulas** comente para dar uns volteios na terrinha querida. (Ed. 4) **(grifos nossos)**

É **estudiosa** e simples como uma bonina na sua singeleza. (Ed. 15) **(grifos nossos)**

Convenci-me mais da assertiva de poeta, quando aproximei-me [sic] daquela doirada acácia e perguntei-lhe a razão de tanta alegria, poia a acácia falou-me com a “alma das cousas”: - Sr. Poeta, é justa a nossa alegria. Preparamo-nos para receber **a alegre estudantada em férias**. A “alma das cousas vibra com a chegada da mocidade alegre, e cada uma de nós, acácias, jasmims, açucenas, boninas, todas as flores enfim, somos fans dos estudantes; eu por exemplo enfeitei-me assim para receber M.T.A”. (Ed. 15) **(grifos nossos)**

Num de seus delicados dedos vê-se **um anel de formatura, fruto de sua inteligência e aplicação**. (Ed. 17) **(grifos nossos)**

Nestes recortes, percebemos que o discurso disciplinar também circula fortemente, e a imprensa se torna um lugar propício para legitimação do casamento como uma instituição. Tal legitimação funciona sub-repticiamente, na medida em que é um jornal local, com espaço dedicado à religião que, em seu editorial, ressalta valores conservadores e tradicionais.

Na posição de jornalista, Carvalho Déda faz parte de uma sociedade do discurso (FOUCAULT, [1970] 2014), legitimada pela divulgação de discursos que se pretendem verdadeiros, utilizando técnicas de escrita eleitas como igualmente legítimas, dispondo de formas de difusão, de circulação discursivas com funcionamentos exclusivos para essa sociedade. O que circula no jornal ganha *status* de verdade, conseqüentemente de saber, advindo do poder dessa mesma sociedade de discurso.

Como podemos observar, a coluna RF está atravessada por interdiscursos de cunho religioso, pedagógico, literário, *reatualizados* quando inseridos no novo contexto, o do intradiscurso. Nos recortes categorizados como pertencentes ao discurso institucional, percebemos a utilização do discurso pedagógico na Ed. 3, quando o autor faz menção à “gramática e a conjugação do verbo amar”, para inserir a informação de que a mulher descrita não é casada: “A despeito de haver conquistado com brilhantismo o diploma que lhe abriu as portas para o sacerdócio do magistério, até hoje não aprendeu a lição mais fácil de gramática, que é a conjugação do verbo amar! [...]” Edição 03 (item III b).

Em outro recorte, na edição 17 (item III b), CD faz menção ao símbolo do anel de formatura para indicar a inteligência da perfilada: “Num de seus delicados dedos vê-se um anel de formatura, fruto de sua inteligência e aplicação”. E, levando-se em conta a época em que o jornal circulava, os locais em que isso era feito, a mulher formada deveria ser advinda de família abastada, pois, além de ter conseguido adquirir uma profissão, carregava ‘um anel [de formatura] no dedo’. Mas CD justifica tal conquista como resultado de ‘inteligência e aplicação’. Deste enunciado, constatamos ainda a relação entre o feminino e a delicadeza, substantivo abstrato igualmente utilizado para caracterização deste ser.

Também se utiliza da medição de tempo escolar, como as férias, para situar a época da produção deste RF, justificando os ares de alegria nos jardins da praça próxima ao colégio: “[...] Preparamo-nos para receber a alegre estudiantada em férias [...]” (Edição 15, item III b). Quanto a esse aspecto, é importante mencionarmos que, na sociedade disciplinar, a medição do tempo funciona como um instrumento de controle das instituições, sejam elas fábricas, quartéis ou escolas, o que Foucault denomina de elaboração temporal do ato. “O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (FOUCAULT, [1975] 2018, p. 149). Entendemos que a indicação das férias escolares é associada à ideia de liberdade, de alegria, indicando, dessa maneira, que a disciplina controla as formas de sentir dentro de uma sociedade do controle.

Em outros dois recortes (Ed.11 e Ed. 13, item III a), a imagem do cupido, pertencente a uma formação discursiva mitológica, é utilizada para fazer alusão ao casamento. Assim como é recorrente a aparição do discurso religioso pedagógico e literário, o discurso mitológico também circula na coluna. Neste caso, trata de amores não correspondidos, tal como constatamos em: “[...] maior inquietação a certo Cupido que não se cansa de apontar-lhe suas venenosas flechas [sic], sempre errando o alvo”. Essa alusão ao mito, no que se refere à escolha da perfilada, é utilizada observando a sua dedicação ao trabalho, em decorrência, possivelmente, de desilusões amorosas. Em outras palavras, a partir desse enunciado, entendemos que ‘trabalho’ e ‘casamento’ são contrastantes; o primeiro ocorre por causa da ausência do segundo.

A mitologia é utilizada discursivamente para exprimir verdades, porém estas não são advindas da ciência, mas da percepção: “Seja quais forem os sistemas de interpretação, eles [os mitos] ajudam a perceber uma dimensão da realidade humana e trazem à tona a função simbolizadora da imaginação” (CHEVALIER, 1993, p.612).

#### IV) Discurso Literário

A este discurso relacionamos os enunciados que se utilizam de elementos da natureza caracterizando as mulheres perfiladas na RF. Podemos notar, analisando os recortes enunciativos realizados a partir das edições dessa coluna, que esse é um discurso recorrente - a ponto de o jornalista assumir a posição de poeta, deslocando-se da imagem do pintor, remissão feita por Carvalho Déda, ao assumir o pseudônimo de Leonardo De Vince. Ademais entendemos que, conforme os enunciados abaixo transcritos da referida coluna, o discurso literário do qual falamos está essencialmente manifestado no uso das comparações e metáforas que, comparadas à literatura circulada na época, leva-nos a classificá-lo enquanto um discurso literário.

Ao relacionarmos o discurso literário com as características das perfiladas, encontramos sete recortes enunciativos concernentes às características físicas; seis relativos às características psicológicas; três que fazem menção às características profissionais e habilidades das mulheres e meninas destacadas pela coluna. É importante ainda destacar que esse discurso está presente em todas as 16 colunas analisadas; aqui apresentamos recortes capazes de representar este todo.

Abaixo, atestamos a circulação desse discurso, consoante os recortes discursivos abaixo relacionados:

## a) Características físicas

Morena – e que moreno lindo! –, tendo **o porte elegante de uma palmeira tropical. (grifos nossos)** (Ed.2)

Nunca dançamos, mas tenho a impressão de que é **mais leve que uma borboleta primaveril. (grifos nossos)** (Ed. 2)

Neste domingo tipicamente sergipano, o visor da nossa objetiva, em feliz flagrante alcançou o perfil de I.R.M., **esta rosa do imenso jardim simão-diense [sic]. (grifos nossos)** (Ed. 3)

Tem a **alvura da primeira luz da manhã. (grifos nossos)** (Ed. 3)

É esbelta e não tendo altura do monte, **é pequenina como aquela avezinha [sic] semelhante a andorinha. (grifos nossos)** (Ed. 3)

**Tão jovem que parece uma flor** no seu desabrochar, **ou uma estrela de primeira grandeza** no seu nascimento. **(grifos nossos)** (Ed.4)

[...] uma faiscante estrelinha de cabelos pretos, olhos pretos e brilhantes **lábios cheios da cor de romã**, porte esbelto de uma fresca rosa. **(grifos nossos)** (Ed. 8)

Suas sobranceiras, que **quais se encontram num abraço fraternal**, formam laços de fita preta **que prendem duas estrelas [...]. (grifos nossos)** (Ed. 9)

Quando sorri – **que doce sorriso!** – formam-se duas covinhas que dão mais esplendor a sua beleza, e maior inquietação a certo Cupido que não se cansa de apontar-lhe suas venenosas flechas [sic], sempre errando o alvo. **(grifos nossos)** (Ed.11)

Tem a fronte alta, cabelos castanhos, olhos grandes, e **a sua tês [sic] é alva como a lua prateada em noite de verão. (grifos nossos)** (Ed. 13)

## b) Características psicológicas

As [sic] vezes **parece travessa como um colibri** que esvoaça irrequieto. **(grifos nossos)** (Ed. 2)

Também **não é mulher, porque é gentil flor**, nascida lá na frescura das fontes, onde as ninfas se banhavam; naquela <<Fonte da Mata>> cantada pelo poeta seu conterrâneo [sic]. **(grifos nossos)** (Ed. 5)

Mas, - pensei – não é estrela, porque estrela não fala, e ela tem uma voz tão meiga, **que leva o poeta a sonhar de olhos abertos! [...]** **(grifos nossos)** (Ed.5)

E qual o meu deslumbramento ao ver surgir a **encarnação do sonho de alguém...** na imagem encantadora de J.I.H.F [...] **(grifos nossos)** (Ed. 10)

É estudiosa e simples **como uma bonina em sua singeleza. (grifos nossos)** (Ed. 15 e 16)

## c) Características profissionais/habilidades

Outro dia, lá no colégio, sonhou com férias – sonho de criança – e, **transformando-se em irrequieto colibri**, gazeou algumas aulas comente para dar uns volteios na terrinha querida. **(grifos nossos)** (Ed. 4)

**Como uma abelhinha** todas as tardes e as [sic] mesmas horas, ela passa sobraçando uma pasta de couro em demanda da sua <<colmeia>>, não para <<fazer cêra>>, mas para **produzir o precioso mel do saber. (grifos nossos)** (Ed. 10)

Convenci-me mais da assertiva de poeta, quando aproximei-me [sic] daquela doirada acácia e perguntei-lhe a razão de tanta alegria, poia a acácia falou-me com a “alma das cousas”: - Sr. Poeta, é justa a nossa alegria. Preparamo-nos para receber a alegre estudantada em férias. A “alma das cousas vibra com a chegada da mocidade alegre, e cada uma de nós, acácias, jasmíns, açucenas, boninas, **todas as flores enfim, somos fans [sic] dos estudantes; eu por exemplo enfeitei-me assim para receber M.T.A. (grifos nossos)** (Ed. 15)

De plantas a pássaros, o agora autodenominado poeta CD recorre a animais, insetos, astros e flores para caracterizar suas perfiladas (“parece travessa como um colibri”, edição 2, III b); [...] mais leve que uma borboleta primaveril”, edição 2, item III a); “lábios cheios da cor de romã”, edição 8, item III a)), uma visão da mulher típica do romantismo. Os discursos dessa escola literária são *reatualizados* na coluna RF, na descrição das mulheres simão-dienses, de uma forma muito próxima às descrições das mulheres de Jorge Alencar ([1865], 1991), a exemplo de Iracema:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.  
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.  
O favo do jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.  
Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.  
(p.7)

Para Beauvoir, esse discurso que indicamos como típico do período romântico da literatura brasileira é recorrente em toda literatura oriental e ocidental, desde a antiguidade:

Ela é toda a fauna e toda a flora terrestre: gazela, corça, lírios e rosas, pêssego sedoso, framboesa perfumada, pedras preciosas, madrepérolas, ágata, perola, seda, azul do céu, frescor das nascentes, ar, chama, terra e água. Todos os poetas do oriente e do ocidente metamorfosearam o corpo da mulher em flores, em frutos, em pássaros. Aqui também, através da antiguidade, da idade média e da época moderna, seria preciso citar toda uma espessa antologia. (BEAUVOIR, [1949] 2016, p. 218)

Esta tipologia, assim como as outras aqui apresentadas, também subjetiva a mulher pelo corpo, característica da sociedade disciplinar, “tendo o porte elegante de uma palmeira tropical” (Edição 2, item III a)). Os elogios referentes à natureza são simbólicos da sociedade que tendem a subjetivar a mulher como frágil, tal como alguns elementos da natureza, como

flores e pássaros, como, por exemplo, encontramos na edição 3 (item III a), “[...] é pequenina como aquela avezinha [sic]”.

A partir das análises de cada tipo discursivo delineado neste tópico podemos concluir que o discurso disciplinar é fundante na subjetivação de um indivíduo enquanto mulher.

#### V) Ruptura discursiva

Como mencionado, ao analisarmos as colunas Retratos Femininos, identificamos discursos de formação religiosa, pedagógica, institucional e literária. Todos eles apresentaram em comum pistas de uma sociedade disciplinar agindo, mediante o estabelecimento das relações de poder e saber, contribuindo para o processo de subjetivação das mulheres. Todas as edições selecionadas para a análise revelavam traços comuns na descrição: as mulheres e meninas selecionadas para serem perfiladas por Carvalho Déda faziam parte do ambiente escolar, eram professoras ou estudantes, e eram destacadas por sua beleza física, exceto por uma edição.

Na 13ª edição do jornal A Semana, Carvalho Déda, sob pseudônimo de Leonardo De Vince, decidiu perfilar uma mulher que não se encontrava no ambiente escolar, ou em suas adjacências, não era aluna e sequer professora. Além disso, não se enquadrava nos padrões de beleza das demais perfiladas, de acordo com a coluna “[...] não possui [sic] formosura”. Esse trecho nos revela também uma interdição no discurso, a mulher não é chamada de feia, demonstrando que nesta ordem do discurso só são permitidos elogios, o discurso do escárnio não é permitido nas condições de produção do discurso da coluna Retratos Femininos. Daí CD lança mão do uso de eufemismo, minimizando a aparência deslocada dos padrões da perfilada.

Abaixo, podemos conferir o texto da coluna:

Logo que cheguei no meu atelier, aproximou-se alguém que desejava encomendar um retrato.

Timidamente falou o estranho cliente: - Sr. Leonardo, eu desejava o retrato de uma meiga criatura que admiro, mas, talvez seja difícil, porque infelizmente ela não possui a formosura das que já posaram para a sua maravilhosa objetiva.

- Ora, meu amigo, respondi, não há dificuldades. Num jardim, todas as flores são flores, e E. M. é também uma meiga flor deste encantado jardim.

Há formosuras e formosuras... A formosura da alma, é a única espécie que não fenece, mas perdura através dos tempos, porque a bondade é imortal.

A perfilada de hoje, se não é dona de completa beleza física, é dona de uma alma cheia de bondade e pureza.

Tem a fronte alta, cabelos castanhos, olhos grandes, e a sua tês é alva como uma lua prateada em noite de verão.

Como mercúrio, ela também inimisou-se com Cupido, depois de arrancar-lhe o carcaz e as frechas, dedicando-se também ao comercio. É inteligente e aplica toda a sua inteligência no seu officio de vender. Tem o dom especial de convencer; assim é que na barra do seu balcão, ela apresenta ao exigente freguês uma fazenda áspera e felpuda, e falcilmente o convence de que a mesma É...LISA!

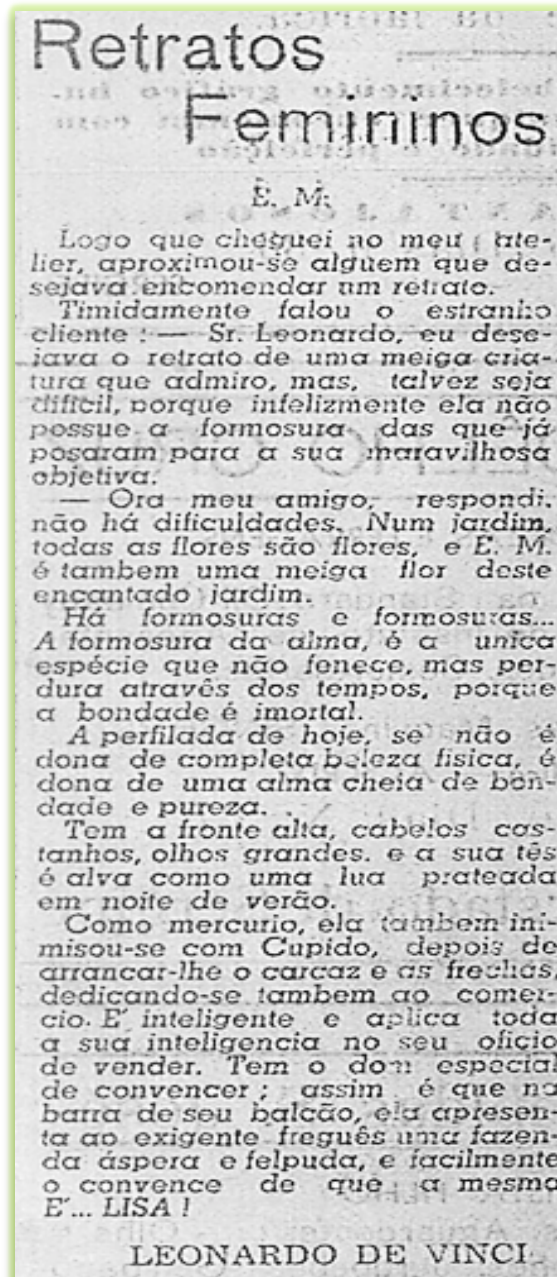


Figura 4 Reprodução: Jornal A Semana, ed. 13 01/12/1946

No decorrer das análises, foi possível identificar o caráter autoritário do discurso circulado na Coluna RF e também nas edições completas d'A Semana – que possuíam pouca

ou nenhuma interação com o público externo, sem espaço dedicado exclusivamente ao leitor, por exemplo. Na 13ª edição, como apresentado, o colunista abre espaço para a sugestão de um admirador, a fim de que ele elabore um retrato, supostamente pintado pelo Leonardo. O discurso, neste ponto, abre-se para uma nova tipologia, de acordo com Orlandi (2011). Consoante tal linguista, identificamos esse discurso como o discurso polêmico, com a propriedade de reversibilidade; neste caso, dá voz a um leitor, numa condição de discurso controlado, apenas sob caráter de sugestão, abrindo-se para uma outra opinião.

Entendemos, então, que a primeira ruptura ocorre no âmbito do sujeito leitor escolher a perfilada. Além disso, esse sujeito reconhece que a sua escolha se desvia do padrão utilizado pelo então pintor, já que não é característica da coluna descrever uma mulher entendida como feia. Entretanto, o locutor pintor adverte o sujeito leitor (alocutário), remetendo-o à relação da perfilada com flores, num jardim. Nesse contexto, o locutor pintor retoma seu lugar de descritor, utilizando comparações concernentes às demais perfiladas. Nesse contexto, remete os leitores para a relação beleza e característica psicológica: a bondade, pureza; remissão comum às características das demais perfiladas.

Ainda que essa edição seja atravessada pelos discursos religioso, pedagógico, ao falar em ‘alma’ e ‘bondade’, por exemplo, o locutor CD apresenta uma mulher cuja função no trabalho não lhe confere um caráter maternal tampouco religioso. Isso porque sua atividade profissional concerne à venda de tecido, distanciando-a do ‘sacerdócio do magistério’, anteriormente já mencionado em descrições de perfiladas. Como já colocado, a subjetivação da professora em uma “mãe espiritual” foi necessária para a legitimação da entrada de mulheres nesta profissão. Como a perfilada era desprovida dos atributos necessários para que o autor a visse como bela, e este acatara uma sugestão, foi necessário o desvio de um discurso que, por tradição, retratava mulheres por sua beleza, para um discurso que valorizasse atributos profissionais, a inteligência e a esperteza da perfilada. Consideramos essa, portanto, uma segunda ruptura com os demais discursos circulados.

De acordo com Pinsky (2017), o crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho se dá por volta da década de 1950 (a coluna data de 1946, apontando uma tendência que estava por vir). As profissões no setor de serviços, no comércio e nas escolas, eram as mais comuns entre as mulheres, profissões que demandavam um saber diferente do saber doméstico e necessitavam de certa escolaridade. Às mulheres era cobrado o saber útil para agradar o marido, para a educação dos filhos, para o cuidado de uma casa. A mulher culta, ou mais inteligente que o marido, era vista como uma ameaça à manutenção das

relações tradicionais, como bem pontua a autora (PINSKY, 2017, p. 626), sobre um contexto da época:

[...] um certo nível cultural era necessário à jovem para que “saiba conversar” [...], entretanto os rapazes evitam as garotas muito inteligentes e a mulher culta tem menos chances de se casar e de ser feliz no casamento.

A historiadora ainda argumenta que as mulheres trabalhadoras eram vistas de maneira preconceituosa; era recorrentemente ressaltado que o casamento não poderia ser atrelado a uma vida profissional. Entretanto, esta constatação é realizada consoante a raça da referida mulher, a classe a que pertencia, já que as mulheres pobres e negras trabalhavam<sup>19</sup> há muito tempo - antes do envolvimento no trabalho por parte das mulheres brancas ter início com caráter emancipatório - para garantir o sustento da casa, remetendo ao passado escravocrata o qual serviu de sustentação da estrutura social do país.

Observamos também que há indícios, no enunciado, de o locutor CD lançar mão de um discurso mitológico, segundo o qual a perfilada dessa edição não é casada. E, apesar da sugestão de a inclusão dessa mulher na coluna RF ter sido feita por um admirador, ela sequer tem um pretendente, já que “inimistou-se [sic] com o Cupido”.

Com essas observações, concluímos que a abertura do discurso para a participação de outros locutores gerou, como mencionado, uma ruptura discursiva. Uma abertura do discurso autoritário para o discurso polêmico significou interação com o público, mais de uma voz na ordem que determinava quem seria a perfilada da vez. Uma mudança nas condições de produção do discurso circulado pela coluna foi necessária para uma mudança em relação à reversibilidade, um leitor que pode opinar sobre o perfil que gostaria de ler na coluna.

Entretanto, percebemos, na mesma medida, há um confronto entre a cristalização e ruptura discursiva, haja vista o locutor utilizar-se de um mesmo repertório descritivo que as demais perfiladas, reiterando, a partir desse repertório, a constituição do sujeito locutor. Em outras palavras, tal como na análise dos recortes discursivos anteriores, a este recorte, de igual modo, subjazem discursos religioso, pedagógico.

---

<sup>19</sup> “No período pós-escravidão, os desafios para a população de mulheres negras continuaram, sendo estas as maiores responsáveis pela subsistência da população negra, já que elas tinham mais inserção no mercado de trabalho do que os homens, ainda em decorrência do trabalho doméstico antes exercido no período da escravidão.

Com a implementação da política de branqueamento após a abolição, que trouxe imigrantes europeus para trabalharem no país, e que tinha por finalidade “embranquecer” a população brasileira, os espaços de trabalho para as mulheres negras ficaram escassos, no entanto, mesmo as famílias brasileiras apontando a preferência por empregadas domésticas brancas, não havia muitas delas disponíveis, já que as condições de trabalho eram precárias.” (OLIVEIRA, 2016, p.21)

O exercício das análises foi necessário para atentarmos para os conceitos que guiaram a nossa pesquisa. Nas considerações finais, avaliamos os nossos objetivos, propostos no início deste trabalho, e retomaremos as questões norteadoras da nossa pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente dissertação, tal como mencionado ao longo dela, buscamos compreender como se dá a *reatualização* dos discursos sobre as mulheres na coluna Retratos Femininos. Para isto, foi necessário um aprofundamento teórico-metodológico, à luz de teorias que pudessem abarcar esta e as demais questões suscitadas neste trabalho. Encontramos o aporte teórico necessário na Análise do Discurso, nos Estudos Culturais, nas teorias feministas e nas teorias foucaultianas. Daí a natureza compósita desta pesquisa.

Além de operarmos este aprofundamento teórico-metodológico, debruçamo-nos sobre as dezessete primeiras edições do jornal A Semana, por não ser possível isolar a coluna RF e não atentar para elementos presentes em suas margens, a partir dos quais encontramos suporte e orientação para as análises. Das dezessete edições publicadas no primeiro ano do jornal, 1946, apenas a primeira delas não serviu de suporte para a coluna, culminando na necessidade de analisarmos os discursos de 16 colunas circuladas da segunda à décima sétima edição do periódico.

No entanto, embora o nosso objetivo tenha sido elaborar uma análise discursiva das colunas RF, este objetivo nos remeteu a outros objetivos específicos: entender como a mulher era retratada pela coluna RF; observar quais discursos circulavam nesta coluna; e, por fim, analisar de que maneira esses discursos puderam contribuir para a subjetivação da mulher (dessa década do século XX), consoante a formação da identidade feminina.

Acreditamos que conseguimos, por meio das análises discursivas, responder os questionamentos propostos. Para que o trabalho pudesse chegar às respostas das questões que o nortearam, foi necessário que, antes de tudo, buscássemos compreender as condições de produção a que se relacionavam as colunas. Discutimos sobre o contexto histórico do Estado de Sergipe e do país, no momento em que circulavam os jornais; refletimos sobre como a mulher é subjetivada, sob uma identidade do que deve ser o feminino, por meio do discurso; abordamos questões acerca do discurso da mídia.

Após elucidarmos a compreensão sobre as teorias trabalhadas, partimos para as análises discursivas do *corpus*. A elaboração de um quadro de análises mostrou-se ser uma decisão acertada, à luz da qual pudemos perceber que havia uma ruptura discursiva na maneira como as mulheres foram perfiladas. Recorremos às teorias da Análise de Discurso, de vertente francesa, consoante Orlandi (2015), para designarmos as tipologias discursivas encontradas, como uma maneira de organizarmos os recortes discursivos destacados e, a partir

deles, atentamos para uma relação entre regularidade e dispersão dos enunciados encontrados nesses recortes. Este se mostrou um caminho exitoso, pois nos permitiu atender às perguntas geradas pelos objetivos do trabalho.

Esse exercício nos proporcionou a possibilidade de cruzamento das informações disponíveis para as análises. Dividimos os discursos encontrados em quatro categorias: o discurso religioso, o pedagógico, o institucional e o literário. Estas categorias se mostravam com predominância, por estarem presentes em quase todas as colunas analisadas. E, por se tratar de uma coluna que se pretendia descrever/pintar mulheres, atentamos para as características de um texto tipologicamente descritivo. Em decorrência disso, elegemos as categorias relacionadas às características físicas, psicológicas, profissionais/habilidades. Então, ao relacionarmos os discursos examinados com as características descritivas observadas, conseguimos estabelecer os recortes enunciativos. Com efeito, consideramos que esse gesto consistiu em uma contemplação, no que diz respeito ao nosso objeto de estudo.

Como resultado desse cruzamento de informações, aproximamo-nos da resposta para o nosso primeiro questionamento, a saber: como se dá a *reatualização* dos discursos sobre as mulheres na coluna Retratos Femininos?

O termo *reatualização* nos remete ao trabalho foucaultiano sobre do funcionamento do discurso, relacionado à dispersão/regularidade do enunciado. Este atua de forma a permitir que se façam dele diversas utilizações; ele aparece sob um jogo de possibilidades de posições ocupadas por um sujeito, não como o resultado da ação do indivíduo (FOUCAULT, [1969] 2012). Ao analisarmos estas *reatualizações* discursivas, questionamo-nos sobre o efeito que elas causam no discurso, o porquê de os enunciados materializarem tais discursos, mesmo que não haja uma relação de intenção tampouco de consciência do sujeito locutor. À luz dessa regularidade/dispersão enunciativa, identificamos que Carvalho Déda enunciava de diversas posições sujeito na coluna: como um pintor especialista em retratar mulheres, ele pintava a beleza; como parte de uma formação discursiva religiosa, CD enunciava passagens bíblicas, referências a elementos presentes na religião judaico-cristã; como jornalista, enunciava de um lugar institucional de verdade; como poeta, mais uma vez, falava sobre o belo, mas se utilizando de comparações com a natureza. Assim, pudemos construir o autor como uma posição discursiva, como um agregador de discursos, em uma coluna pequena, mas formada por um emaranhado de discursos que significavam pela forma como foram *reatualizados*. Tal processo nos leva a uma tensão entre a memória e o esquecimento, por se relacionarem a

discursos ditos e esquecidos. Mas, na medida em que são *reatualizados* há construção de novos sentidos, como observado nas análises.

Afora esses aspectos, é importante destacarmos que todas as tipologias discursivas descritas no trabalho guardam relações com a sociedade disciplinar, como teorizada por Foucault ([1975] 2018). Tal como analisado, consoante as descrições das mulheres retratadas na coluna, o discurso da RF pode entrar na ordem do discurso, por seguir os procedimentos concernentes ao controle dos discursos, relacionados àquela época, quais sejam: remeter a discursos religiosos; apresentar mulheres destacadas pela sua beleza, pelo/a comportamento / postura; demonstrar determinadas habilidades das mulheres; ressaltar a educação formal, adquirida a partir de uma instituição escolar. As mulheres retratadas são descritas pelas colunas por serem parte importante do discurso disciplinar, por se subjetivarem como meninas e mulheres no seu modo de agir, na sua castidade, na sua docilidade e fragilidade, mas também na sua inteligência e educação. Se aqueles são os retratos femininos a receberem destaques, aquelas maneiras descritas são as maneiras que devem servir de exemplo para outras mulheres.

No entanto, encontramos uma ruptura discursiva na edição de número 13 do jornal. Ali foi descrita uma mulher adulta, não era estudante tampouco era professora, dedicava-se ao comércio como profissão, ocupação que não evocava discursos sobre maternidade ou religiosidade, como era o caso do “sacerdócio do magistério”. A perfilada desta edição era uma mulher que não casara e, como “inimizou-se [sic] do cupido”, talvez esta possibilidade do casamento (ou do amor romântico) já estivesse descartada. Seu perfil originou-se de uma sugestão, o que abriu o discurso para o interlocutor (leitor do jornal), antes concentrado apenas nos critérios de escolha de CD e, talvez por isto, tenha sido retratada uma mulher desprovida de beleza (a palavra feia era cerceada na coluna). Destacamos que, ainda que seja uma ruptura em alguns aspectos – como na seleção de uma mulher fora dos padrões de beleza da época – ainda é possível encontrar discursos disciplinadores no enunciado da edição.

Alguns pontos não foram abordados durante as nossas análises, mas acreditamos que eles apresentem potencial para um aprofundamento maior, e que podem servir de sugestões para futuros estudos sobre o objeto. Um deles é a respeito da escolha pelo nome do pintor e cientista Leonardo Da Vinci (aqui sob a forma de Leonardo De Vince): o que o nome deste indivíduo evocava e despertava para que fosse utilizado como assinatura e ocupasse a posição de sujeito/autor das colunas RF?

Outros pontos que não nos foi possível abordar são os que dizem respeito à ocultação do nome das mulheres e meninas perfiladas e à inserção de raça como uma das categorias de análise. Todas as perfiladas tiveram sua identidade protegida com a exibição apenas das primeiras letras dos seus nomes e sobrenomes, no entanto, a coluna oferecia pistas para que os nomes fossem revelados. Questionamo-nos se isso poderia configurar alguma interdição. Como conhecedor das leis, Carvalho Déda, poderia proteger os nomes como uma certa forma de cautela jurídica. Questionamo-nos ainda por que os discursos sobre mulheres negras da cidade não entraram nessa ordem do discurso. São questões que não nos propusemos a responder, mas que poderiam contribuir com os objetivos do trabalho.

De uma maneira geral, acreditamos na importância de tratarmos de um jornal sergipano, da década de 1940, um objeto ainda pouco utilizado em pesquisas, mas com material muito rico para diversas abordagens teóricas e metodológicas. Os grandes feitos, as grandes datas e os grandes homens exaltados pela História tradicional não são os únicos responsáveis pela constituição da sociedade, olhar para o pequeno nos oferece a oportunidade de entendermos fenômenos sociais oriundos de relações de saber e poder que são determinantes para a constituição do sujeito.

Também entendemos que, no atual cenário nacional, revisitar discursos de uma sociedade disciplinar nos ajuda a compreender o quanto essa sociedade ainda está viva e sustentada por certos discursos. Ainda em 2016, deparamo-nos com enunciados como “bela, recatada e lar”, utilizado pela revista *Veja*<sup>20</sup>, na descrição da então primeira dama Marcela Temer. Em 2017, ao apresentar os filhos durante a pré-campanha à presidência da república, o candidato que depois saiu vitorioso contou que é pai de quatro filhos homens, mas que na quarta tentativa deu uma “fraquejada”<sup>21</sup>, em referência à sua filha mais nova. Constatamos, assim, que enunciados, cujos efeitos são de fragilidade, de delicadeza e de exaltação de atributos físicos femininos, ainda são *reatualizados* de diversas maneiras, promovendo a *movência* de novos sentidos.

---

<sup>20</sup> <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

<sup>21</sup> <https://revistaforum.com.br/noticias/bolsonaro-eu-tenho-5-filhos-foram-4-homens-a-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-e-veio-uma-mulher-3/>

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Antonio & DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010.
- BARTHES, Roland. A Morte do Autor. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo; tradução Sérgio Millet, 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016
- BUITONI, Schroeder Dulcília. **Mulher de Papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 13ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CHARTIER, Roger. **O que é um autor?**: revisão de uma genealogia. São Carlos: Edufscar, 2012
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe**: República (1889-200). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- DE VINCE, Leonardo, I.R.M., **Jornal A Semana**, Simão Dias – SE, 29 dez. 1946. Retratos Femininos, p.4, ed.17.
- DÉDA, José de Carvalho. **Brefaias e Burundangas do folclore sergipano**. Aracaju: J. Andrade, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Coletânea Carvalho Déda Vida e Obra**. Aracaju: J. Andrade, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Simão Dias**: Fragmentos de sua história. Aracaju: J. Andrade, 2008.
- DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: **O mistério de Ariana**. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega/Passagens, 1996, p. 83- 96.
- FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino, In: PRIORE Del Mary (Org) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 1ª edição. São Paulo: Elefante, 2017.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MOTTA, M. de B. da. **Ditos e escritos III**. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Petrópolis: Forense Universitária, [1969] 2009.
- \_\_\_\_\_. **A Arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969] 2012.
- \_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad. Eduardo Jardim e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Nau, [1973] 2013.
- \_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.

Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p. 272 – 295.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, [1975] 2018.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do discurso**. 17.ed. São Paulo: Edições Loyola, [1970] 2014.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 6ª edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, [1976] 2017.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 5a edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Discurso e memória: movimentos na bruma da História. In: **Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências**. Marília: UNESP, 1997, p. 45-58.

\_\_\_\_\_. A mídia e a espetacularização da cultura. In: GREGOLIN, M. Do R. (Org.). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

\_\_\_\_\_. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso** - diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004

\_\_\_\_\_. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007. Disponível em:

<http://200.144.189.42/ojs/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/viewFile/6865/6201>. Acesso em: 27 jul. 2018.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

KHEL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. 2ª edição. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. Arquivo do Kindle.

LOURO, Guacira L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pró-Posições, v.19, p. 17-23, 2008.

\_\_\_\_\_. Mulheres na sala de aula In: **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, L. A. Aspectos da questão metodológica na análise da interação verbal: o continuum qualitativo-quantitativo. in: **Revista latino-americana de estudos do discurso**. Vol. 1, nº1, ago., 2001, p 23-42.

MATHEUS, Leticia C. **Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos**. Rio de Janeiro: Mauad: Faperj, 2011.

MEDEIROS, Vanise. Discurso Cronístico: uma “falha no ritual” jornalístico. **Linguagem em Discurso** – LemD, Tubarão, volume 5, p 93-118, jul/dez 2004. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0501/050105.pdf>. Acesso em 20 de março de 2019.

OLIVEIRA, Laila Thaise Batista de. **A mulher negra na primeira pessoa: uma construção de raça e gênero nas novelas protagonizadas por Taís Araújo**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. p. 19-27.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar. *in* **Linguística**: questões e controvérsias. Série Estudos 10. Uberaba, Minas Gerais, 1984. p. 9 – 26.

\_\_\_\_\_. **A Linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2006

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

PAIM, Alina. **Simão Dias**. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – EDISE, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pucinelli Orlandi (et al.). Campinas, São Paulo: Pontes, Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. (et al). **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PINKY Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados, In: PRIORE Mary Del (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

PRIORE, Mary Del. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

REVEL, J. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SABOT, Philippe. **O que é uma sociedade disciplinar?** Gênese e atualidade de um conceito, a partir de Vigiar e Punir. Dois Pontos: Curitiba, São Carlos, volume 14, p. 15-27, abril de 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufscar.br/periodicos-ufscar/revista-dois-pontos>. Acesso em 20 março de 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SYLVIA, Yara. Comentários sobre o casamento, **Jornal das moças**, Rio de Janeiro. 2 de outubro de 1952, edição 1946, p. 11. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031\\_1952\\_01946.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1952_01946.pdf). Acesso em: 20 jun. 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

**ANEXOS**

## Anexo A: Documento disponibilizado por Carlos Alberto Déda sobre o jornal A Semana

### Um depoimento sobre o jornal “A SEMANA”

Por Carlos Alberto de Oliveira Déda (Beto Déda)

O sonho de meu pai, jornalista José de Carvalho Déda, conhecido em Simão Dias como Zeca Déda, era editar seu próprio jornal. Sua pretensão foi concretizada em 1946, quando firmou contrato com tipografia existente na cidade para impressão de um periódico, que denominou “A Semana”. O primeiro número do semanário circulou no dia 08 de setembro de 1946, sob a direção dele e de seu irmão Francino Silveira Déda.

Em seu primeiro editorial ele expressou a linha a ser seguida:

*“Conhecemos o caminho a percorrer, como sabemos as dificuldades e dissabores que nos esperam nas encruzilhadas... Seguiremos, a despeito de tudo quanto vier antepor-se ao nosso caminho, sem desprezarmos jamais a nossa linha de conduta honrada, a nossa coragem cívica e, sobretudo, a nossa honestidade, único cabedal que herdamos dos nossos honrados ascendentes e queremos conservar intacto para partilharmos com os nossos descendentes. ‘A Semana’, esta folha que agora entregamos ao público de nossa terra, é e será, deste modo, um fruto da nossa honestidade, da nossa moderação e uma afirmação de que somos capazes de assumir a defesa dos interesses desta hospitaleira terra de S. Ana”.*

Nesta primeira fase, “A Semana” circulou aos domingos, até 29 de junho de 1947, quando sua edição foi interrompida por força do encerramento do contrato de impressão, devido a alienação e transferência da tipografia para outra cidade.

Sem condições imediatas para adquirir uma gráfica, ele teve que suportar a interrupção do jornal, mas não deixou de escrever em outros periódicos e de cultivar o sonho de dar continuidade ao semanário. Já no início dos anos cinquenta, andou em busca de alguma tipografia usada, anunciando esse seu interesse entre amigos. Em carta de 05.11.1951, seu parente, Dr. Carvalho Neto, respondia do Rio de Janeiro seu pedido de informação:

*Tenho procurado muito uma tipografia. Preços inacessíveis. Mesmo maquinaria velha está custando preço exorbitante. O Orlando Dantas comprou uma máquina velha – só a máquina – por cinquenta mil cruzeiros. Não deixo, porém, de procurar.*

A oportunidade surgiu em 12.04.1953, quando Carvalho Déda adquiriu o maquinário em Leilão Público na cidade de Propriá, mediante Carta de Arrematação assinada por Dr. João Fernandes de Britto.

Dispondo de oficinas próprias na Rua Dr. Joviniano de Carvalho, nº 37, em Simão Dias, papai voltou a editar “A Semana” sob sua direção e gerência, em 18 de julho de 1953, ocasião em que reafirmou a orientação doutrinária:

*Houve um hiato que não desejamos, porque queremos vida longa. Nunca, porém, apagou-se no nosso espírito a vontade de prosseguirmos... Volta ‘A Semana’ a circular com roupagem nova, isto é, tamanho maior, maior tiragem, mais completa materialmente... A orientação doutrinária é a mesma. A nossa pena estará sempre a serviço do povo simãodiense... No que diz respeito à política, podemos assegurar que jamais nos afastaremos da verdadeira ética.*

O jornal seguiu em frente, publicado sempre aos sábados, com o feitio literário, noticioso e combativo. Como jornalista versátil, escrevendo sobre variados temas, Carvalho Déda usava vários pseudônimos para evitar a repetição de seu nome em uma mesma edição. Assinava **Leonardo de Vinci**, na seção “Retratos Femininos”; **Carlos Eugênio**, na “Seara Sergipana”; **Marco Aurélio** em reportagens; **Pakésio**, em artigos políticos; **João Sem Terra**, na “Coluna dos Lavradores”; **Lynce**, nos “Aspectos da Cidade”; **Cazuza** e **Caduda**, em alguns artigos. Nunca assinou ou usou pseudônimo em suas xilogravuras nem na coluna “**Política em Pequenas Doses**” que escreveu, ininterruptamente, até a véspera de sua morte.

Para ilustrar o jornal, a partir de 1959, passou a fazer xilogravuras com perfis de personalidades da época. Fez mais de quatrocentas xilogravuras que satirizavam fatos de repercussão local, estadual e municipal em uma seção sob o título “A Piada da Semana”. Poucos dias antes de falecer, resolveu assinar o pseudônimo Zélis em duas xilogravuras, publicadas na edição nº 811, de 21.08.68

Um companheiro inseparável foi o seu irmão, jornalista Francino Silveira Déda (Tio Sininho), que escrevia, ininterruptamente, uma crônica semanal sobre assuntos variados. Também colaboraram com artigos: Antônio Conde Dias, Clarita Santana, Max Neto, Artur Oscar de Oliveira Deda, Carlos Alberto de Oliveira Déda, W. F. Santos, Renato Nunes, João Lima Filho, Zenas Campos, José Osvaldo Machado e Silva, Edson Caetano, Edson Carvalho Oliveira, Luiz Santa Bárbara, Antonio Ferreira Filho, Cláudio Dinart Déda Chagas e José Aloísio Freire. Àquela época, muitos jovens simãodienses prestaram colaboração ao jornal como aprendiz, sob a orientação dos tipógrafos Sílvio, Valter Carvalho Oliveira e Luiz Santa Barbara. Lembro-me dos seguintes colegas: Luiz Carlos Santos (que se tornou tipógrafo profissional), Raul Vieira, Cláudio Déda, Osmar Barreto, Manoel de Dona Tude, Daniel Guimarães, José Américo Rodrigues e José Oliveira Santos.

“A Semana” circulou, sem interrupção e sem incidentes de percurso, até meados de 1967, quando, por motivo de saúde, seu diretor teve que interromper sua circulação. Deixou sob minha responsabilidade todo maquinário. Passei a utilizar a tipografia na realização de serviços de impressão sob encomenda: notas fiscais (conhecidas como “*Seu talão vale um milhão*”), bilhetes de rifas, panfletos, santinhos, rótulos de vinagre e de vinho etc.

Dois meses após a interrupção, sem disfarçar a tristeza pela falta do jornal, papai começou a me convencer da necessidade do retorno de “A Semana”, em nova fase, na qual ele seria o diretor responsável e eu assumiria a direção administrativa e financeira. E para ser convincente, ele apresentava uma relação de pessoas (tendo à frente Dr. Salustino Neto) que o procuravam para pedir a volta do jornal. Olhando-me com firmeza dizia em tom que soava como uma ordem: – *A Semana deve voltar!*

E realmente voltou. Realizei uma pesquisa para quantificar e identificar os assinantes, patrocinadores e anunciantes interessados. O resultado foi incentivador. Realmente fiquei impressionado com o interesse e o estímulo da população para a volta do jornal.

Combinamos, então, em ampliar e melhorar a edição. Assim é que, em 16 de dezembro de 1967, reapareceu “A Semana” com nova roupagem, sob a direção dele e minha, continuando, todavia, sem alterar sua ética e a cuidadosa orientação democrática, em defesa da cidade. Jamais esquecerei a satisfação que ele demonstrou à tardinha daquela sexta-feira, dia 15.12.67, quando lhe apresentei o primeiro exemplar da nova fase do jornal. Ele folheou página por página e, revelando sua alegria, voltou-se para mim e disse com entusiasmo: – *Continuamos editando o melhor jornal do interior de Sergipe!*

Em 01.09.68, ele deixou sobre sua mesa de trabalho o último escrito para o jornal: o editorial “Reformas”. Faleceu no dia seguinte, 02.09.1968, de enfarte do miocárdio, aos 69 anos de idade, em plena atividade intelectual. Nos dias seguintes, amargurando a dor da imensa perda, preparei a edição especial de 07.09.1968, em que “A Semana” prestou homenagem póstuma ao pranteado fundador e diretor.

Sob minha direção, o jornal continuou circulando, inclusive mantendo – embora sem jeito – as seções “Política em Pequenas Doses” e “A Piada da Semana”. Não durou muito. Minha atividade profissional, como funcionário do Banco do Nordeste, impediu-me de continuar dedicando-me à direção e edição do jornal. Assim é que, sem outra opção, com imensa tristeza tive que fechar “A Semana”. Seu último número foi editado em 25 de janeiro de 1969. Conservei a tipografia, por seis anos, na esperança de surgir alguém que se interessasse em continuar com o jornal. Dissipou-se a esperança em 1975, quando, por falta de alternativa, tive que alienar todo o maquinário, em virtude de minha transferência para a cidade baiana de Jequié, onde fui chefiar o Setor de Crédito Rural da Agência do BNB naquela localidade.

*A Semana* foi um referencial na imprensa sergipana. Veja o que escreveu Luiz Antônio Barreto:

*A Semana é uma escola, no sentido de que ela ensina a fazer jornal e a tratar as páginas dos jornais com a dignidade da boa notícia, do comentário justo, da denúncia e da cobrança necessários e acima das questões locais. Mais que isto, A Semana tem arte em suas páginas, seja pelas charges, caricaturas, ou seja, pelas ilustrações que fizeram de Carvalho Déda um artista, que aliou no batente do jornal muitas qualidades requeridas pelo jornalismo. (BARRETO, Luiz Antônio. Carvalho Déda no batente do jornal. In [www.infor.net.com.br](http://www.infor.net.com.br), 05.12.2008).*

Vivi intensamente, desde os 12 anos de idade, a vida daquele jornal. Em 1953, assim que a tipografia foi instalada, levado por meu pai, passei a frequentar as oficinas e a redação de “A Semana”. Fui aprendiz, tipógrafo, entregador dos exemplares nas casas dos assinantes, vendedor, cobrador, articulista, repórter, gerente e, por fim, diretor. É verdade que se tratava de um pequeno jornal de interior em que tudo era feito artesanalmente, com muito esforço, dedicação e amor. Para mim, entretanto, foi e sempre será o maior e melhor jornal do mundo. Foi naquela redação/oficina – ouvindo o ruído da impressora rotativa manual e sentindo o cheiro da tinta fresca de impressão, que tive um convívio inesquecível de rico aprendizado com meu pai.

Agora, passados tantos anos, relembro com saudade aqueles bons tempos, ao ver digitalizadas e editadas em DVD todas as edições do nosso jornal, cujo acervo eu conservei com grato cuidado. E fico muito feliz com toda essa lembrança...

Aracaju, novembro de 2011.

Carlos Alberto de Oliveira Déda (Beto Déda)

## Anexo B: Primeira página da primeira edição do jornal A Semana

DOMINGO  
8  
SETEMBRO  
1946

# A SEMANA

ORGÃO LITERÁRIO, INDEPENDENTE E NOTICIOSO

CIRCULAÇÃO AOS DOMINGOS

) Francisco Silveira Déda  
) José de Carvalho Déda

REDATORES — ) Diversos

Redação - RUA DR. JOVINIANO CARVALHO N.º 2

---

ANO I

Simão Dias, 8 de Setembro de 1946

Numero 1

---

## "A SEMANA" Em Lagarto

**Visita Interventorial**

No domingo passado a zinha cidade de Lagarto recebeu oficialmente a primeira visita oficial do Interventor Freitas Brandão.

Às 9 horas já a residência do Cel. Manoel Emílio de Cavalho, chefe do Governo daquele pequeno município, achava-se repleta de amigos e correligionários de S.S. de comissões representativas da oposição local, bem como de pessoas de destaque político e social da nossa Simão Dias.

Precisamente às 10,30 h., sobramoniosos sons da Filarmônica regida pelo maestro Abdénago Oliveira, chegava à residência do Excmo. Prefeito, S. Exa., o Interventor Federal acompanhado de brilhante comitiva. Após as apresentações ao estilo o ilustre visitante, acompanhado de sua comitiva e de grande massa popular, dirigiu-se para o Grupo Escolar «Sívio Romero» onde recebeu significativa manifestação dos corpos administrativo, docente e discente daquele estabelecimento de ensino, dirigindo-se em seguida à sede do Tiro de Guerra 143, com um grupo de jovens atiradores, e o comando do valoroso instrutor Sargento José Alves, prestou digno visitante as continências que lhe são devidas.

Em seguida dirigiu-se S. Exa. à residência do Sr. Felisbeto Almeida, sede da U. D. N., para retribuir visita que lhe fizera o Diretor daquela agremiação política, na mesma ocasião usado da palavra Sr. Joelino Carvalho, comerciante em Aracaju. Despedindo-se S. Exa. rumou para o suntuoso edifício cem-constituído pelo Governo com cooperação espontânea e inesgotavelmente patriótica do Sr. Acir Garcéz, cujo prédio destina-se ao serviço de saúde do município.

Seriam 11,30 h. quando realizou a solenidade de inauguração da unidade do D. de Saúde, bem como a aposição, no salão principal, retrato, em ampliação, do Sr. Acir Garcéz, vulto destacado da política sergipana e grande beneficenterrá que lhe serviu de berço. O nome do Diretor Geral do D. de Saúde, falou o Dr. Lauro Hora, guiando-se com a palavra o chefe do Distrito sanitário a que está subordinada a nova unidade, bem como o Delegado Federal de Saúde.

CONCLUE NA 4a. PAG.

## O NOSSO APARECIMENTO 7 de Setembro

Todo o País comemorou ontem a sua data magna.

Foi no dia 7 de Setembro de 1822, às 4 ou 4 1/2 horas da tarde de um belo dia de sábado, que o Príncipe D. Pedro, nas margens do Ipiranga, indignado ao receber a notícia de que nas Côrtes de Lisboa os Deputados brasileiros eram humilhados e ameaçados. Soltou o brado de INDEPENDENCIA OU MORTE, que nos trouxe plena soberania.

Gloria eterna ao fundador da nossa Independência!

### A «SEMANA» EM PARIPIRANGA

Paripiranga é a florescente Cidade do nordeste da Bahia, distando desta Cidade, apenas nove quilômetros por estrada de rodagem.

Há, ali, homens trabalhadores e administradores de visão larga como Jonathas Lima que nunca mediu sacrifícios pelo engrandecimento da terra que lhe serviu de berço.

Por isso, é espantoso o progresso de Paripiranga.

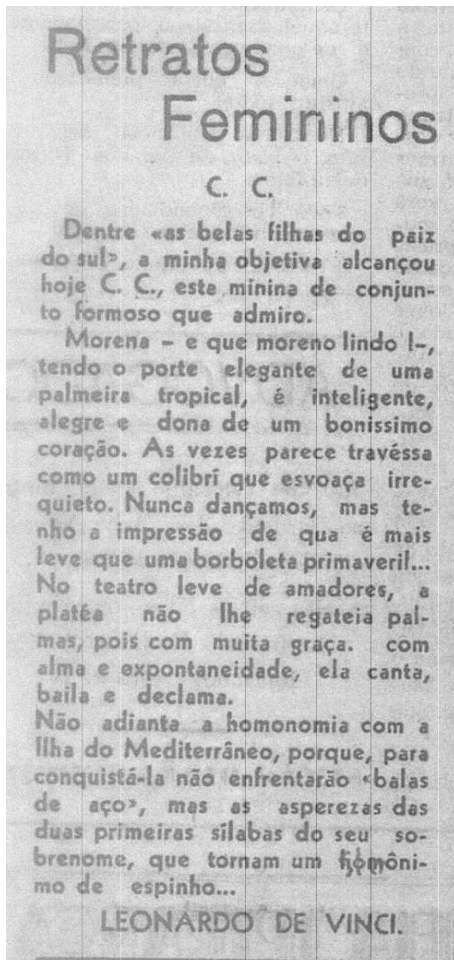
Por onde passarmos nas suas ruas, havemos de observar uma obra de vulto, um rastro luminoso das administrações Jonathas Lima.

Agora mesmo, a inauguração da iluminação elétrica da Cidade, causou uma impressão agradávelíssima; pois há, ali, luz em profusão e podemos dizer: Luz finíssima, das melhores do nordeste baiano. Por outro lado, o GRÊMIO VITORIA, instalado em confortável proprio Municipal, é uma agremiação que ensalte a sociedade de Paripiranga que, por todos esses e outros tantos melhoramentos, em tão curto espaço de tempo, acha-se de parabéns.

A «SEMANA», felicite o povo da vizinha Cidade e espera receber brevemente, a permuta do seu colega VOZ DE PARIPIRANGA.

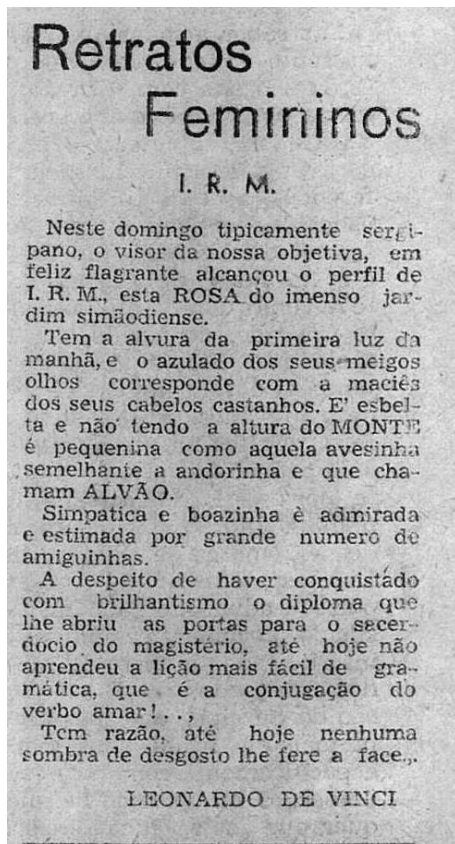
**Anexo C: Colunas Retratos Femininos publicadas em 1946**

Figura 1: edição 2 coluna RF



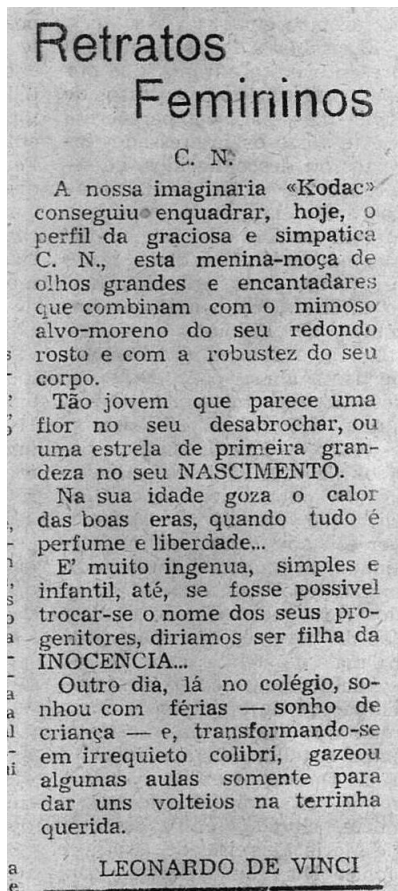
Reprodução: Jornal A Semana 15/09/1946

Figura 2: ed. 3 coluna RF



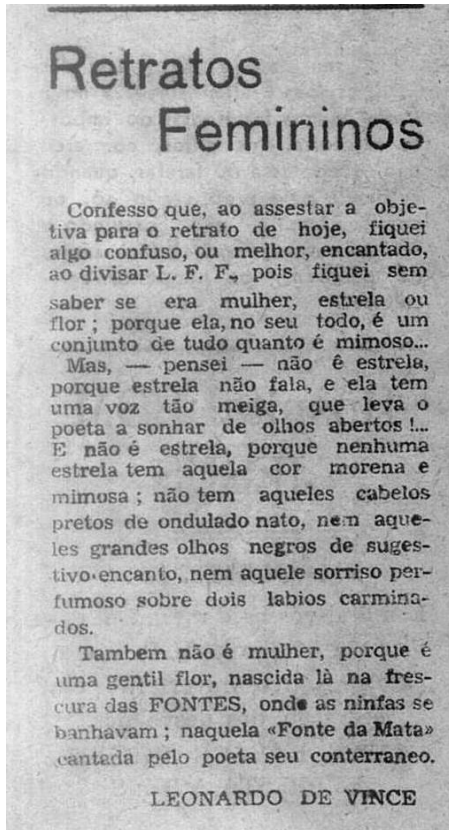
Reprodução: Jornal A Semana 22/09/1946

Figura 3: ed. 4 coluna RF



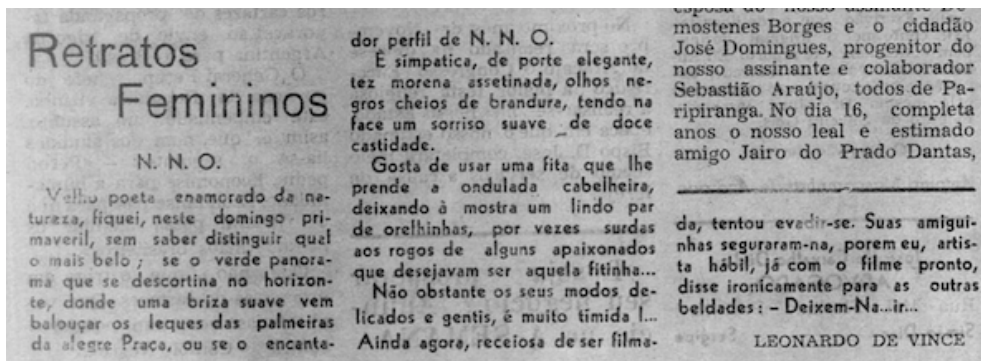
Reprodução: Jornal A Semana 29/09/1946

Figura 4: ed. 5 coluna RF



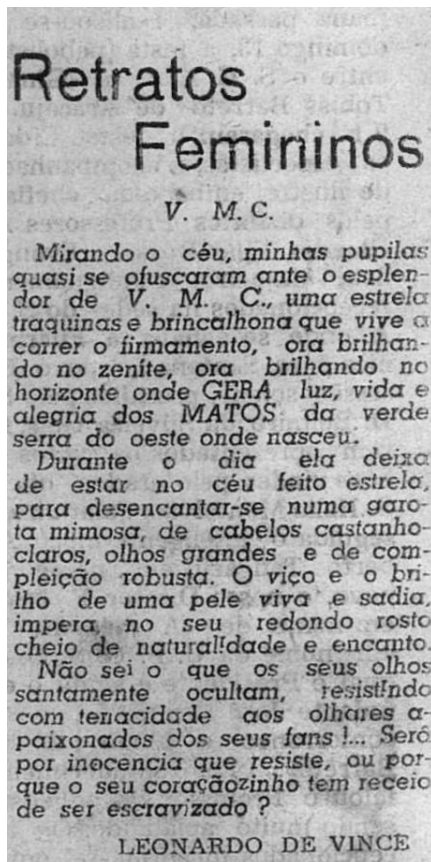
Reprodução: Jornal A Semana 06/10/1946

Figura 5: ed. 6 coluna RF



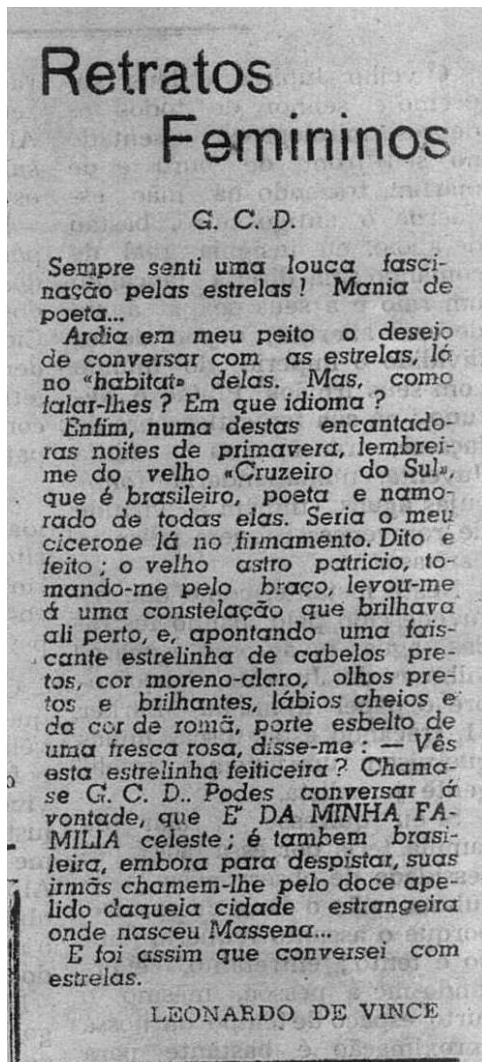
Reprodução: Jornal A Semana 13/10/1946

Figura 6: ed. 7 coluna RF



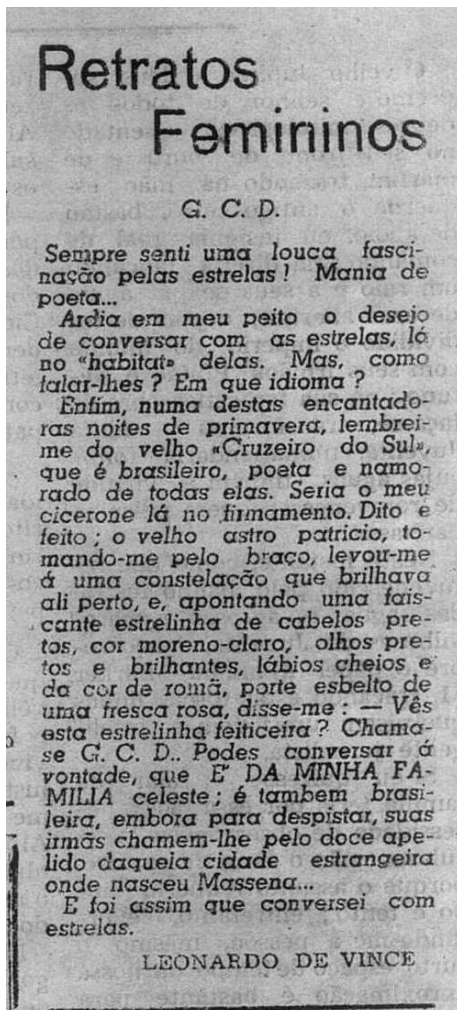
Reprodução: Jornal A Semana 20/10/1946

Figura7: ed.8 coluna RF



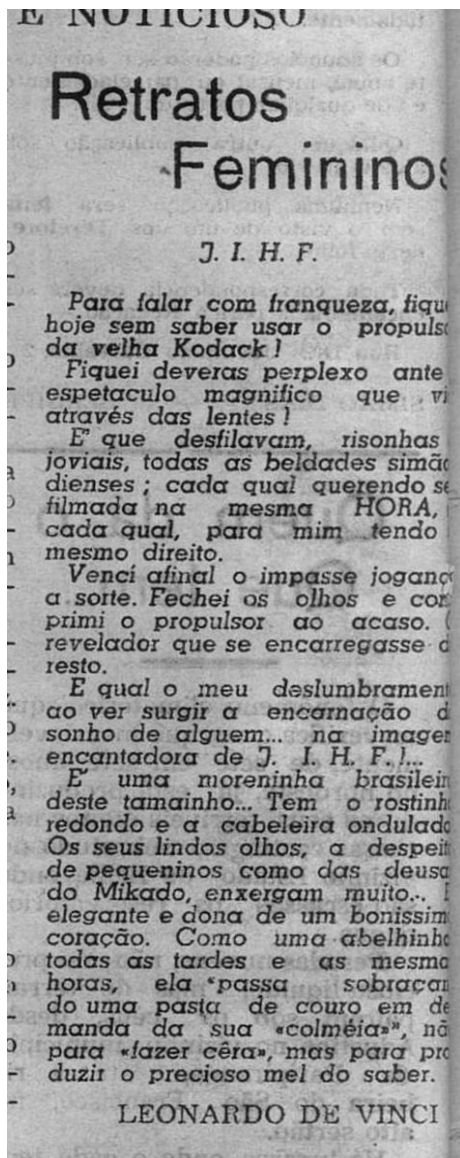
Reprodução: Jornal A Semana 27/10/1946

Figura 8: ed. 9 coluna RF



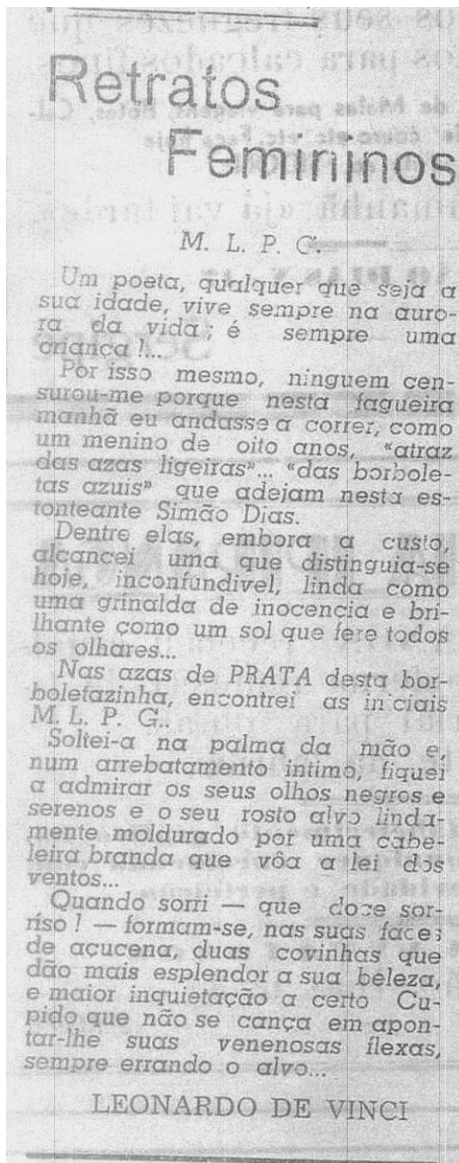
Reprodução: Jornal A Semana 03/11/1946

Figura 9: ed. 10 coluna RF



Reprodução: Jornal A Semana 10/11/1946

Figura 10: ed. 11 coluna RF



Reprodução: Jornal A Semana 17/11/1946

Figura 11: ed. 12 coluna RF

RONDA DA MORTE  
Com CHESTER MORRIS

---

**Retratos  
Femininos**

R. G. H.

Terminadas as solenidades do Congresso Eucarístico Diocesano, todos voltaram mais contritos e dispostos a meditar algo sobre a vida espiritual.

Eu também, como bom cristão abandonei por algum tempo as inspirações profanas, para entregar-me aos assuntos sacros.

Quanta poesia também nos textos bíblicos!... Ao acaso li trechos sobre Jacob. Já naqueles tempos o amor presidia o destino dos namorados; assim é que o jovem JACOB deixava o longínquo ocidente para desposar uma jovem filha do oriente. Em caminho, cansado, Jacob dormiu e sonhou que via uma escada de retroz

que ia da terra ao céu, pela qual subiam e desciam anjos de candura.

Inspirado assim é que também sonhei que via R. G. H., esta moirena simpática, de rosto redondo, olhos pretos e serenos, boca pequena e bem feita e lindas sobrancelhas de retroz. Ainda em sonho eu via, de um dos fios de retroz da sobrancelha da perfila-da de hoje, formar-se também uma escada que ia da terra ao firmamento, mas com uma outra esca-da; é que, pela escada do meu sonho, não subia nem des-cia nenhum anjinho, mas o pro-prio Jacob.

LEONARDO DE VINCI

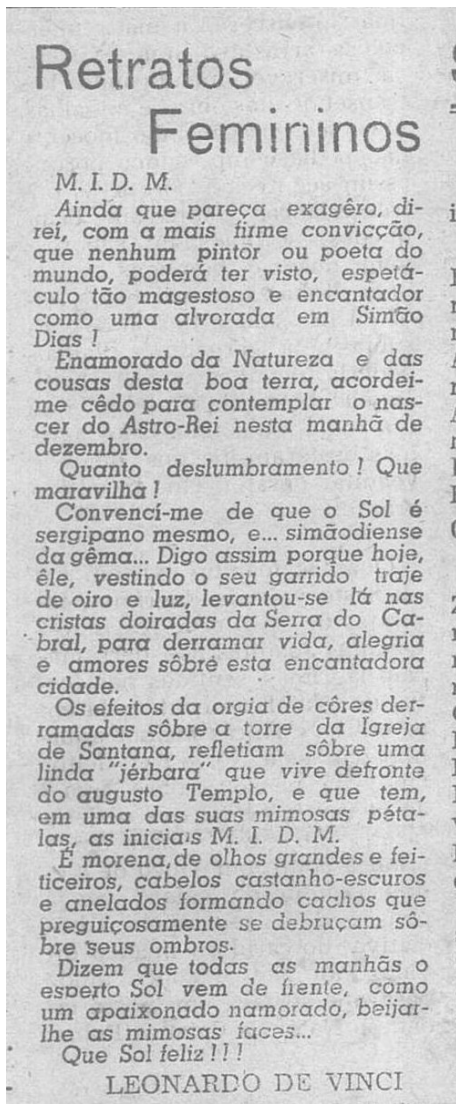
Reprodução: Jornal A Semana 24/11/1946

Figura 12: ed. 13 coluna RF



Reprodução: Jornal A Semana 01/12/1946

Figura 13: ed. 14 coluna RF



Reprodução: Jornal A Semana 08/12/1946

Figura 14: ed. 15 coluna RF



Reprodução: Jornal A Semana 15/12/1946

Figura 15: ed. 16 coluna RF

## Retratos Femirinos

T. F. A.

Todas as flores reunidas vieram no nosso atelier reclamar contra um defeito verificado na moldura do retrato de domingo. Ameaçavam acionar-me em juízo.

A experiência manda que nós, os poetas, não demandemos nunca com flores, sobretudo quando elas têm razões, de sobra...


Alem disso, a experiência amarga de um prélio que durou mais de vinte anos nos tribunas da Europa, quando os *trades* "barbadinhos" reclamavam algo sobre a famosa tela "A Virgem dos Rochedos", fez que o ponderado Leonardo de Vince se abstivesse de dissídios...

Houve efetivamente um erro no retrato de domingo, pois as iniciais seriam T. F. A. e não como saíram, M. T. A.

Explica-se: embriaguei-me ante a beleza de T. F. A. e errei. Aquelle "m" do seu nome, que é o mesmo da bela Santa do Menino Jesus, fez confusão, mas agora todos saberão que a perfilada de domingo é a mesma perfilada de hoje, isto é, T. F. A. é aquella mesma moreninha bonita, simpática e boa, de cabelos pretos, nariz bem constituído, boquinha rubra de coral e dona de dois olhos pretos de rara expressão e beleza. É estudiosa e simples como uma bonina na sua singeleza.

Como uma compensação pelo erro, dedico à linda perfilada de hoje este quinteto:

—Sendo filha de uma "rosa"  
De estirpe mui "generosa"  
Aí está a razão:  
Alem de ser tão formosa,  
Tem um belo coração!

 LEONARDO DE VINCI

Reprodução: Jornal A Semana 22/12/1946

Figura 16: ed. 17 coluna RF

## Retratos Femininos

M. L. T. C.

A arte de confeccionar "Retratos Femininos", não é tão simples como se imagina.

O artista há de estudar todos os traços de beleza da "madeirosele", estudando também a sua alma, e o mais delicado de tudo: a psicologia dos leitores, tendo em vista que, aquilo que a alguns por lindo encanta, a outros...

Como se vê, é uma ciência, e como ciência tem as suas leis...

O grande Newton descobriu as leis da atração, as quais, depois de uma observação minuciosa, vêm de ser alteradas por mim, com o princípio que adotei: — A beleza atrai a beleza na razão direta dos corações e na razão inversa das suas distâncias...

Vem como exemplo a presença entre nós de M. L. T. C., embaixatriz da beleza de outra cidade longínqua, e também... de Santana.

A beldade que hospedamos, não veio atraída pela tendência de combinação com a Divina Padroeira das duas cidades, mas pela nova lei de atração: — A beleza atrai a beleza na razão direta dos corações...

Sendo Simão Dias de Santana uma encantadora cidade de meninas belas, por isso atraiu a bela perfilada de hoje.

É uma meiga criaturinha de cutis alvo-morena, nariz bem modelado, olhos castanhos, lábios carminados, sobranceiras formando duas adoráveis meias luas, cabeleira castanha e rica de mimosos anéis. No seu queixo forma-se uma covinha que enfeitiça a gente. Alguem, admirando-a, exclamou a seu modo: — Aquela "barroquinha" do queixo...

Num dos seus delicados dedos vê-se um anel de formatura, fruto da sua inteligência e aplicação.

LEONARDO DE VINCI

Reprodução: Jornal A Semana 29/12/1946